



évora

PLANO
MUNICIPAL
JUVENTUDE



DIAGNÓSTICO JUVENIL OS JOVENS EM ÉVORA DOS 15 AOS 29 ANOS



DIAGNÓSTICO JUVENIL: OS JOVENS EM ÉVORA DOS 15 AOS 29 ANOS

ÉVORA - MARÇO 2019

FICHA TÉCNICA

Título: Diagnóstico Juvenil: os Jovens em Évora dos 15 aos 29 anos

Editor: Câmara Municipal de Évora | Centro de Investigação em Matemática e Aplicações da Universidade de Évora | Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais da Universidade de Évora

Autores: Paulo Infante, Rosalina Pisco Costa, Anabela Afonso, Gonçalo Jacinto, José Conde e Maria Luísa Policarpo

Design: Câmara Municipal de Évora | Gabinete de Comunicação | Fábio Teles

Suporte: em linha

ISBN: 978-989-8550-82-8; 978-972-8509-64-4

Este trabalho é parcialmente financiado por Fundos Nacionais através da FCT- Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto «UID/MAT/04674/2019 (CIMA)» e «UID/SOC/04647/2019 (CICS.NOVA)».

PREFÁCIO

Diagnóstico Juvenil do Concelho de Évora: Os Jovens em Évora dos 15 aos 29 anos constitui o terceiro e último volume de um importante trabalho de investigação que pretende caracterizar os jovens eborenses, envolvendo problemáticas e abordagens estratégicas com vista à elaboração do Plano Municipal da Juventude de Évora.

Enquanto as anteriores publicações – *Diagnóstico Juvenil: Os alunos do Ensino Secundário* e *Diagnóstico juvenil: Jovens Estudantes da Universidade de Évora, Trabalhadores e Desempregados* – privilegiaram uma abordagem sobretudo estatística, neste último volume recorreu-se a uma abordagem de análise qualitativa, aplicada sobre os contributos resultantes de três grupos focais, criteriosamente constituídos por especialistas e alguns responsáveis de organizações com competências na área da juventude no Concelho de Évora. Os resultados obtidos são aqui confrontados (e validados ou não) com os resultados estatísticos sobre as mesmas temáticas ou realidades estudadas, reforçando a importância do cruzamento dos dois métodos (quantitativo e qualitativo) para um conhecimento mais aprofundado da população em estudo.

Este volume acrescenta, por isso, novas informações, evidenciando também ideias sobre as problemáticas já abordadas e os seus contraditórios, resultantes do processo reflexivo da discussão.

Afirmando-se como a súmula conclusiva de todo o estudo, pretende-se aqui resumir o que de mais importante se concluiu. No entanto, o entendimento do fenómeno em análise não é verdadeiramente possível sem uma atenta leitura das anteriores publicações, acima referidas. Para o efeito, foi fundamental o grande empenhamento de uma qualificada equipa da Universidade de Évora, a partir dos Departamentos de Matemática e Sociologia, que assumiram a responsabilidade de todo o processo de investigação e a Autarquia, através da Divisão de Juventude e Desporto e Gabinete de Comunicação, que apoiou o estudo em causa, e assumiu alguns procedimentos do mesmo e demais aspectos técnicos operacionais. A Universidade como a grande *casa do conhecimento* e a Autarquia, como a principal estrutura de intervenção e de legítima representação do Poder Local, deram aqui as mãos, materializando a essência de *melhor conhecer para melhor intervir*.

Estamos agora, (Município, investigadores, instituições e restantes interessados) melhor aparelhados para conhecer a realidade da população juvenil do nosso concelho e, por isso também, em melhores condições para promover estratégias, acções, políticas e decisões que contribuam para intervenções mais objectivas e consequentes com os jovens e para os jovens do nosso concelho.

Com este Diagnóstico Juvenil, o Plano Municipal da Juventude de Évora tem agora uma importante ferramenta de apoio, validada pelo rigor científico da abordagem.

O estudo que com esta publicação se completa é por isso pertinente, necessário e inovador. Constitui o mais importante, e mais desenvolvido, trabalho de diagnóstico até hoje realizado sobre a população juvenil do Concelho de Évora e um dos mais significativos a nível nacional.

Resta-nos agora saber interpretar os dados e, sobretudo, implementar os processos e as políticas com vista à construção de uma cidade e um concelho em que os jovens tenham o papel mais significativo e mais determinante na valorização do nosso legado mas, também, na criação de novas dinâmicas e energias construtivas que possam contribuir para uma terra mais justa, mais atractiva e acolhedora, com melhores oportunidades para todos.

Sara Dimas Fernandes
Vereadora responsável pelo pelouro da Juventude

AGRADECIMENTOS

Este terceiro e último volume intitulado “*Diagnóstico Juvenil: Os Jovens em Évora dos 15 aos 29 anos*” encerra um processo iniciado em 2018 com a publicação de dois importantes estudos, o primeiro dedicado aos alunos do ensino secundário e o segundo centrado nos jovens estudantes na Universidade de Évora, trabalhadores e desempregados.

Pretendendo ser uma súmula agregadora dos dados anteriormente obtidos a partir dos inquéritos aplicados a duas diferentes populações, este volume aprofunda e alarga o alcance do diagnóstico juvenil introduzindo um “olhar” agora mais qualitativo e baseado na experiência e saberes de quem trabalha com e para jovens e de quem é realmente jovem, e vive neste momento e neste contexto, essa realidade.

Cabe-nos assim expressar o nosso agradecimento aos participantes nos três grupos focais, que com o seu inestimável contributo permitiram-nos não só aprofundar a informação anteriormente obtida como definir mais claramente as áreas estratégicas de intervenção que o Plano Municipal para a juventude eborense deverá contemplar.

Um sincero obrigado assim aos agentes da Guarda Nacional Republicana (GNR) e da Polícia de Segurança Pública (PSP), ao Vereador do Pelouro do Urbanismo e da Cultura da Câmara Municipal de Évora (CME), ao técnico de um Centro de Jovens (ADBES), ao coordenador do Centro de Recursos Integrados do Alentejo Central (CRI), ao representante dos media locais (Grupo Diário do Sul) e aos dois jovens, um representante de uma associação local (Associação Juventude Giesteirense) e um outro representante do Conselho Municipal da Juventude de Évora (CMJE), que participaram no grupo focal “Sociabilidade, Práticas, Vivências e Comportamentos de Risco”.

De igual modo agradecemos aos participantes no grupo focal “Ensino e Educação”, nomeadamente: a representante do Conselho Municipal da Juventude de Évora (CMJE), o professor em representação da Universidade de Évora, a Chefe de Divisão de Educação e Intervenção Social da Câmara Municipal de Évora, o presidente da Direção Pedagógica da Escola Profissional da Região Alentejo (EPRAL), a psicóloga da Escola Secundária Gabriel Pereira (ESGP), o representante do Conselho Diretivo da Escola Secundária André de Gouveia (ESAG) e o presidente da Associação de Pais e Encarregados de Educação da Escola Secundária Severim de Faria.

Por último um agradecimento aos participantes no terceiro grupo focal, dedicado a “Trabalho, Emprego e Autonomia”, mormente o representante da Agência de Desenvolvimento Regional do Alentejo (ADRAL), o representante da União de Sindicatos do Distrito de Évora (USDE/CGTP-IN), o representante do Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP), o professor representante da Universidade de Évora, a representante de uma entidade empregadora local (Embraer S.A.), a responsável pelo Plano Local de Habitação da CME, e vários jovens, como o fundador e dinamizador principal do site “Emprego & Biscates”, o representante do Conselho Municipal da Juventude de Évora (CMJE), e dois jovens trabalhadores respetivamente num *call center* e no centro comercial, *Évora Plaza*.

Este estudo realça mais uma vez a importante e enriquecedora cooperação entre a Universidade de Évora e a Câmara Municipal de Évora, sendo de inteira justiça referirmos aqui mais uma vez o reconhecimento público aos principais responsáveis destas duas instituições, nomeadamente a Senhora Reitora da Universidade de Évora, Professora Doutora Ana Freitas e Senhor Presidente da Câmara Municipal de Évora, Dr. Carlos Pinto Sá.

Para finalizar um especial e particular agradecimento a todos e a cada um dos jovens que de forma voluntária e empenhada, como é apanágio da juventude, se disponibilizaram a participar neste estudo.

Sem eles nada teria sido possível... Muito Obrigado!

A Equipa Responsável pelo Estudo
(Paulo Infante, Rosalina Costa, Anabela Afonso,
Gonçalo Jacinto, José Conde, Maria Luísa Policarpo)

ÍNDICE

Prefácio	3
Agradecimentos	5
Nota introdutória	17
Metodologia	21
I. Tipo de estudo, população e amostra	21
II. Procedimentos de recolha de dados	22
II.1. Inquérito por questionário	22
II.1.1. Procedimentos para aplicação em contexto escolar, versão papel	23
II.1.2. Procedimentos para aplicação em ambiente <i>web</i> , versão digital	23
II.2. Grupos focais	24
II.3. Procedimentos de tratamento e análise de dados	27
II.4. Observações de natureza ética	29
Análise de Resultados: os jovens em Évora dos 15 aos 29 anos	31
I. O inquérito por questionário	31
I.1. Síntese descritiva dos resultados do inquérito	31
I.2. Características potenciadoras de uma menor satisfação com a vida	37
I.3. Residir, permanecer ou sair do concelho de Évora?	40
I.3.1. Perfil do jovem que está disposto a residir permanentemente no concelho de Évora	40
I.3.2. Perfil do jovem que equaciona deixar de residir no concelho	45
I.3.3. Uma perspetiva “longitudinal”	50
II. Os grupos focais	55
II.1. Sociabilidade, Práticas, Vivências e Comportamentos de Risco	55
II.1.1. Juventude e juventudes	55
II.1.2. Fronteiras, espelhos e faróis	57
II.1.3. Que futuro? Temido, desejado e possível.....	58
II.1.4. O que procuras tu? Sons e silêncios	59
II.1.5. Comunicar é dizer e ouvir. Não é anunciar	62
II.1.6. As vozes e os gestos	63
II.1.7. Os saltos e as redes	65
II.1.8. Arriscar o risco?.....	68
II.2. Ensino e Educação	72
II.2.1. As escolas são todas iguais? Os alunos são todos diferentes?	72
II.2.2. Pressão para o sucesso e escassez de tempo. O centro e as margens	76
II.2.3. Aprender é uma seca!	78
II.2.4. Ensinar é uma obrigação?	80
II.2.5. Confirmação, estabilidade e previsibilidade	82

II.2.6.Contradição, imaturidade, criatividade.....	85
II.2.7.É da natureza dos jovens querer ir? Os muros e as janelas.....	86
II.3.Trabalho, Emprego e Autonomia	89
II.3.1.Precariedade, estabilidade e projetos de vida.....	89
II.3.2.Desencontros entre procura e oferta na educação, hoje. E amanhã?.....	94
II.3.3.Desencontros entre oferta e procura no trabalho, agora. Sempre?	97
II.3.4.Alguns jovens querem sair. Alguns não	99
II.3.5.Alguns jovens querem ficar ou regressar. Alguns sim	101
II.3.6.Alguns jovens quererão cá viver. Talvez	102
III. Questionários e grupos focais: tensões e contradições no conhecimento sobre os jovens em Évora	105
III.1.Participação política e associativismo	106
III.2.Aproveitamento dos tempos livres	106
III.3.Discriminação em contexto escolar	107
III.4.Abandono escolar	107
III.5.Autonomia na tomada de decisão	108
III.6.Consumo de drogas lícitas e ilícitas	108
III.7.Comportamentos de risco	110
III.8.Tipo de emprego	110
III.9.Desejos para o futuro	110
Considerações finais	113
I. Para um Plano Municipal de Juventude apoiado nos questionários: questões colocadas, respostas obtidas	113
II. Para um Plano Municipal de Juventude inspirado nos grupos focais: pontos de chegada, lugares de partida	115
Referências bibliográficas	130
Apêndices	131
A. Convite-padrão a participar nos Grupos Focais.....	131
B. Guiões dos grupos focais	132
B.1.Sessão 1: Sociabilidade, Práticas, Vivências e Comportamentos de Risco	132
B.2.Sessão 2: Ensino e Educação	134
B.3.Sessão 3: Trabalho, Emprego e Autonomia	136
C. Metodologia estatística.....	138
C.1.Análise das associações	138
C.2.Comparações entre grupos e correlações	138
C.3.Regressão logística	139
D. Tabelas da síntese descritiva dos resultados do inquérito aos jovens em Évora dos 15 aos 29 anos	140

D.1. Perfil sociodemográfico	140
D.2. Participação escolar/inserção profissional	148
D.3. Práticas socioculturais	161
D.4. Práticas de intervenção cívica	171
D.5. Comportamentos de risco	175
D.6. Satisfação com a vida e ideias de futuro	179
E. Tabelas das características potenciadoras para um menor grau de satisfação com a vida.....	182
F. Tabelas para questões relacionadas com residir, permanecer ou sair do concelho de Évora....	191
F.1. Está disposto a residir permanentemente no concelho de Évora	191
F.2. Equaciona deixar de residir no concelho de Évora	194
F.3. Perspetiva “longitudinal”	200

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 3.1 Características do perfil sociodemográfico identificadas como potenciadoras de um menor grau de satisfação com a vida por parte dos jovens.	37
Figura 3.2 Características associadas à participação escolar/inserção profissional identificadas como potenciadoras de um menor grau de satisfação com a vida por parte dos jovens.	38
Figura 3.3 Características associadas às práticas socioculturais e de intervenção cívica identificadas como potenciadoras de um menor grau de satisfação com a vida por parte dos jovens.	39
Figura 3.4 Características associadas aos comportamentos de risco e à satisfação com a vida e ideias de futuro identificadas como potenciadoras de um menor grau de satisfação com a vida por parte dos jovens.	40
Figura 3.5 Fatores potenciadores para um jovem, residente fora do concelho de Évora, estar disposto a residir de forma permanente no concelho de Évora, significativos a 5%, em cada uma das 6 dimensões estudadas.	42
Figura 3.6 Razão de chances, respetivos intervalos de confiança por perfil de verosimilhança a 95%, para as covariáveis significativas no modelo de regressão logística multivariado ajustado para um jovem residente fora do concelho de Évora estar disposto a residir de forma permanente no concelho.	43
Figura 3.7 Razão de chances e respetivos intervalos de confiança em função da diferença de idades entre dois jovens com o mesmo perfil.	43
Figura 3.8 Perfil do jovem, entre os 15 e os 29 anos residente fora do concelho de Évora, com maior probabilidade de estar disposto a residir de forma permanente no concelho de Évora.	44
Figura 3.9 Fatores potenciadores para um jovem equacionar deixar de residir de forma permanente no concelho de Évora, significativos a 5%, nas dimensões perfil sociodemográfico e participação escolar/inserção profissional.	45
Figura 3.10 Fatores potenciadores para um jovem equacionar deixar de residir de forma permanente no concelho de Évora, significativos a 5%, nas dimensões práticas socioculturais, práticas de intervenção cívica, comportamentos de risco e satisfação com a vida e ideias de futuro.	46
Figura 3.11 Razão de chances, respetivos intervalos de confiança por perfil de verosimilhança a 95%, para as covariáveis significativas no modelo de regressão logística multivariado ajustado para um jovem residente no concelho de Évora equacionar de deixar de residir no concelho.	48
Figura 3.12 Perfil do jovem residente no concelho de Évora, entre os 15 e os 29 anos, com maior probabilidade de equacionar deixar de residir no concelho de Évora.	49
Figura 3.13 Estimativas para a percentagem de jovens, residentes fora do concelho de Évora, que equacionam residir de forma permanente no concelho, em função da idade.	50
Figura 3.14 Estimativas para a percentagem de jovens, residentes dentro do concelho de Évora, que equacionam deixar de aí residir de forma permanente, em função da idade.	51
Figura 3.15 Estimativas para a percentagem de jovens, residentes dentro do concelho de Évora, que equacionam deixar de residir no concelho de forma permanente, por sexo e classe etária, e	

estimativas por classe etária do número de jovens residentes que tencionam deixar de residir no concelho de forma permanente.....	5 2
Figura 3.16 População residente no concelho de Évora entre os 15 e os 29 anos de acordo com os Censos 2011, estimativa do INE para a população residente no concelho de Évora em 2017 na mesma faixa etária e estimativa dos jovens residentes, na mesma faixa etária, que tencionam deixar de residir no concelho de forma permanente	5 3
Figura 3.17 Estimativas da percentagem de jovens estudantes e trabalhadores residentes fora do concelho de Évora que equacionam deixar de residir de forma permanente em Évora em função da idade.	5 4
Figura 3.18 Estimativas dos jovens estudantes na Universidade de Évora residentes fora do concelho de Évora que equacionam aí residir de forma permanente e dos residentes dentro do concelho de Évora que equacionam deixar de aí residir de forma permanente	5 4
Figura 3.19 Estimativas, por classe etária, para a percentagem de jovens para as principais experiências por que desejam vir a passar nos próximos 10-15 anos.	11 1

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 2.1 Informação síntese relativa à realização dos grupos focais.....	25
Tabela 4.1 Pontos de chegada, lugares de partida: sociabilidade, práticas, vivências e comportamentos de risco.	116
Tabela 4.2 Pontos de chegada, lugares de partida: ensino e educação.	120
Tabela 4.3 Pontos de chegada, lugares de partida: trabalho, emprego e autonomia.....	125
Tabela D.1 Distribuição dos jovens pelo sexo.....	140
Tabela D.2 Idade dos jovens	140
Tabela D.3 Distribuição dos jovens pela nacionalidade	141
Tabela D.4 Distribuição dos jovens pela freguesia de residência no concelho de Évora	142
Tabela D.5 Distribuição dos jovens pelo concelho de residência	142
Tabela D.6 Distribuição dos jovens pelo tempo de residência no concelho de Évora	143
Tabela D.7 Distribuição dos jovens residentes fora do concelho de Évora pelo tempo de estudo/trabalho no concelho	144
Tabela D.8 Distribuição dos jovens residentes fora do concelho de Évora pela periodicidade com que se deslocam a Évora	144
Tabela D.9 Distribuição dos jovens pela dimensão do agregado familiar, incluindo o próprio	144
Tabela D.10 Distribuição dos jovens pelo local onde vivem habitualmente	144
Tabela D.11 Distribuição dos jovens pela composição do agregado familiar	145
Tabela D.12 Distribuição dos jovens pelas habilitações literárias do pai e da mãe	145
Tabela D.13 Distribuição dos jovens pelas principais fontes de rendimento do agregado familiar	146
Tabela D.14 Distribuição dos jovens por quem contribui para o rendimento do agregado familia.....	146
Tabela D.15 Distribuição dos jovens pelo sentido de pertença a uma religião	147
Tabela D.16 Distribuição dos jovens que sentem pertencer a uma religião pela religião	147
Tabela D.17 Distribuição dos jovens pelo grau de religiosidade	147
Tabela D.18 Distribuição dos jovens pelas habilitações literárias	148
Tabela D.19 Distribuição dos jovens pelos locais onde estudam e/ou trabalham	148
Tabela D.20 Distribuição dos jovens pela situação perante os estudos/trabalho	149
Tabela D.21 Distribuição dos jovens pela situação perante os estudos	149
Tabela D.22 Distribuição dos jovens pela forma como avaliam o seu desempenho como estudantes	149
Tabela D.23 Distribuição dos jovens pela opinião sobre o que é necessário fazer para melhorar o desempenho como estudante	150
Tabela D.24 Distribuição dos jovens pelo sentimento de discriminação em contexto escolar.	151
Tabela D.25 Distribuição dos jovens pela situação perante o trabalho	152
Tabela D.26 Idade com que começou a trabalhar ou iniciou a procura de emprego pela primeira vez	152

Tabela D.27 Distribuição dos jovens pelo tempo que demorou à procura do primeiro emprego ou há quanto tempo está nessa situação	152
Tabela D.28 Distribuição dos jovens pela razão a que se deve o tempo que demorou/a à procura de emprego	153
Tabela D.29 Distribuição dos jovens pelo número de empregos que já teve	153
Tabela D.30 Distribuição dos jovens pela atividade profissional principal	154
Tabela D.31 Distribuição dos jovens pela entidade empregadora	154
Tabela D.32 Distribuição dos jovens pelo tipo de contrato laboral	155
Tabela D.33 Distribuição dos jovens pelo rendimento mensal líquido	155
Tabela D.34 Distribuição dos jovens pela avaliação do seu desempenho enquanto trabalhador/profissional	155
Tabela D.35 Distribuição dos jovens pela opinião sobre o que é necessário fazer para melhorar o desempenho enquanto trabalhador/profissional	156
Tabela D.36 Distribuição dos jovens pelo sentimento de discriminação em contexto profissional.	157
Tabela D.37 Distribuição dos jovens pelo abandono escolar	157
Tabela D.38 Distribuição dos jovens pelas razões para o abandono escolar e suas razões	158
Tabela D.40 Distribuição dos jovens sobre com quem falou e qual o objetivo na altura em que abandonou os estudos	159
Tabela D.41 Distribuição dos jovens pelos fatores fundamentais na sua decisão de finalizar/prosseguir os estudos	160
Tabela D.42 Distribuição dos jovens pelo que mais gosta de fazer nos tempos livres.	161
Tabela D.43 Distribuição dos jovens que indicaram outras atividades desportivas que praticam com mais regularidade nos tempos livres.	162
Tabela D.44 Outro tipo de leitura.	165
Tabela D.45 Distribuição dos jovens pela avaliação do aproveitamento dos seus tempos livres	165
Tabela D.46 Distribuição dos jovens pela opinião sobre o que é necessário fazer para melhorar o desempenho que faz dos seus tempos livres	166
Tabela D.47 Distribuição dos jovens pela utilização de redes/espços virtuais e quais	167
Tabela D.48 Distribuição dos jovens pelo tempo que passam por dia, em média, nas redes/espços virtuais	168
Tabela D.49 Distribuição dos jovens pelo que fazem nas redes/espços virtuais, excluindo trabalho/estudo	168
Tabela D.50 Outras atividades que os jovens fazem nas redes/espços virtuais, excluindo trabalho/estudo.....	168
Tabela D.51 Distribuição dos jovens pelo tempo que admitem ser capaz se estar sem utilizar telemóvel ou computador, exceto para fins de trabalho/estudo	169
Tabela D.52 Distribuição dos jovens pela periodicidade média com que frequentam certos espços.	170

Tabela D.53 Distribuição dos jovens pelo tipo de associação/organização/clube a que pertencem ...	171
Tabela D.54 Formas de participação nas associações/organizações/clubes a que os jovens pertencem.....	172
Tabela D.55 Distribuição dos jovens pelo interesse que têm pela política	172
Tabela D.56 Grau de confiança demonstrado pelos jovens em cada uma das instituições.....	173
Tabela D.57 Posicionamento político dos jovens numa escala esquerda/direita	174
Tabela D.58 Comportamentos adotados pelos jovens durante os últimos 12 meses.....	174
Tabela D.59 Comportamentos que os jovens assumem já ter praticado e que consideram de risco. .	175
Tabela D.60 Idade a que o jovem tirou a primeira carta de condução, entre os jovens com carta	176
Tabela D.61 Razão que os jovens consideram ser aquela a que se devem maioritariamente os acidentes que envolvem jovens condutores	176
Tabela D.62 Opinião dos jovens relativamente aos motivos que levam um jovem a consumir álcool, tabaco ou outras drogas.....	178
Tabela D.63 Frequência de consumo de substâncias pelos jovens.	178
Tabela D.64 Percentagem de jovens que já consumiu álcool ou drogas de forma a ter ficado incapaz de ir às aulas/trabalho no dia seguinte.....	179
Tabela D.65 Distribuição dos jovens pelo grau de satisfação com a vida	179
Tabela D.66 Distribuição dos jovens pelo grau de autonomia na tomada de decisões.	179
Tabela D.67 Distribuição dos jovens pelas principais experiências por que deseja vir a passar nos próximos 10-15 anos.....	180
Tabela D.68 Distribuição dos jovens pelas principais experiências por que teme vir a passar nos próximos 10-15 anos.....	180
Tabela E.1 N.º de respostas válidas e mediana de grau de satisfação com a vida nas categorias das variáveis e valor p dos testes de Kruskal-Wallis ou Mann-Whitney-Wilcoxon ao teste da hipótese do grau de satisfação com a vida diferir significativamente entre as categorias das variáveis listadas	182
Tabela E.2 Correlação de Spearman, e respetivo valor p, entre o grau de satisfação com a vida e algumas variáveis.....	191
Tabela F.1 Razão de chances, respetivos intervalos de confiança por perfil de verosimilhança a 95% e valor p dos coeficientes, para as covariáveis significativas nos modelos de regressão logística univariados para um jovem estar disposto a residir de forma permanente no concelho de Évora	191
Tabela F.2 Coeficientes estimados do modelo de regressão logística para um jovem estar disposto a residir de forma permanente no concelho de Évora, respetivos desvios-padrão estimados, valores p associados, razão de chances e respetivos intervalos de confiança a 95%.	193
Tabela F.3 Razão de chances, respetivos intervalos de confiança por perfil de verosimilhança a 95% e valor p dos coeficientes, para as covariáveis significativas nos modelos de regressão logística univariados para um jovem equacionar deixar de residir de forma permanente no concelho de Évora	194

Tabela F.4 Coeficientes estimados do modelo de regressão logística multivariado para um jovem equacionar deixar de residir de forma permanente no concelho de Évora, respetivos desvios-padrão estimados, valores p associados, razão de chances e respetivos intervalos de confiança a 95%.	199
Tabela F.5 Número de respostas válidas por idade nas estimativas para a percentagem de jovens, residentes fora do concelho de Évora, que equacionam residir de forma permanente no concelho. 200	
Tabela F.6 Número de respostas válidas por idade nas estimativas para a percentagem de jovens, residentes dentro do concelho de Évora, que equacionam deixar de residir de forma permanente no concelho.	200
Tabela F.7 Número de respostas válidas por classe etária e sexo nas estimativas para a percentagem de jovens, residentes dentro do concelho de Évora, que equacionam deixar de residir de forma permanente no concelho.	200
Tabela F.8 Número de respostas válidas por idade e grupo nas estimativas para a percentagem de jovens, residentes dentro do concelho de Évora, que equacionam deixar de residir de forma permanente no concelho.	201

NOTA INTRODUTÓRIA

Este terceiro e último volume dedicado ao Diagnóstico Juvenil do Concelho de Évora encerra uma trilogia iniciada em 2018 com a publicação de dois importantes estudos, o primeiro dedicado aos alunos do ensino secundário (Infante *et al.* 2018a) e o segundo centrado nos jovens estudantes na Universidade de Évora, trabalhadores e desempregados (Infante *et al.* 2018b).

Traçar o Diagnóstico Juvenil do Concelho de Évora enquadra-se no propósito mais amplo de elaboração, por parte da Câmara Municipal de Évora, de um Plano Municipal de Juventude, documento que visa, por um lado, responder aos diversos desafios que se colocam à juventude; por outro, planear o desenvolvimento e implementação de políticas de juventude mais inovadoras de carácter global e transversal, que facilitem recursos e serviços que permitam aos jovens alcançar uma plena cidadania.

Atendendo à escala local do diagnóstico requerido e ao carácter de planeamento a médio/longo prazo de que um instrumento como o Plano Municipal de Juventude se reveste, preocupámo-nos em realizar um estudo que permitisse conjugar, a um só tempo, um olhar atual, mas também prospetivo sobre a juventude do concelho.

Quem são os jovens eborenses? Como vivem o presente? Que futuro anseiam?

Alinhado com estas interrogações de fundo, o objetivo geral subjacente ao diagnóstico levado a cabo foi o de caracterizar diferentes dimensões da vida dos jovens que estudam, trabalham ou residem no concelho de Évora. Porque pretendíamos o retrato mais completo possível dos jovens, enunciámos os seguintes objetivos específicos: (i) Traçar o perfil sociodemográfico dos jovens do concelho de Évora; (ii) Descrever os modos de participação escolar (e também inserção profissional, quando aplicável em função da idade); (iii) Caracterizar as práticas socioculturais; (iv) Caracterizar as práticas de intervenção cívica; (v) Identificar os comportamentos de risco; (vi) Conhecer o nível de satisfação com a vida e as ideias de futuro.

Na exploração destes vários objetivos partimos do pressuposto que a realidade vivida e antecipada pelos jovens é simultaneamente produto e produtor de experiências e sentidos que surgem no cruzamento de três eixos principais: os contextos sociais de pertença, nomeadamente as famílias de origem, a educação e o trabalho/atividade e ocupação profissional. Estas dimensões interrelacionam-se e alimentam-se mutuamente; são resultado do passado, constroem o presente e permitem antecipar e compreender os futuros possíveis.

A metodologia que adotámos procurou ir ao encontro deste pressuposto. Numa primeira fase aplicámos um inquérito por questionário, em formato papel, a uma amostra representativa dos jovens do ensino secundário e ensino técnico-profissional do concelho. Numa segunda fase adaptámos e aprofundámos esse guião para o contexto de uma aplicação em formato eletrónico com o propósito de chegar a jovens que, sendo mais velhos, com idades entre os 18 e os 29 anos, se encontravam também mais dispersos, seja em termos espaciais, seja em termos de atividade ou ocupação principal.

Afirmámos nos volumes anteriores que levar a cabo um Diagnóstico Juvenil do Concelho de Évora é uma tarefa tão complexa quanto exigente. A veracidade dessa afirmação ficou demonstrada pelos resultados até aqui alcançados. Se é certo que o diagnóstico dos alunos do secundário revelou retratos diversificados; certo é também que a juventude pós maioridade agrega um conjunto não menos heterogéneo de jovens. Como pudemos constatar, até aos 18 anos os jovens estão maioritariamente sentados nos bancos da escola secundária e ensino técnico-profissional. A partir dessa idade porém os contextos de inserção multiplicam-se, sendo inclusive frequentemente sobreponíveis. Enquanto alguns jovens prosseguem e aprofundam os seus percursos escolares nas várias instituições de ensino superior dentro ou fora do país, outros ensaiam ou antecipam formas diversas de transição para a adultez, que incorporam aproximações ao mercado de trabalho, como também à conjugalidade e parentalidade. A cruzar as fronteiras aparentemente claras que distinguem, à partida, jovens estudantes, jovens trabalhadores e jovens desempregados vimos somar-se a realidade vivida pelos jovens cujas experiências quotidianas afirmam, ao mesmo tempo que questionam, a porosidade desses limites. Os jovens trabalhadores estudantes ou os jovens estudantes desempregados constituem exemplos de categorias que adensam a realidade social e desafiam a pesquisa empírica e que mereceram, por isso, um olhar em profundidade no volume anterior.

Este volume dá corpo aos resultados obtidos na terceira e última fase de elaboração do diagnóstico juvenil com a realização de grupos focais em Junho de 2018. Estes grupos de discussão, temáticos e agregadores de representantes de diversas categorias sociais, instituições e organizações com responsabilidades e intervenção direta, de maior ou menor visibilidade pública, ao nível da juventude, foram desenhados com o objetivo de contrastar práticas e representações dos jovens, recolhidas através dos inquéritos por questionário, com as de quem convive, trabalha e pensa quotidianamente a juventude e os jovens em várias áreas de planeamento e ação. No conjunto foram realizados três grupos focais, os quais incidiram sobre diferentes temáticas: (1) sociabilidade, práticas, vivências e comportamentos de riscos, (2) ensino e educação e (3) trabalho, emprego e autonomia.

Através de uma metodologia mista foram recolhidos dados e obtidos resultados que cobrem várias dimensões da vida dos jovens, reunindo informação relevante sobre os perfis sociodemográficos, os modos de participação e inserção nas esferas da educação e trabalho, as práticas socioculturais e de intervenção cívica em que estão envolvidos, os comportamentos de risco que adotam, a satisfação que apresentam com a vida e as ideias que têm relativamente ao futuro, tanto em termos pessoais como nas possibilidades de vida futura que o concelho de Évora possa vir a oferecer aos jovens, e tanto do ponto de vista dos próprios quanto daqueles que com eles convivem ou trabalham.

Os resultados obtidos através destes vários instrumentos de recolha de dados constituem um retrato com tanto de singularidade quanto de exceção, face à escassez de estudos sobre a realidade dos jovens com idades compreendidas entre os 15 e os 29 anos que, na atualidade, residem, estudam ou trabalham no concelho de Évora. Os poucos estudos existentes, embora importantes, distinguem-se deste principalmente por serem de alcance limitado e tematicamente circunscritos. Frequentemente apoiados em processos de amostragem não probabilística, sistematizam informação sobre dimensões aparentemente isoladas da vida dos jovens, como a realidade escolar ou inserção profissional, o desporto ou os comportamentos de risco.

Trata-se, em suma, de um retrato ímpar da juventude no concelho, que importa destacar pela sua qualidade, profundidade e atualidade. Para este resultado final concorreu o empenho e competência multidisciplinar da equipa de investigadores que lhe subjaz. A partir de uma colaboração entre a Universidade de Évora e a Câmara Municipal de Évora, reuniram-se investigadores com formação nas áreas das Probabilidades e Estatística e da Sociologia, afetos, respetivamente, ao Departamento de Matemática/CIMA – Centro de Investigação em Matemática e Aplicações e Departamento de Sociologia/CICS.NOVA.UÉvora – Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais, os quais trabalharam em estreita articulação com os técnicos superiores da Divisão de Juventude e Desporto da autarquia.

A obra está organizada em três partes principais, as quais se sucedem a esta nota introdutória. Primeiramente, na secção “Metodologia” recuperam-se as questões relativas ao tipo de estudo, população e amostra, procedimentos de recolha, tratamento e análise de dados e observações de natureza ética. A secção relativa à “Análise de resultados” organiza a reflexão em torno do diagnóstico sobre os jovens em Évora dos 15 aos 29 anos a partir de três contributos principais: uma síntese descritiva e algumas análises aprofundadas tendo por base os resultados do inquérito por questionário, a análise qualitativa às discussões levadas a cabo nos grupos focais, e ainda uma reflexão sobre um conjunto de tensões e contradições que encontramos

no conhecimento sobre os jovens em Évora quando confrontámos os resultados do inquérito com considerações produzidas pelos participantes dos grupos focais. Por fim, apresentam-se as “Considerações finais”, nas quais são sistematizados contributos para a elaboração de um Plano Municipal de Juventude, que se prevê simultaneamente apoiado nos questionários e inspirado nos grupos focais. O diagnóstico encerra com a inclusão dos apêndices que julgamos de interesse para uma leitura mais completa e aprofundada do estudo, nomeadamente a listagem de documentos de trabalho e tabelas de síntese descritiva dos resultados do inquérito.

A concluir, reiteramos as palavras importadas dos volumes anteriores. Sabemos que o desafio de construir o Plano Municipal de Juventude é enorme. Mas sabemos também que conhecer é fundamental para planear. Por detrás deste esforço conjunto permanece o intuito de contribuir de forma cientificamente informada para a elaboração do Plano Municipal de Juventude de Évora. *Alea iacta est!*

METODOLOGIA

I. Tipo de estudo, população e amostra

A fim de alcançar os objetivos delineados foi desenvolvida uma estratégia mista, que combinou um estudo de tipo quantitativo, transversal, apoiado numa recolha de dados através de inquérito por questionário com a realização de grupos focais (*focus group*), especificamente orientados para a discussão aprofundada dos temas em estudo (Krueger & Casey 2015).

A população considerada relevante para a recolha de dados foi definida como o conjunto de jovens com idade entre os 15 e os 29 anos a residir, estudar ou trabalhar no concelho de Évora à data do inquérito.

Atendendo à diversidade interna do grupo etário definido, o processo de seleção dos jovens para a amostra não foi o mesmo para os alunos do ensino secundário e para os jovens entre os 18 e os 29 anos.

Para os alunos a estudar no ensino secundário a amostra foi selecionada de uma base de amostragem constituída pelas turmas do ensino secundário das escolas do concelho de Évora. Considerou-se um esquema de amostragem probabilístico multietápico, em que em cada uma das escolas secundárias, para cada um dos anos de escolaridade foram selecionadas turmas de forma aleatória e na última etapa foram selecionados todos os jovens destas turmas.

A amostra foi dimensionada com base na informação, desagregada por ano e turma, fornecida pelas escolas do concelho, de forma a garantir para estimativas de 30%, margens de erro absoluto de 3,5 pontos percentuais para um grau de confiança de 95%. Ao valor inicial obtido para a dimensão da amostra, com base na expressão da amostragem aleatória simples, foi aplicado um fator para compensação do efeito da complexidade do delineamento da amostra (*design effect*), o que resultou numa amostra de 761 alunos correspondente a 33 turmas.

Relativamente aos restantes jovens que residem, estudam (mas não no ensino secundário) ou trabalham no concelho de Évora a amostra foi auto selecionada (não aleatória), ou seja, foram os jovens que decidiram se seriam ou não incluídos na amostra ao responderem de forma voluntária ao questionário disponível *online* ou ao questionário distribuído em versão papel. Desse modo, os resultados obtidos podem apresentar enviesamentos não sendo possível garantir a representatividade desta amostra.

Foram validados para análise final 1412 inquéritos, dos quais 674 correspondem a alunos do ensino secundário e 738 a jovens entre os 18 e 29 anos.

No quadro de implementação de uma metodologia mista, a terceira e última fase de elaboração do diagnóstico juvenil do concelho de Évora compreendeu a realização de grupos focais, agregadores de um total de 25 representantes de diversas categorias sociais, instituições e organizações de maior ou menor visibilidade pública com responsabilidades e intervenção direta ao nível da juventude.

II. Procedimentos de recolha de dados

II.1. Inquérito por questionário

Atendendo à especificidade do diagnóstico juvenil, foi desenhado propositadamente para este estudo um inquérito por questionário, de aplicação direta, em suporte papel e digital, autoadministrado por jovens com idades compreendidas entre os 15 e os 29 anos, com uma versão para os alunos do ensino secundário (Infante *et al.* 2018a:Apêndice B) e outra para os jovens entre os 18 e 29 anos (Infante *et al.* 2018b:Apêndice A).

A elaboração do questionário foi efetuada em concordância com os objetivos traçados, do qual resultou um guião final que contempla seis secções que agregam questões especificamente preparadas para recolher informação detalhada sobre as principais dimensões em estudo: perfil sociodemográfico; participação escolar/inserção profissional; práticas socioculturais; práticas de intervenção cívica; comportamentos de risco; satisfação com a vida e ideias de futuro.

O *layout* do questionário foi especialmente preparado para transmitir uma imagem de seriedade e profissionalismo, destacando a associação ao Plano Municipal de Juventude e reputação institucional dos promotores do estudo, através da inclusão dos logótipos e símbolos respetivos. Paralelamente, foram incluídos na versão papel outros elementos visuais e formatações específicas com o objetivo de tornar o preenchimento do questionário mais simples (e.g. destacando sequências automáticas espaçadas) e rápida (e.g. recorrendo a uma apresentação visual em coluna e minimizando a dimensão do questionário a três folhas). A versão online foi construída no *software* LimeSurvey e alojada nos servidores da Universidade de Évora ¹.

¹ Questionário temporariamente disponível em <http://inqueritos.uevora.pt/index.php/699716/lang-pt>

Um pré-teste do inquérito por questionário foi efetuado durante os meses de julho e setembro de 2017, recorrendo quer a simulações de aplicação do guião junto de jovens, quer à auscultação de especialistas académicos e técnicos da área da juventude. Os contributos recolhidos durante o pré-teste permitiram reforçar o enfoque nos temas abordados (retirando algumas questões e adicionando outras), assim como a clarificação de alguns termos utilizados.

II.1.1. Procedimentos para aplicação em contexto escolar, versão papel

Para os questionários distribuídos aos alunos do ensino secundário no final de 2017, após a seleção aleatória das turmas, o recrutamento fez-se de forma direta, através do contacto prévio com as escolas e posterior deslocação *in loco* com o objetivo de recolher os dados. A recolha decorreu entre os meses de outubro e novembro de 2017 nas escolas secundárias do concelho de Évora (Escola Secundária André de Gouveia, Escola Secundária Gabriel Pereira e Escola Secundária Severim de Faria), na Escola Profissional da Região Alentejo e no Centro de Emprego e Formação Profissional de Évora.

Os questionários foram distribuídos nas salas de aula das turmas selecionadas por membros da equipa de investigação, que antes do preenchimento apresentaram o questionário e chamaram a atenção dos estudantes para alguns aspetos importantes (e.g. enquadramento e objetivos do questionário, garantia do anonimato e confidencialidade dos dados e pequenos esclarecimentos na antecipação de dificuldades de resposta a questões previamente identificadas, nomeadamente as relacionadas com sequência e filtros específicos ou de escolha múltipla). No final, os questionários foram entregues pelos estudantes e agrupados e numerados aleatoriamente pelos investigadores para efeitos de tratamento informático e estatístico.

II.1.2. Procedimentos para aplicação em ambiente *web*, versão digital

O questionário em versão digital foi disseminado de forma *offline* e *online* no início de 2018. Por um lado, foram enviadas diversas mensagens dirigidas a empresas e instituições conhecidas na região pela elevada empregabilidade de jovens, solicitando o reencaminhamento do *link* do questionário à população alvo. As práticas adotadas por essas empresas e instituições foram diversificadas e de alcance variável. A título de exemplo, no Instituto de Emprego e Formação Profissional o recrutamento fez-se através do envio do *link* do questionário, via SMS, pela ins-

tituição aos seus formandos, enquanto na Universidade de Évora a mensagem foi enviada a todos os alunos inscritos à data, fazendo uso da base de dados de endereços institucionais de correio eletrónico. Paralelamente foram também distribuídos em diversos locais e eventos da cidade folhetos de divulgação alusivos ao estudo em curso e à importância de participação por parte dos jovens (Infante *et al.* 2018b:Apêndice B).

Por outro lado, a disseminação do questionário e consequente recrutamento foi efetuada *on-line*. Para tal foram utilizados dois vídeos de sensibilização: um vídeo institucional, construído especificamente para o efeito, divulgado no *site* da Câmara Municipal de Évora e partilhado nas redes sociais ²; e um vídeo elaborado por jovens voluntários envolvidos no projeto, que se disponibilizaram para promover a sua partilha entre *Youtubers, Gamers e Streammers*, fazendo uso das suas redes pessoais, particularmente o *Facebook/Messenger, Instagram e WhatsApp* ³.

No final, os questionários preenchidos que foram entregues em papel pelos jovens foram numerados aleatoriamente pelos investigadores para efeitos de tratamento informático e estatístico.

II.2. Grupos focais

Os grupos focais foram desenhados com o objetivo de aprofundar o conhecimento da informação recolhida através dos inquéritos por questionário, procurando contrastar práticas e representações dos jovens com as de quem convive, trabalha e pensa quotidianamente a juventude e os jovens em várias áreas de planeamento e ação. De modo complementar, procurou-se que a discussão gerada entre os diversos interlocutores permitisse reunir contributos para a definição das áreas estratégicas de intervenção e vetores de atuação a prever no âmbito do Plano Municipal de Juventude.

No conjunto foram realizados três grupos focais, os quais incidiram sobre as diferentes temáticas em análise: (1) sociabilidade, práticas, vivências e comportamentos de risco, (2) ensino e educação e (3) trabalho, emprego e autonomia (Tabela 2.1).

2 "Plano Municipal Juventude (promo)" disponível a partir do Youtube em https://www.youtube.com/watch?time_continue=11&v=mMorz1JzIfM

3 "Toma a Palavra" disponível a partir da página de Facebook do Ponto Jovem/Évora em <https://pt-pt.facebook.com/pontojovem.evora/>

Tabela 2.1 Informação síntese relativa à realização dos grupos focais

Organização	Grupo Focal		
	FG1	FG2	FG3
Tema	Sociabilidade, Práticas, Vivências e Comportamentos de Risco	Ensino e Educação	Trabalho, Emprego e Autonomia
Data	05.06.2018	06.06.2018	07.06.2018
Hora	17h30m	17h30m	17h30m
Local de realização	Diário do Sul	Universidade de Évora (UÉvora)	Câmara Municipal de Évora (CME)
Duração	1:19:37	1:38:22	1:37:34
Moderador(a)	José Conde (CME)	Rosalina Costa (UÉvora)	Sara Fernandes (CME)
N.º de participantes	8	7	10

O grupo focal 1, “Sociabilidade, Práticas, Vivências e Comportamentos de Risco” agregou um total de 8 participantes, incluindo agentes da Guarda Nacional Republicana (GNR) e da Polícia de Segurança Pública (PSP), o Vereador do Pelouro do Urbanismo e da Cultura da Câmara Municipal de Évora (CME), um técnico de um Centro de Jovens (ADBES), o coordenador do Centro de Recursos Integrados do Alentejo Central (CRI), um representante dos media locais (Grupo *Diário do Sul*) e dois jovens, um jovem residente numa freguesia rural e representante de uma associação local (Associação Juventude Giesteirense) e um outro representante do Conselho Municipal da Juventude de Évora (CMJE).

O grupo focal 2, “Educação e Formação” agregou 7 participantes. Devido a um imprevisto participou apenas uma das duas jovens convidadas, a representante do CMJE no Conselho Municipal de Educação, a que se juntou um professor universitário em representação da Universidade de Évora, a Chefe de Divisão de Educação e Intervenção Social da Câmara Municipal de Évora, o presidente da Direção Pedagógica de uma escola profissional, a Escola Profissional da Região Alentejo (EPRAL), uma psicóloga em representação de uma escola secundária, membro do conselho pedagógico e técnica dos serviços de psicologia e orientação da Escola Secundária Gabriel

Pereira (ESGP), um representante do Conselho Diretivo de uma escola secundária, a Escola Secundária André de Gouveia (ESAG) e o presidente da Associação de Pais e Encarregados de Educação da Escola Secundária Severim de Faria.

Por último, o grupo focal 3, dedicado a “Trabalho, Emprego e Autonomia” juntou um total de 10 participantes, onde se incluiu um representante da Agência de Desenvolvimento Regional do Alentejo (ADRAL), um representante da União de Sindicatos do Distrito de Évora (USDE/CG-TP-IN), um representante do Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP), um professor em representação da Universidade de Évora, uma representante de uma entidade empregadora local (Embraer S.A.), a responsável pelo Plano Local de Habitação e técnica na CME, e vários jovens, nomeadamente o fundador e dinamizador principal do site “Emprego & Biscates”, um jovem em representação do CMJE, uma jovem que trabalha num *call center* e um jovem trabalhador no recém-criado espaço comercial, *Évora Plaza*.

Os 25 participantes que no conjunto incorporaram os três grupos focais foram selecionados de forma intencional pela equipa de investigação através ou a partir das suas redes pessoais e profissionais. A dimensão e composição dos grupos resultou de um equilíbrio entre as exigências metodológicas requeridas para este tipo de abordagem e a preocupação de maximização de perfis de atores provenientes de contextos diversificados e considerados relevantes ou representativos para os temas em estudo.

Os convites à participação nos grupos focais foram realizados a partir da Câmara Municipal de Évora e adaptaram uma mensagem convite-padrão com a apresentação do estudo, apelando à participação e enfatizando a importância dessa mesma participação tendo em vista a elaboração do diagnóstico juvenil do concelho e a futura elaboração do Plano Municipal de Juventude (Apêndice A). Os convites seguiram acompanhados de um sumário executivo do Diagnóstico Juvenil relativo aos alunos do secundário.

Os grupos focais foram realizados de forma consecutiva, nos dias 5, 6 e 7 de Junho de 2018 em diferentes locais da cidade de Évora: as instalações do *Diário do Sul* (grupo de imprensa local), a sala do Senado na Universidade de Évora e o Salão Nobre dos Paços do Concelho. Os locais escolhidos para a realização dos grupos focais e os moderadores foram definidos por afinidade institucional, temática ou espacial com as principais dimensões em estudo.

Atendendo à especificidade do diagnóstico juvenil, foram desenhados propositadamente para este estudo os guiões dos grupos focais (Apêndice B). A elaboração destes guiões foi efetuada em consonância com os objetivos traçados para o diagnóstico juvenil do concelho e os resul-

tados já conhecidos à data pela análise dos questionários aos jovens. Daqui resultaram três guiões orientados para as três dimensões em estudo, nomeadamente (FG1) Sociabilidade, práticas, vivências e comportamentos de risco, (FG2) Ensino e educação e (FG3) Trabalho, emprego e autonomia.

As salas onde decorreram as discussões dispunham já ou foram propositadamente equipadas com sistema de gravação áudio. Os participantes foram recebidos pelos/as moderadores e encaminhados aos seus lugares numa mesa de disposição oval ou retangular. Após um breve enquadramento inicial dos objetivos do estudo, da apresentação dos convidados e da leitura de um texto introdutório de base à discussão e específico para cada uma das sessões, foram introduzidas as questões constantes do guião. Estas questões podem ser adjetivadas de questões-estímulo, já que têm uma natureza eminentemente aberta, visando suscitar uma reflexão e discussão ampla, explorando diversos pontos de vista, mais do que obter respostas curtas e fechadas. A ordem das questões foi respeitada pelos moderadores, embora com ligeiras adaptações no uso do tempo. Em média, os grupos focais tiveram a duração de 90 minutos.

O conjunto das questões-estímulo definidas nos guiões foram debatidas em cada um dos grupos focais e todas as sessões foram integralmente gravadas em áudio, mediante consentimento oral dos participantes, livre e esclarecido, para posterior transcrição e análise.

Globalmente as sessões tiveram uma elevada adesão por parte dos convidados. A auscultação dos diferentes interlocutores revelou-se fundamental para uma visão simultaneamente mais profunda e holística da realidade diversificada que envolve a juventude do concelho de Évora. As ausências foram em pequeno número e devidamente justificadas por fatores imprevistos.

No final da sessão os moderadores agradeceram a participação dos intervenientes e mais tarde foi enviado através de correio postal um ofício de agradecimento formal, em nome da Senhora Vereadora da CME, a todas as instituições e participantes individuais.

II.3. Procedimentos de tratamento e análise de dados

Os dados recolhidos através do inquérito por questionário foram reunidos informaticamente e submetidos a um tratamento preliminar tendo em vista uma análise de qualidade. Globalmente, verifica-se que o questionário teve uma elevada adesão por parte dos inquiridos, registando-se uma taxa média de resposta por questão superior a 95%, como se pode observar nos resultados apresentados nos primeiros dois volumes deste estudo, Infante *et al.* (2018a, 2018b).

A análise efetuada aos dados apresentados neste volume é de tipo quantitativo no que respeita aos questionários e qualitativo ao nível dos grupos focais. Foi feita uma análise estatística com recurso a técnicas de análise descritiva, univariada e multivariada. Verificados os pressupostos estatísticos respetivos (Apêndice C) analisaram-se associações e correlações, testaram-se diferenças entre grupos com respeito ao grau de satisfação com a vida e ajustaram-se dois modelos de regressão logística para identificar os fatores que levam um jovem a estar disposto a residir/deixar de residir de forma permanente no concelho de Évora. As análises são complementadas no texto com a apresentação de tabelas, gráficos e esquemas.

A análise estatística foi feita com recurso ao *software* R, v. 3.4.2, licença *free trial*, e IBM® SPSS Statistics, v.22, licença de *campus*/Universidade de Évora.

Relativamente aos grupos focais, as gravações áudio das diversas sessões foram alvo de transcrição integral por uma empresa externa. Uma transcrição *verbatim*, em suporte textual, foi posteriormente entregue à equipa de investigação. Na transcrição adotaram-se siglas abreviadas dos interlocutores, cuja chave é apresentada no final de cada um dos guiões (Apêndice B).

A transcrição integral, *verbatim*, dos grupos focais deu origem a um total de 84 páginas, com uma média de 28 páginas de discurso textual por sessão. Este conteúdo foi integrado no *software* NVivo12 (©QSR International), licença da Escola de Ciências Sociais/ Universidade de Évora, em cujo ambiente foi efetuada uma análise qualitativa de conteúdo (Miles & Huberman 2014). Um total de 3680 linhas de texto foram importadas e codificadas no NVivo. Após uma leitura flutuante deste material iniciou-se a análise de conteúdo e a construção de categorias temáticas associadas aos objetivos da investigação. Em concreto, desenvolveu-se uma análise temática categorial, a qual resultou no agrupamento das respostas em categorias e subcategorias. As categorias e subcategorias de análise foram construídas a partir de um procedimento misto, ora suscitadas por leituras e análise anterior, nomeadamente a de pendor eminentemente quantitativo, tendo por base os inquéritos por questionário; ora emergindo de forma indutiva pela análise gradual através de comparação constante sustentada nos objetivos de investigação e nas conclusões agregadoras da análise quantitativa. Em alguns casos recorreu-se a uma codificação *in-vivo*, a qual foi por vezes utilizada na nomeação das categorias.

A apresentação dos resultados é efetuada sobre a forma de uma narrativa contextualizada, onde a interpretação é acompanhada de excertos da discussão considerados ilustrativos e heurísticos para uma compreensão mais holística e exaustiva dos temas em estudo.

Todos os segmentos de discurso obtidos a partir dos grupos focais encontram-se associados ao respetivo participante individual. Esta associação aquando da citação evita perder informação acerca das características e pertença institucional dos participantes, permitindo assim que outras análises e interpretações possam ser realizadas.

II.4. Observações de natureza ética

O estudo que aqui se apresenta respeita os princípios éticos e deontológicos que norteiam as boas práticas da investigação científica. No caso dos questionários, e como acontece habitualmente em trabalhos desta natureza, a participação dos indivíduos foi voluntária e anónima; todos os dados recolhidos são confidenciais, prevendo-se a sua utilização apenas no âmbito dos fins para que foram solicitados.

O questionário aplicado em meio escolar foi alvo de autorização prévia pelos Agrupamentos e pela Direção Geral da Educação (DGE), no âmbito do sistema de Monitorização de Inquiridos em Meios Escolares (MIME), depois de consultada a Comissão Nacional de Proteção de Dados (CNPD). Participaram apenas os estudantes que apresentaram os termos de consentimento devidamente assinados pelos encarregados de educação, e o tratamento, análise e apresentação da informação é sempre feito de modo agregado, não violando sob nenhuma forma os termos do consentimento informado acordado entre inquiridores e inquiridos.

O questionário difundido de forma digital foi aplicado depois de consultada a Comissão Nacional de Proteção de Dados (CNPD). A disseminação através de SMS e correio eletrónico para contactos e endereços pessoais foi efetuada pelas instituições contactadas, sem que quaisquer bases de dados tivessem sido cedidas à equipa de investigação.

A fim de analisar a representatividade da amostra dos estudantes na Universidade de Évora inquiridos no âmbito do PMJ foram solicitados e disponibilizados mediante autorização superior dados anonimizados relativamente à distribuição dos estudantes por sexo, idade, área de residência e ciclo de estudos.

No que respeita aos grupos focais, apesar de os convites aos participantes terem sido feitos a partir da Câmara Municipal de Évora foi preocupação dos investigadores transmitir em todas as comunicações o pendor científico do estudo a realizar, destacando a associação ao Plano Municipal de Juventude e reputação institucional dos promotores, através da inclusão dos logótipos e símbolos respetivos.

Foi solicitado o consentimento oral dos participantes, livre e esclarecido para a gravação integral das sessões tendo em vista a posterior transcrição e análise. Os participantes que integraram o grupo de discussão sobre “Sociabilidade, Práticas, Vivências e Comportamentos de Risco” acordaram igualmente a transmissão pública da sessão, em diferido, a partir da *Rádio Telefonia do Alentejo*, 103.2 MHz, grupo *Diário do Sul*.

De todas as sessões realizadas foi também efetuado um registo fotográfico. Este registo foi obtido com consentimento oral dos presentes e serviu de base à elaboração de produtos de comunicação por parte do grupo *Diário do Sul* e do Gabinete de Comunicação da Câmara Municipal de Évora, tendo em vista uma ampla divulgação dos trabalhos em curso para a elaboração do Plano Municipal de Juventude.

Não estando previsto o anonimato dos participantes dos grupos focais, todas as citações incluídas no relatório são devidamente identificadas. A opção pela utilização de siglas na identificação dos participantes não visa portanto a anonimização dos mesmos, apenas uma simplificação da informação para efeitos de apresentação de texto. A composição dos grupos temáticos e a chave das siglas utilizadas é apresentada em apêndice (Apêndice B) e o seu conhecimento é considerado fundamental para uma correta e completa interpretação dos resultados obtidos. Excepcionalmente foram utilizados os símbolos [####] para anonimizar referências consideradas sensíveis a pessoas ou entidades terceiras, citadas pelos intervenientes porém não incluídas entre os participantes.

Por exigência da transcrição *verbatim* foram incluídas entre parêntesis retos pequenas observações que se destinam a preservar a integridade dos dados inicialmente registados em suporte áudio, nomeadamente a identificação de segmentos inaudíveis ([inaudível]), dúvidas sobre a palavra referida (e.g. [meios?], [fastio?]), entoações enfáticas ou saliências do discurso (e.g. [risos]) e supressões de texto para efeitos de citação ([...]).

Aquando da análise dos dados, as referências a determinados interlocutores como “não jovens” adotam o ponto de vista dos próprios, expresso oralmente durante a discussão em grupo focal.

ANÁLISE DE RESULTADOS: OS JOVENS EM ÉVORA DOS 15 AOS 29 ANOS

I. O inquérito por questionário

I.1. Síntese descritiva dos resultados do inquérito

Do total de inquiridos, 60% são do sexo feminino. Metade têm pelo menos 19 anos, e quase todos (95%) são de nacionalidade portuguesa. Aproximadamente 3 em cada 4 jovens residem no concelho de Évora, maioritariamente nas 3 freguesias mais populosas (União de freguesias de Malagueira e Horta das Figueiras, União de freguesias do Bacelo e Senhora da Saúde e União de freguesias de Évora (São Mamede Sé São Pedro e Santo Antão), sendo que as restantes freguesias mais pequenas do concelho apenas representam 15% do total dos jovens do concelho. Quase 2 em cada 3 destes jovens (63%) sempre residiu no concelho de Évora e apenas 8% reside no concelho há menos de 1 ano.

De entre os que residem fora do concelho de Évora, os concelhos de Montemor-o-Novo (19%), Portel (16%), Arraiolos (11%) e Viana do Alentejo (11%) são os mais representados. Cerca de 8 em cada 10 (82%) destes jovens estuda ou trabalha no concelho há menos de 3 anos e apenas 10% o faz há mais de 5 anos.

Aproximadamente 2 em cada 3 jovens (68%) vivem em agregados familiares com mais 2 ou 3 pessoas. Quase metade (44%) vive com pai/padrasto, mãe/madrasta e irmãos e 7 em cada 10 vivem em casa dos pais. As mães possuem em geral habilitações literárias superiores às dos pais (28% ao nível do ensino superior), sendo o grau de instrução mais frequente em ambos o ensino secundário. Para 9 em cada 10 jovens os pais ou pai/mãe contribuem para o rendimento do agregado, e 1 em cada 4 jovens contribuem para esse rendimento. Metade dos jovens sentem que pertencem a uma religião e destes mais de 9 em cada 10 (94%) referem ser católicos.

Cerca de metade dos jovens tem o 9º ano de escolaridade e cerca de 1 em cada 5 tem o ensino secundário, sensivelmente o mesmo número de jovens com Licenciatura. Menos de 1% dos jovens têm habilitações inferiores ao 9º ano de escolaridade e pouco menos de 5% têm o grau de mestre ou doutor. Praticamente a totalidade dos jovens estuda em Évora (98%), assim como os que trabalham (88%), destacando-se ainda um pouco menos de 7% de jovens que trabalham em Lisboa.

Mais de 80% dos jovens estuda a tempo inteiro, cerca de 9% trabalha a tempo inteiro e aproximadamente 6% estuda e trabalha ao mesmo tempo. Um pouco menos de 4% dos jovens encontram-se em situação de desempregado ou à procura do 1º emprego.

Pouco mais de metade avalia o seu desempenho enquanto estudantes como bom, e pouco menos de 1 em cada 4 de jovens avalia o seu desempenho como muito bom ou superior, sensivelmente o mesmo número dos que o avaliam como suficiente ou inferior. Para melhorarem o seu desempenho escolar, pouco mais de metade dos jovens consideram que devia aumentar a sua motivação pessoal, pouco mais de 1 em cada 4 refere que deveria melhorar a sua preparação de base e a melhoria das infraestruturas é referida por pouco mais de 1 em cada 4 jovens. Já no que se refere aos professores, os jovens referem que o seu desempenho seria melhorado se estes tivessem mais motivação (41%) e melhor preparação (21%).

Em praticamente todos os aspetos mais de 80% dos jovens referiram que nunca sentiram que foram alvo de discriminação em contexto escolar, exceto no que se refere aos amigos/ pessoas “com quem se dá”, características físicas, forma de vestir e personalidade, aspetos onde mais de 60% dos jovens referiram que nunca sentiram esse tipo de discriminação. Os amigos/ pessoas “com quem se dá”, a forma de vestir e personalidade são os aspetos em que se registaram as maiores percentagens de sentimento de discriminação de forma positiva, enquanto nas características físicas verificou-se uma maior percentagem de respostas associadas ao sentimento de discriminação de forma negativa.

No que respeita à situação perante o trabalho, quase 6 em cada 10 jovens encontram-se a trabalhar no setor privado e apenas 14% no setor público. Em média os jovens começaram a trabalhar com 20,1 anos. Cerca de 2 em cada 3 jovens demoraram menos de 3 meses a encontrar o primeiro emprego ou estão nessa situação. As razões apontadas para tal, por quase metade dos jovens, é a falta de empregos na região e a falta de experiência profissional (41%). Mais de 50% dos jovens tiveram 2 ou menos empregos e mais de 10% afirmaram que já tiveram pelo menos 5 empregos. Pouco mais de 4 em cada 10 jovens referiram ter um contrato a termo ou por tempo determinado e cerca de 30% referiram que o seu contrato é sem termo ou por tempo indeterminado. Relativamente ao rendimento mensal líquido pouco menos de metade dos jovens recebe até um salário mínimo nacional, percentagem muito semelhante aos que recebem entre 1 e 2 vezes o salário mínimo nacional.

Cerca de 2 em cada 3 jovens avaliaram o seu desempenho enquanto trabalhador/profissional como muito bom ou superior enquanto apenas 4% dos jovens classificam o seu desempenho como suficiente ou inferior. As formas mais referidas para melhorar o seu desempenho foram

um aumento de salário (60%) e o aumento da motivação pessoal para as tarefas que desempenha (37%). As chefias com mais motivação (26%) e preparação (28%) são também referidas. Em praticamente todos os aspetos mais de 70% dos jovens referiram que nunca sentiram que foram alvo de discriminação em contexto profissional.

Cerca de 14% dos jovens afirmaram que em algum momento abandonaram os estudos antes da conclusão da formação que pretendiam, apontando como principais razões para o terem feito o não gostar das escola/instituição (29%), o querer começar a trabalhar (29%) e o ter que iniciar o trabalho para ajudar nas despesas ou porque os pais não tinham possibilidades económicas de os manter a estudar (27%). Estes jovens tiveram como principal sentimento na altura do abandono escolar a tristeza (40%), a desilusão (37%) e a frustração (34%). Cerca de metade dos jovens quando tomou a decisão de abandonar a escola não falou com a escola/instituição nem com médicos ou professores, enquanto cerca de 4 em cada 10 jovens apenas deram conhecimento aos pais/educadores e amigos/colegas de curso/colegas de trabalho. Para retomarem os estudos pouco menos de metade dos jovens diz que seria necessário encontrar motivação pessoal e ter a possibilidade de conciliar trabalho e estudos, bem como ter uma situação económica favorável.

Mais de 70% dos jovens refere gostar muito de ocupar os tempos livres com os amigos e família, a namorar, ouvir música, passear e navegar na *internet*. Em sentido oposto, entre 25% a 50% dos jovens refere não gostar nada de ler e jogar, seja jogos de tabuleiro, às cartas, mas também na consola, no computador ou *tablet* e no telemóvel.

Do conjunto dos jovens que referiu gostar muito ou pouco de ocupar os tempos livres a praticar atividade desportiva (praticamente 90% dos jovens), cerca de um terço referiu que a atividade que pratica com mais regularidade é a caminhada e quase 1 em cada 5 o fitness/aeróbica ou futebol. De salientar que 33% dos jovens indicaram outras atividades desportivas, contando-se quase 70 tipos diferentes.

No que respeita ao conjunto dos jovens que referiram gostar muito ou pouco de ler, opções escolhidas por cerca de 3 em cada 4 jovens, 76% referiram ler literatura/romance/ficção, com grande preferência para o suporte em papel, 52% referiram ler jornais generalistas, estes com preferência para o formato digital, e quase 50% indicaram revistas de informação e revistas especializadas, com igual preferência pelo formato.

Cerca de 4 em cada 10 jovens avaliou o seu aproveitamento dos tempos livres com muito bom ou superior, enquanto menos de 1 em cada 5 o avaliou com suficiente ou inferior. A existência

de mais tempo livre foi a razão mais vezes apontada pelos jovens (56%) sobre o que seria necessário para aproveitarem melhor os tempos livres, seguindo-se o rendimento disponível para gastar (47%), uma maior oferta (34%) e uma maior diversidade da mesma (33%).

Mais de 90% dos jovens referiram frequentar as redes/espacos virtuais, sendo o *Facebook*, o *Youtube*, o *Instagram* e o *Messenger* as redes mais utilizadas. Quase metade dos jovens passa mais de 2 horas por dia, em média, nas redes/espacos virtuais, e menos de 1 em cada 4 refere passar menos de 60 minutos. Cerca de 7 em cada 10 jovens referiram que usam as redes/espacos virtuais para passar o tempo, 4 em cada 10 usa-as para jogar e cerca de 1/3 dos jovens utiliza-as para fazer/encontrar amigos ou buscar informação dirigida. No que concerne ao tempo que os jovens admitem conseguir passar sem utilizar telemóvel ou computador, exceto para fins de trabalho/estudo, observou-se que quase metade dos jovens indicou que consegue passar mais de 4 horas, enquanto um pouco mais de 2 em cada 10 jovens referiram que não conseguem estar mais de 60 minutos sem usar meios eletrónicos.

Os espacos culturais que os jovens referem frequentar mais de 1 vez por mês são o cinema (21%) e as bibliotecas (26%), e em sentido oposto mais de metade dos jovens refere nunca ter frequentado sociedades culturais, e cerca de 1 em cada 3 jovens nunca frequentou exposições nem museus e oficinas culturais.

Cerca de 1/3 dos jovens referiram pertencer a alguma associação/organização/clube (35%), tendo 20% deles indicado pertencer a pelo menos duas. A maioria dos jovens pertencem a clubes/grupos desportivos (52%) e pouco mais de 5% mencionaram pertencer a juventudes partidárias ou a associações cívicas. O mais usual é participarem apenas nas atividades oferecidas por estas associações/organizações/clubes (50%) e o menos frequente é participarem na organização das atividades (27%).

Entre os jovens que manifestaram o seu grau de interesse pela política, menos de metade referiram ter algum ou muito interesse pela política (41%). Contudo, mais de 8 em cada 10 jovens maiores de idade (84%) indicaram que votavam nos atos eleitorais, tendo mais de metade deles indicado que o fazia por ser um dever cívico. Entre os que indicaram não votar, a justificação dada para este comportamento divide-se entre o descrédito nos políticos e o acharem que não vale a pena.

As Nações Unidas e a Polícia são as instituições em que os jovens mais confiam, tendo cerca de 2 em cada 3 jovens indicado para estas instituições um valor igual ou superior a 5 numa escala de 0 a 10, onde 0 expressa nenhuma confiança e 10 toda a confiança. Pelo contrário, as insti-

tuições em que os jovens indicaram menos confiar foram nos Políticos e nos Partidos Políticos, tendo cerca de 3 em cada 4 jovens atribuído um valor igual ou inferior a 4 na escala. A salientar ainda que cerca de metade dos jovens indicaram confiar pouco ou nada (um valor igual ou inferior a 4) no Sistema Jurídico (56%) e Assembleia da República (50%).

No domínio da intervenção cívica, entre os jovens que indicaram se adotaram ou não certos comportamentos nos últimos 12 meses, o mais usual foi terem feito voluntariado (42%) ou assinado uma petição (34%). Uma minoria trabalhou para um partido político ou movimento cívico (7%) ou boicotou determinados produtos (6%).

Se considerarmos que os jovens não foram participativos na sociedade se indicaram não ter tido qualquer um destes comportamentos e que foram bastante participativos se indicaram ter tido pelo menos 3 destes comportamentos nos últimos 12 meses, então 36% dos jovens não foram participativos e 22% foram bastante participativos no último ano.

O comportamento que os jovens consideram ser de risco e que assumem já ter praticado mais vezes foi o *download* de material protegido por direitos de autor, tendo mais de metade dos jovens (52%) referido que já o fez 5 ou mais vezes. O segundo comportamento mais referido foi o consumo de álcool em excesso, com 2 em cada 5 jovens a mencionarem que já o fizeram pelo menos 2 vezes. A salientar ainda o facto de cerca de 1 em cada 10 jovens terem admitido que já praticaram pelo menos 5 vezes nos seguintes comportamentos: conduzir em excesso de velocidade (13%), praticar relações sexuais desprotegidas de doenças sexualmente transmissíveis (12%), consumir drogas ilícitas (12%) e partilhar objetos pessoais (12%).

A maioria dos jovens (59%) referiram que não possuem habilitação para conduzir. Entre os jovens que possuem carta de condução, a maioria possui carta para conduzir veículos ligeiros e apenas dois jovens referiram possuir habilitação para conduzir veículos pesados. Mais de metade dos jovens (63%) tiraram a sua primeira carta entre os 18 e os 19 anos, sendo que o mais usual foi terem-na obtido aos 18 anos (41%). Menos de 1/4 dos jovens tiraram a sua primeira carta depois dos 19 anos.

A velocidade excessiva foi a principal causa indicada pelos jovens (42%) para a ocorrência de acidentes rodoviários que envolvem jovens condutores. Para 1 em cada 3 jovens a principal causa é a condução sobre o efeito do álcool ou drogas.

Quando questionados sobre os motivos que levam um jovem a consumir álcool, tabaco ou outras drogas, mais de metade dos jovens referiram a curiosidade/experiência de sensações novas, pela influência dos amigos, por diversão/socialização e para se sentir integrado. Cerca

de 2 em cada 5 jovens mencionaram ainda para esquecer problemas e por gostar. De um modo geral, estes jovens consideram que existem vários motivos para o consumo. Apenas aproximadamente 1 em cada 7 jovens assinalou um único motivo e quase 3 em cada 4 jovens indicaram 3 ou mais motivos.

As substâncias que têm maior consumo regular ou ocasional (i.e., são consumidas todos os dias ou de vez em quando) por parte destes jovens são as bebidas alcoólicas, o tabaco e as bebidas enérgicas. Cerca de 4 em cada 5 jovens indicou consumir de vez em quando bebidas alcoólicas e menos de 5 em cada 100 afirmou consumi-las diariamente. O tabaco é a substância que estes jovens mais referiram consumir diariamente (22%) e as bebidas enérgicas são consumidas de vez em quando por 1 em cada 3 jovens. Apesar de residual, há a salientar que cerca de 1% dos jovens mencionaram consumir diariamente vários tipos de drogas.

Vários jovens referiram que já ficaram incapazes de ir às aulas/trabalho no dia seguinte devido ao consumo excessivo de álcool e drogas ilícitas. O álcool foi referido por mais de um quarto destes jovens (26%) e as drogas ilícitas por 3% dos jovens. Quase todos os que referiram a incapacidade devido ao consumo de drogas ilícitas também mencionaram o consumo de álcool.

Cerca de 9 em cada 10 jovens consideram estar satisfeitos ou muito satisfeitos com a vida. Quase 4 em cada 10 jovens (38%) indicaram pelo menos 8, numa escala de 0 a 10 em que 10 representa máxima satisfação. Relativamente à autonomia na tomada de decisões, o maior grau de autonomia surge na escolha das amizades e de parceiro(a), sendo que um pouco mais de 9 em cada 10 jovens toma a decisão sozinho. Quase metade dos jovens (44%) refere ter em consideração a opinião dos outros nos locais que frequentam, 38% também tem em consideração a opinião dos outros quando vai viajar e 30% no comportamento que adota.

Ter saúde, ser feliz na vida, ter um trabalho estável, viver de forma independente e ter uma relação estável são as experiências que mais de 9 em cada 10 jovens desejam muito para os próximos 10-15 anos. Ter filhos ou casar são as experiências com maior percentagem de jovens que referiram não desejar nada vir a passar (muito embora ainda assim metade dos jovens tivesse referido desejar muito vir a passar).

A morte de alguém próximo, o desemprego e ser infeliz na vida são as experiências que os jovens (pelo menos 3 em cada 4) mais temem nos próximos 10-15 anos. As experiências que os jovens menos receiam vir a passar são o divórcio (em que apenas 26% teme muito vir a passar), não ser reconhecido profissionalmente, uma instabilidade política ou não conseguir um grau académico (em que menos de metade dos jovens teme muito vir a passar).

Metade dos jovens que residem fora do concelho de Évora estão dispostos a residir de forma permanente no concelho de Évora. A maior parte dos jovens que residem no concelho de Évora (70%) equaciona deixar de aí residir de forma permanente.

1.2. Características potenciadoras de uma menor satisfação com a vida

Como a insatisfação dos jovens com a vida pode ser uma das razões que pode contribuir para a sua mudança de residência, foi testado se havia diferença no grau de satisfação com a vida nas categorias de todas as variáveis do inquérito. Na Tabela E.1 e Tabela E.2 (Apêndice E) apresentam-se apenas os resultados para as variáveis que se revelaram significativas não tendo em conta o efeito de outras variáveis.

Com base nestes resultados, apresentam-se nas figuras seguintes (Figura 3.1 a Figura 3.4) as características potenciadoras para um jovem estar menos satisfeito com a vida, separando-as por cada uma das 6 dimensões analisadas pelo questionário.

Perfil sociodemográfico

- Ter entre os 18 e 21 anos relativamente a ser mais novo.
- Viver com um dos pais (ou padrasto/madrasta) com ou sem irmãos ou com ambos os pais sem irmãos relativamente a viver com ambos os pais (ou padrasto/madrasta) com irmãos.
- Habilitações literárias do pai serem de nível secundário ou inferior.
- Pensão ou o rendimento social de inserção ser a principal fonte de rendimento do agregado familiar.
- Os rendimentos próprios (rendas, empresas, juros) não serem a principal fonte de rendimento do agregado familiar.
- Não sentir que pertence a alguma religião.
- Residir numa freguesia rural do concelho de Évora.
- Residir há menos de 1 ano no concelho de Évora.

Figura 3.1 Características do perfil sociodemográfico identificadas como potenciadoras de um menor grau de satisfação com a vida por parte dos jovens.

Participação escolar/inserção profissional

- Estudar no ensino superior.
- Autoavaliar o seu desempenho enquanto estudantes com bom ou inferior.
- Considerar que é necessário aumentar a sua motivação pessoal para melhorar o seu desempenho enquanto estudantes.
- Menor habilitação literária, no caso dos jovens com 18 ou mais anos que não estão no ensino secundário/profissional.
- Sentir que já foram tratados de forma negativa em contexto escolar relativamente a amigos/pessoas com “quem se dá”, a forma de falar, às características físicas, à condição económica, à forma de vestir, à personalidade, à cor da pele, à escolaridade ou etnia.
- Trabalhar no distrito de Évora.
- Estar desempregado ou à procura do 1º emprego.
- Não estar a trabalhar no sector público nem por conta própria.
- A trabalhar de vez em quando ou à procura de emprego.
- Começar a trabalhar ou a procurar emprego pela primeira vez numa idade mais tardia.
- Demorar mais de 1 ano à procura de emprego.
- Considerar que o excesso de habilitações académicas, falta de empregos na região, falta de experiência profissional e falta de preparação pessoal são as razões para o tempo que demoraram à procura do 1º emprego ou para estarem na situação atual.
- Sentir que já foi tratado de forma negativa em contexto profissional relativamente às características físicas, à escolaridade, à forma de vestir ou à condição económica.
- Auferir até 1 salário mínimo nacional (557 Euros) de rendimento líquido.
- Autoavaliar o seu desempenho enquanto trabalhador/profissional com bom ou inferior.
- O abandono em algum momento dos estudos, antes da conclusão da formação que pretendia obter, dever-se ao ambiente com os colegas e a ter baixo/fraco desempenho ao nível do aproveitamento escolar, mas não ao facto de que a vida profissional na altura não permitia a continuidade dos estudos nem que havia incompatibilidade horária entre os estudos e a atividade profissional.
- Não falar com os amigos/colegas de curso/colegas de trabalho sobre a decisão de abandonar os estudos.

Figura 3.2 Características associadas à participação escolar/inserção profissional identificadas como potenciadoras de um menor grau de satisfação com a vida por parte dos jovens.

Práticas socioculturais

- Gostar pouco de estar com os amigos e de namorar nos tempos livres.
- Gostar pouco ou não gostar nada de estar com a família e de praticar atividade desportiva nos tempos livres.
- Gostar pouco de estar com a família e de estar sozinho(a) nos tempos livres relativamente aos jovens que não gostam nada.
- Gostar muito de estar sozinho(a) nos tempos livres relativamente a gostar pouco ou não gostar nada.
- Não gostar nada de ouvir música nos tempos livres relativamente a gostar pouco.
- Autoavaliar o aproveitamento que faz dos tempos livres como bom ou inferior.
- Considerar que seria necessário mais rendimento disponível para gastar de forma a melhorar o aproveitamento dos tempos livres.
- Considerar que seriam necessárias melhores acessibilidades de forma a melhorar o aproveitamento dos tempos livres.
- Nunca ir ou ir 1 vez por ano a concertos.
- Praticar com mais regularidade caminhada nos tempos livres.
- Não praticar BTT/ciclismo nos tempos livres.
- Não frequentar o Instagram mas frequentar o *Messenger*.
- Usar as redes/espços para procurar emprego.

Práticas de intervenção cívica

- Não pertencer a uma associação/organização/clube.
- Não ter interesse pela política.
- Não ter trabalhado numa organização ou associação de outro tipo durante os últimos 12 meses.
- Não costumar votar por achar que não vale a pena.

Figura 3.3 Características associadas às práticas socioculturais e de intervenção cívica identificadas como potenciadoras de um menor grau de satisfação com a vida por parte dos jovens.

Comportamentos de risco

- Ter consumido drogas ilícitas ou ter tomado em excesso medicamentos sem receita médica pelo menos 2 vezes.
- Ter a opinião de que o que leva um jovem a consumir álcool, tabaco ou outras drogas se deve a dependência ou para esquecer problemas.
- Consumir de vez em quando canabinóides e derivados relativamente a nunca ter consumido ou apenas ter experimentado 1 vez.
- Ter alguma vez consumido álcool de forma a ter ficado incapaz de ir às aulas/trabalho no dia seguinte.

Figura 3.4 Características associadas aos comportamentos de risco e à satisfação com a vida e ideias de futuro identificadas como potenciadoras de um menor grau de satisfação com a vida por parte dos jovens.

I.3. Residir, permanecer ou sair do concelho de Évora?

I.3.1. Perfil do jovem que está disposto a residir permanentemente no concelho de Évora

Na Tabela F.1 (Apêndice F) apresentam-se as variáveis que se revelaram significativas para que um jovem, entre os 15 e os 29 anos residente fora do concelho de Évora, esteja disposto a residir de forma permanente no concelho de Évora, mantendo fixas as restantes variáveis. Na Figura 3.5 apresentam-se as características potenciadoras para um jovem estar disposto a residir no concelho, separando-as por cada uma das 6 dimensões usadas no questionário:

Com base no modelo de regressão logística multivariado ajustado para um jovem, com idade entre 15 e 19 anos residente fora do concelho de Évora, estar disposto a residir de forma permanente no concelho de Évora ⁴ (Figura 3.6 e Tabela F.2, Apêndice F), mantendo fixas as restantes variáveis, podemos concluir que:

⁴ O modelo ajustado tem um bom ajustamento aos dados (valor $p_{\text{teste de Hosmer e Lemeshow}} = 0,518$ e valor $p_{\text{teste de Cessie van Howelingen}} = 0,363$) e uma boa capacidade discriminativa (AUC = 0,707), tendo uma sensibilidade de 54,8% e uma especificidade de 77,9% para um ponto de corte igual a 0,564.

- Um jovem que decide sozinho(a) a escolha do parceiro(a) tem cerca de 4 vezes mais chances de estar disposto a residir de forma permanente no concelho relativamente a um jovem que tenha em consideração a opinião dos outros;
- Um jovem que frequente bibliotecas pelo menos uma vez por ano tem mais do dobro das chances de estar disposto a residir de forma permanente no concelho relativamente a um jovem que nunca vá a bibliotecas;
- Um jovem que deseja pouco ou nada ganhar muito dinheiro nos próximos 10-15 anos tem mais do dobro das chances de estar disposto a residir de forma permanente no concelho relativamente a um jovem que deseje muito ganhar muito dinheiro;
- Um jovem que nos tempos livres gosta muito de estar com a família tem mais do dobro das chances de estar disposto a residir de forma permanente no concelho do que um jovem que goste pouco ou nada de estar com a família;
- Um jovem que nos tempos livres gosta muito de jogar às cartas tem quase o dobro das chances de estar disposto a residir de forma permanente no concelho do que um jovem que goste pouco ou nada de o fazer.
- Por cada ano a mais de idade as chances de um jovem estar disposto a residir de forma permanente no concelho aumentam cerca de 10%; numa diferença de 5 anos entre dois jovens as chances do mais velho estar disposto a residir de forma permanente no concelho são 70% superiores (Figura 3.7).

Perfil sociodemográfico
<ul style="list-style-type: none">• Ser mais velho
Participação escolar/Inserção profissional
<ul style="list-style-type: none">• Sendo estudante referir que para o seu desempenho poder melhorar é necessário instalações de melhor qualidade.
Práticas sócio-culturais
<ul style="list-style-type: none">• Nos tempos livres gostar muito de estar com a família ou ler.• <i>Fitness/aeróbica</i> como a actividade física que pratica com mais regularidade.• Frequentar com regularidade bibliotecas.
Práticas de intervenção cívica
<ul style="list-style-type: none">• Pertencer a uma associação/núcleo de estudantes.• Não pertencer a um clube/grupo desportivo.• Ser membro dos corpos sociais de uma associação/organização/clube.• Ter assinado uma petição nos últimos 12 meses.
Comportamentos de risco
Satisfação com a vida e ideias de futuro
<ul style="list-style-type: none">• Decidir sozinho(a) a escolha do parceiro(a).• Desejar pouco ou nada ganhar muito dinheiro nos próximos 10-15 anos.

Figura 3.5 Fatores potenciadores para um jovem, residente fora do concelho de Évora, estar disposto a residir de forma permanente no concelho de Évora, significativos a 5%, em cada uma das 6 dimensões estudadas.

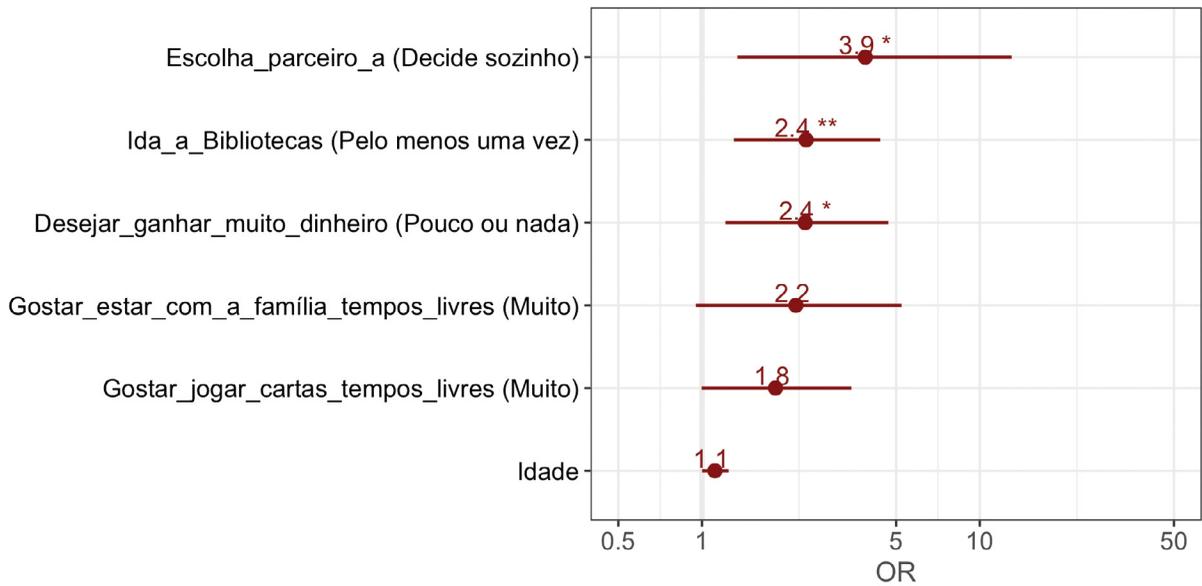


Figura 3.6 Razão de chances (OR), respetivos intervalos de confiança por perfil de verosimilhança a 95%, para as covariáveis significativas no modelo de regressão logística multivariado ajustado para um jovem residente fora do concelho de Évora estar disposto a residir de forma permanente no concelho (não vs. sim).

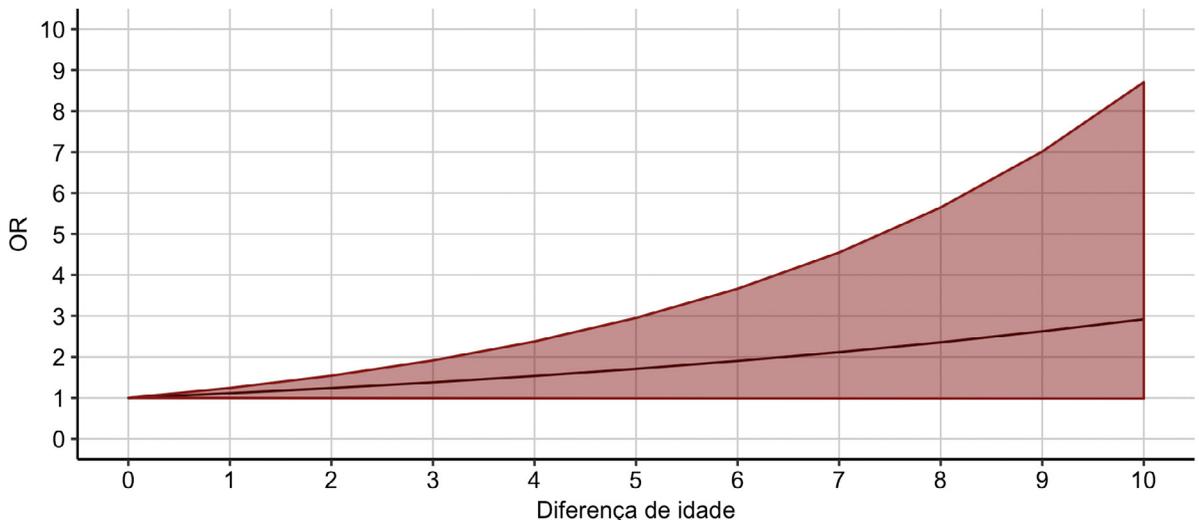


Figura 3.7 Razão de chances (OR) e respetivos intervalos de confiança em função da diferença de idades entre dois jovens com o mesmo perfil.

Podemos concluir que o perfil que maximiza a probabilidade de um jovem, entre os 15 e os 29 anos residente fora do concelho de Évora, estar disposto a residir de forma permanente no concelho de Évora (Figura 3.8) é o de alguém mais velho, que nos tempos livres gosta muito de jogar cartas e de estar com a família, que frequenta bibliotecas, que decide sozinho(a) a escolha do parceiro(a) e que deseja pouco ou nada ganhar muito dinheiro nos próximos 10-15 anos.

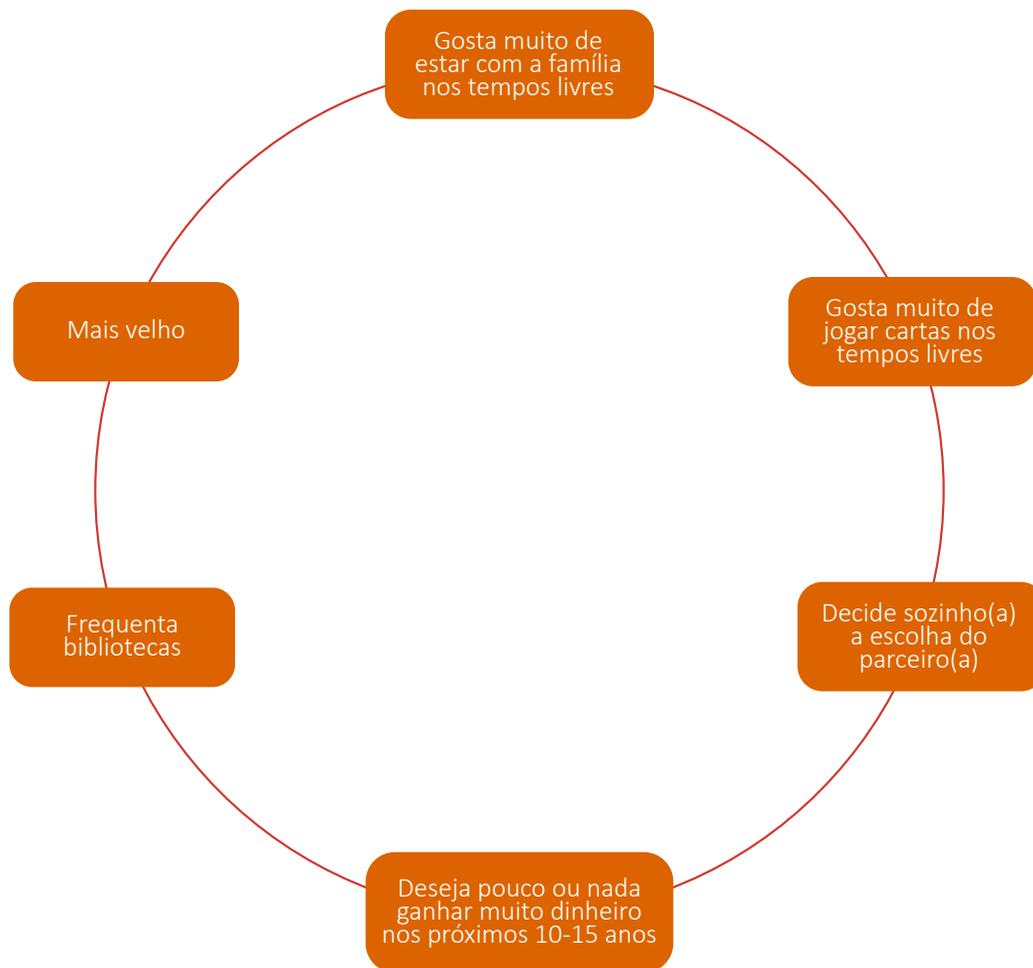


Figura 3.8 Perfil do jovem, entre os 15 e os 29 anos residente fora do concelho de Évora, com maior probabilidade de estar disposto a residir de forma permanente no concelho de Évora (considerando as variáveis comuns a todos os jovens).

I.3.2. Perfil do jovem que equaciona deixar de residir no concelho

Na Tabela F.3 (Apêndice F) apresentam-se as variáveis que se revelaram significativas isoladamente para um jovem, entre os 15 e os 29 anos residente no concelho de Évora, equacionar deixar de residir de forma permanente no concelho de Évora, i.e., não tendo em conta o efeito de outras variáveis. Com base nestes resultados, apresentam-se nas figuras seguintes (Figura 3.9 e Figura 3.10) as características potenciadoras para um jovem equacionar deixar de residir no concelho, separando-as por cada uma das 6 dimensões analisadas pelo questionário.

Perfil sociodemográfico

- Ser do sexo feminino.
- Residir numa freguesia urbana.
- Ter mãe ou pai com habilitações ao nível do ensino superior.
- Não contribuir nem os seus irmãos para o rendimento do agregado familiar.
- Não sentir que pertence a uma dada religião.

Participação escolar/inserção profissional

- Não trabalhar a tempo inteiro, estudar no ensino superior.
- Sendo estudante referir que para o seu desempenho poder melhorar é necessário que os professores tenham melhor preparação, mas não é necessário que tenham maior motivação.
- Sendo trabalhador referir que não é necessário melhorar a preparação/formação de base para o seu desempenho melhorar.
- Sentir tratamento diferenciado no sentido negativo devido a características físicas em contexto profissional e à língua em contexto escolar.

Figura 3.9 Fatores potenciadores para um jovem equacionar deixar de residir de forma permanente no concelho de Évora, significativos a 5%, nas dimensões perfil sociodemográfico e participação escolar/inserção profissional.

Práticas socioculturais

- Nos tempos livres, gostar pouco ou nada de estar com a família e de jogar consola e gostar muito de ouvir música e ver séries no computador.
- Avaliar o aproveitamento que faz dos tempos livres como suficiente ou inferior.
- Fazer busca de informação dirigida nos espaços/redes sociais.
- Ir com frequência a exposições, a museus e oficinas culturais e a bibliotecas.

Práticas de intervenção cívica

- Pertencer a uma associação/núcleo de estudantes.
- Ter interesse pela política.
- Ter feito voluntariado, ter usado um emblema autocolante, ter boicotado determinados produtos nos últimos 12 meses.

Comportamentos de risco

- Fazer duas ou mais vezes uma dieta drástica para emagrecer, download de material protegido por direitos de autor, partilha de objectos pessoais e tomar em excesso medicamentos sem receita médica.
- Ter consumido álcool em excesso de forma a ter ficado incapaz de ir às aulas no dia seguinte.

Satisfação com a vida e ideias de futuro

- Nos próximos 10-15 anos desejar muito ser reconhecido profissionalmente e conseguir um grau académico e desejar pouco ou nada ter uma relação estável.
- Nos próximos 10-15 anos temer muito não ser reconhecido profissionalmente e temer pouco ou nada a morte.

Figura 3.10 Fatores potenciadores para um jovem equacionar deixar de residir de forma permanente no concelho de Évora, significativos a 5%, nas dimensões práticas socioculturais, práticas de intervenção cívica, comportamentos de risco e satisfação com a vida e ideias de futuro.

Com base no modelo de regressão logística multivariado ajustado para um jovem residente no concelho de Évora equacionar deixar de residir no concelho de Évora ⁵ (Figura 3.11, Tabela F.4, Apêndice F), mantendo fixas as restantes variáveis, podemos concluir que:

- Um jovem que durante os últimos 12 meses boicotou determinados produtos tem cerca de 4 vezes mais chances de equacionar deixar de residir de forma permanente no concelho relativamente a um jovem que não o tenha feito;
- Um jovem que tomou excesso de medicamentos sem receita médica pelo menos duas vezes tem quase três vezes mais chances de equacionar deixar de residir de forma permanente no concelho do que um jovem que nunca o tenha feito ou o tenha feito apenas uma vez;
- Um jovem com uma mãe com habilitações ao nível do ensino superior tem quase três vezes mais chances de equacionar deixar de residir de forma permanente no concelho do que um jovem que tenha uma mãe com habilitações inferiores;
- Um jovem que tenha consumido álcool em excesso incapacitando-o de ir às aulas/trabalho do dia seguinte tem um pouco mais do dobro das chances de equacionar deixar de residir de forma permanente no concelho do que um jovem que não o tenha feito;
- Um jovem que fez pelo menos duas vezes uma dieta drástica para emagrecer tem um pouco mais do dobro das chances de equacionar deixar de residir de forma permanente no concelho do que um jovem que nunca o tenha feito ou o tenha feito apenas uma vez;
- Um jovem que nos tempos livres gosta pouco ou nada de estar com a família tem um pouco mais do dobro das chances de equacionar deixar de residir de forma permanente no concelho do que um jovem que goste muito de estar com a família;
- Um jovem do sexo feminino tem quase o dobro das chances de equacionar deixar de residir de forma permanente no concelho do que um jovem do sexo masculino;
- Um jovem residente numa freguesia urbana tem cerca de 70% mais chances de equacionar deixar de residir de forma permanente no concelho do que um jovem residente numa freguesia rural;

⁵ O modelo ajustado tem um bom ajustamento aos dados (valor $p_{\text{teste de Hosmer e Lemeshow}} = 0,947$ e valor $p_{\text{teste de Cessie van Howelingen}} = 0,212$) e uma boa capacidade discriminativa (AUC = 0,729), tendo uma sensibilidade de 58,1% e uma especificidade de 77,6% para um ponto de corte igual a 0,728.

- Um jovem que nos tempos livres gosta muito de ver séries no computador tem cerca de 60% mais chances de equacionar deixar de residir de forma permanente no concelho do que um jovem que goste pouco ou nada de ver séries no computador;
- Um jovem que nos próximos 10-15 anos teme muito não ser reconhecido profissionalmente tem cerca de 50% mais chances de equacionar deixar de residir de forma permanente no concelho do que um jovem que teme pouco ou nada não ser reconhecido profissionalmente.

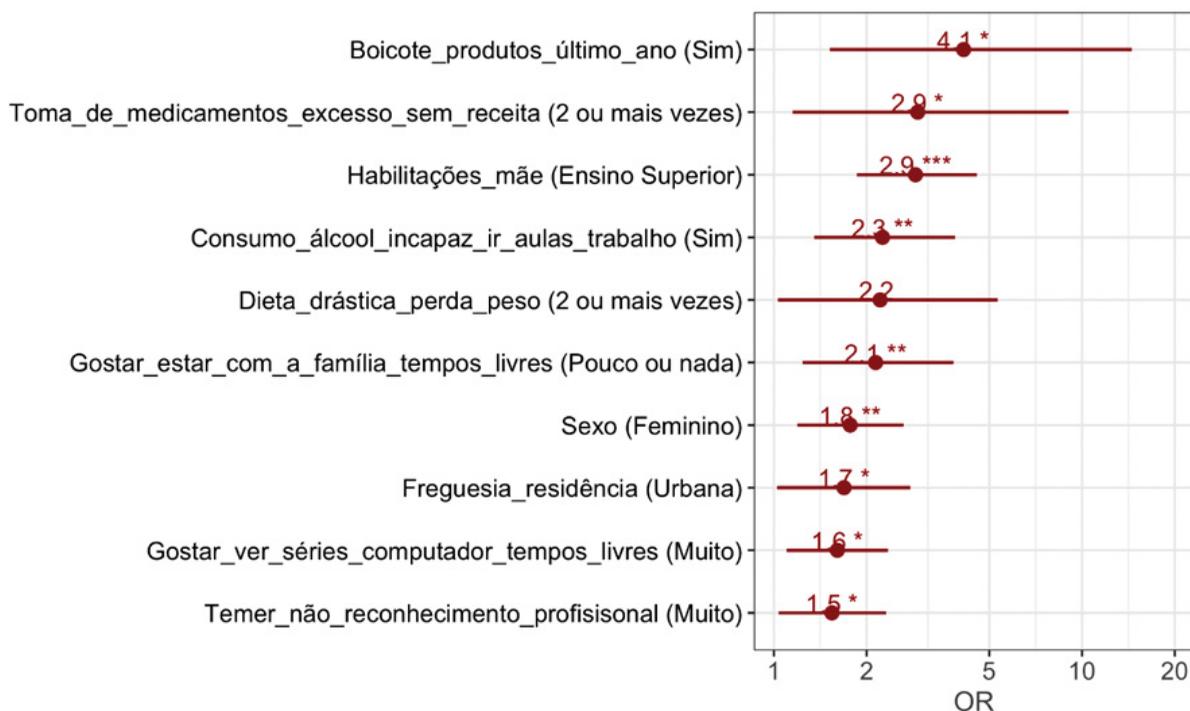


Figura 3.11 Razão de chances (OR), respetivos intervalos de confiança por perfil de verosimilhança a 95%, para as covariáveis significativas no modelo de regressão logística multivariado ajustado para um jovem residente no concelho de Évora equacionar de deixar de residir no concelho (não vs. sim).

Podemos concluir que o perfil que maximiza a probabilidade de um jovem entre os 15 e os 29 anos equacionar deixar de residir no concelho de Évora (Figura 3.12) é o de um jovem do sexo feminino, residente numa das freguesias da cidade, cuja mãe tem habilitações ao nível do ensi-

no superior, que no último ano boicotou determinados produtos, que nos tempos livres gosta muito de ver séries no computador e pouco ou nada de estar com a família, que pelo menos duas vezes já tomou em excesso medicamentos sem receita médica e fez pelo menos duas vezes uma dieta drástica para emagrecer, que já consumiu álcool em excesso ficando incapaz de ir às aulas/trabalho no dia seguinte e que teme muito não ser reconhecido profissionalmente nos próximos 10-15 anos.

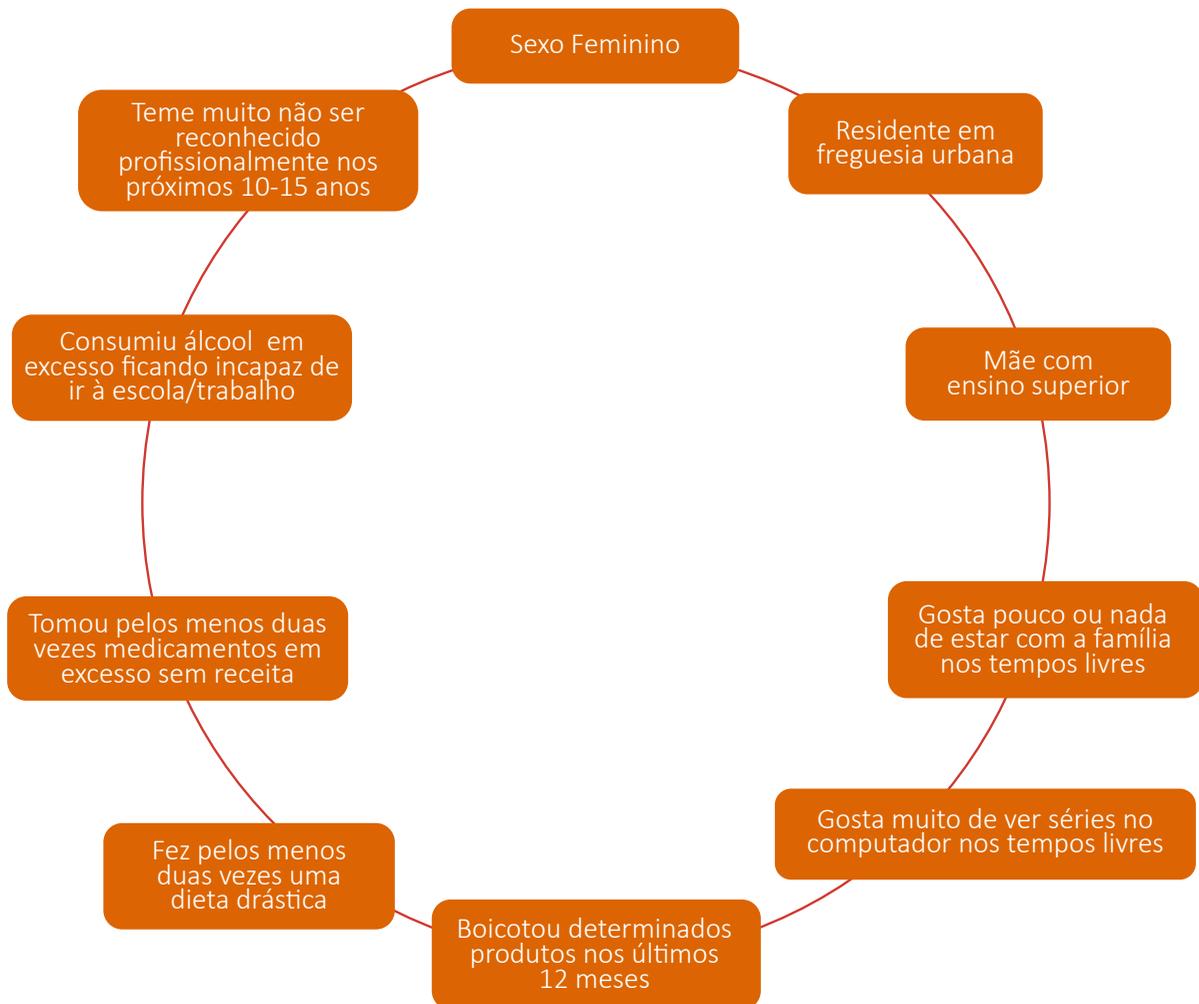


Figura 3.12 Perfil do jovem residente no concelho de Évora, entre os 15 e os 29 anos, com maior probabilidade de equacionar deixar de residir no concelho de Évora (considerando as variáveis comuns a todos os jovens).

I.3.3. Uma perspetiva “longitudinal”

Como referimos anteriormente, metade dos jovens que residem fora do concelho de Évora estão dispostos, num futuro próximo, a residir de forma permanente no concelho. No entanto, 70% dos jovens que residem no concelho de Évora equaciona deixar de aí residir de forma permanente.

Uma análise mais detalhada revela algumas diferenças relevantes na relação entre a intenção de sair/permanecer e as variáveis idade e residência dos jovens. Entre os jovens que residem fora do concelho podemos observar uma percentagem quase constante, entre os 15 e os 19 anos, na intenção de residir no concelho, registando-se um ligeiro aumento aos 20 anos e outro aumento aos 21 anos (Figura 3.13) ⁶.

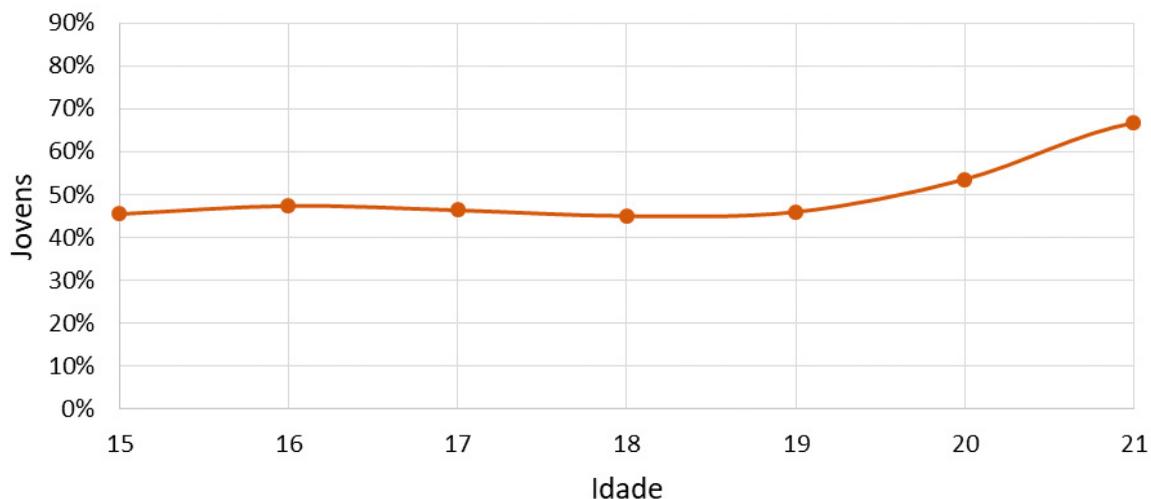


Figura 3.13 Estimativas para a percentagem de jovens, residentes fora do concelho de Évora, que equacionam residir de forma permanente no concelho, em função da idade.

⁶ Note-se que neste caso apenas se optou por representar as estimativas até aos 21 anos, pois eram as idades que tinham pelo menos 10 respostas válidas.

Entre os jovens que residem dentro do concelho de Évora, em qualquer idade, mais de metade equaciona sair, sendo essa intenção apenas inferior a 60% aos 19 anos e aos 25 anos e sendo superior a 90% aos 29 anos (Figura 3.14). Podemos, ainda, observar que na faixa etária entre os 20 e os 22 anos é onde se regista uma maior percentagem de jovens que equaciona deixar de residir de forma permanente em Évora, registando-se uma tendência para diminuir até aos 27 anos e um aumento a partir daí.

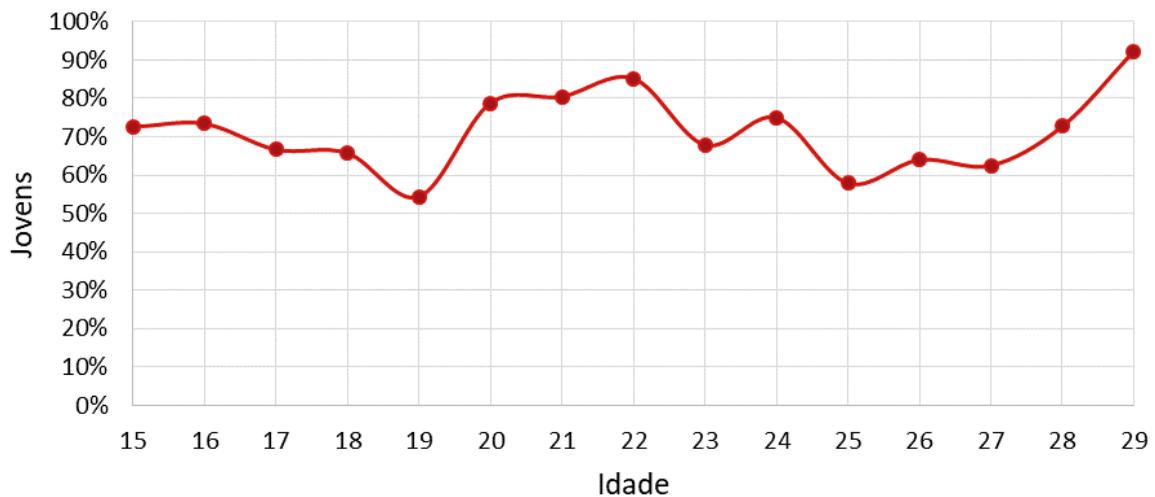


Figura 3.14 Estimativas para a percentagem de jovens, residentes dentro do concelho de Évora, que equacionam deixar de aí residir de forma permanente, em função da idade.

Foram também observadas diferenças na relação entre a intenção de sair/permanecer e a variável sexo. Entre os jovens residentes no concelho de Évora pode concluir-se que são os do sexo feminino que mais intenções têm de deixar de residir no concelho, registando-se diferenças bastante relevantes nas classes etárias dos 15 aos 19 anos e dos 20 aos 24 anos, sendo esta última classe etária que regista uma maior percentagem de jovens que tencionam deixar de residir no concelho (Figura 3.15). Neste caso existe uma diferença significativa entre os sexos ($p=0,008$) independentemente da classe etária ($p=0,710$), o que nos permite estimar que uma jovem do sexo feminino tem 1,6 vezes ($IC_{95\%}=(1,1; 2,2)$) mais chances de tencionar sair do concelho que um jovem do sexo masculino.

Admitindo a representatividade da amostra e que a intenção de sair ou permanecer no concelho de Évora se mantém inalterada ao longo do tempo, podemos prever, com base nas últimas estimativas da população residente no concelho de Évora, qual o impacto na população de jovens do concelho que estas decisões teriam. Trata-se de um exercício académico que não entra em linha de conta com outros fatores que poderiam corrigir por defeito ou excesso estas estimativas (e.g. taxas de mortalidade, movimentos migratórios, etc.).

Assim, tendo por base as últimas estimativas disponíveis para a população residente no Concelho de Évora (INE – Estimativas Anuais da População Residente, última atualização: 2018-06-15), que correspondem ao ano de 2017, podemos prever que cerca de 2000 jovens na faixa etária entre os 20 e os 24 anos equacionam deixar de residir definitivamente no concelho de Évora (Figura 3.15).

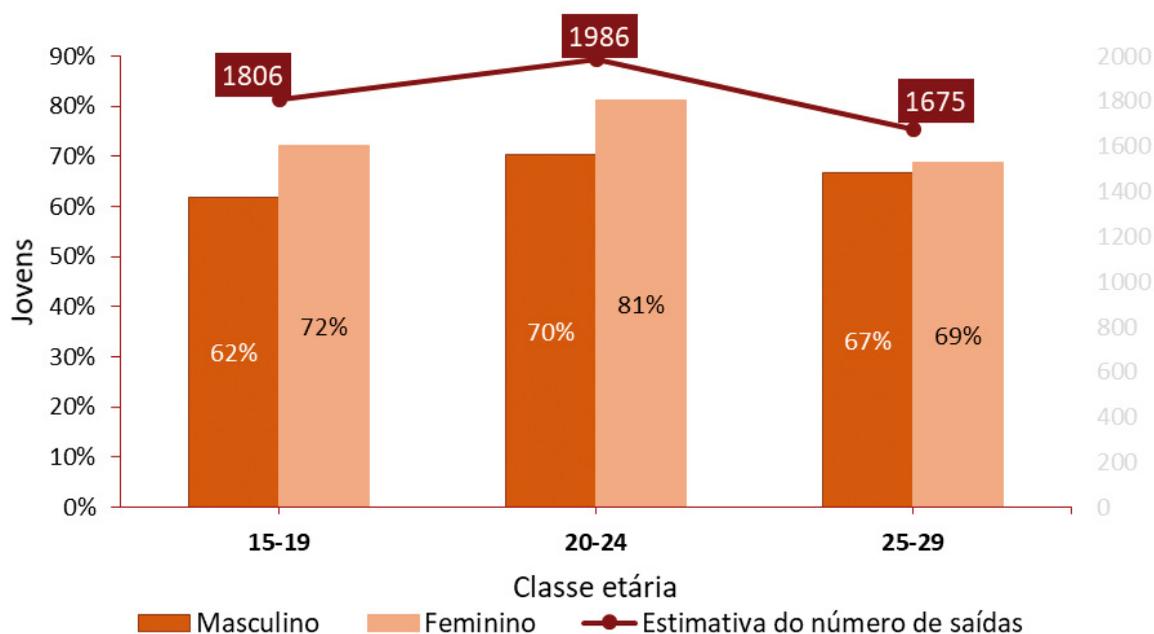


Figura 3.15 Estimativas para a percentagem de jovens, residentes dentro do concelho de Évora, que equacionam deixar de residir no concelho de forma permanente, por sexo e classe etária, e estimativas por classe etária do número de jovens residentes que tencionam deixar de residir no concelho de forma permanente.

Ainda com base em cálculos efetuados sobre as estimativas do INE, e considerando a estimativa global igual a 70% como representativa da população, então da população do concelho de Évora na faixa etária entre os 15 e os 29 anos estimada em 7677 jovens em 2017 (a qual, refira-se,

registra um decréscimo de 15% relativamente aos Censos de 2011), podemos prever que mais de 5000 jovens equacionam deixar de residir no concelho de Évora de forma permanente (Figura 3.16) ⁷.

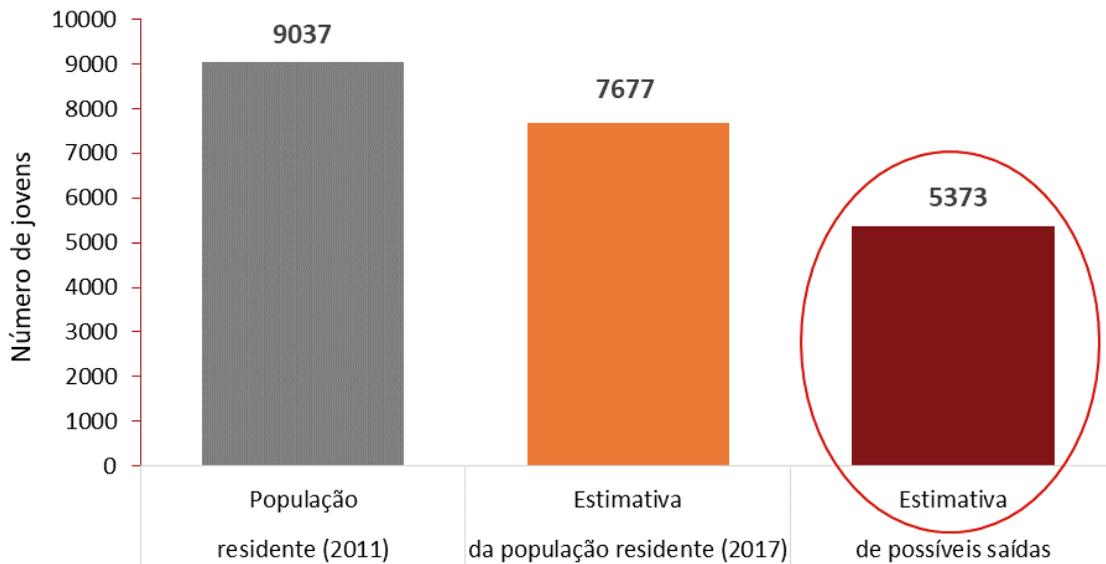


Figura 3.16 População residente no concelho de Évora entre os 15 e os 29 anos de acordo com os Censos 2011, estimativa do INE para a população residente no concelho de Évora em 2017 na mesma faixa etária e estimativa dos jovens residentes, na mesma faixa etária, que tencionam deixar de residir no concelho de forma permanente (n.º respostas válidas 716).

No conjunto, foram ainda observadas diferenças na relação entre a intenção de sair/permanecer e os vários subgrupos estudados por relação com o estudo ou trabalho. Entre os estudantes do ensino secundário a intenção de sair do concelho de Évora tem tendência para diminuir com a idade; nos estudantes da universidade a intenção parece estável com a idade, embora com percentagens acima das obtidas às dos estudantes do secundário. Nos trabalhadores destaca-se a elevada percentagem de intenções aos 29 anos (Figura 3.17) ⁸.

⁷ Note-se que a soma das estimativas por classe etária apresentadas na Figura 3 é um pouco diferente da estimativa total apresentada na Figura 4, uma vez que as desta última foram obtidas com base num menor número de respostas por existirem alguns jovens que não indicaram a idade.

⁸ Note-se que também neste caso apenas se obtiveram as estimativas para idades que tinham pelo menos 10 respostas válidas.

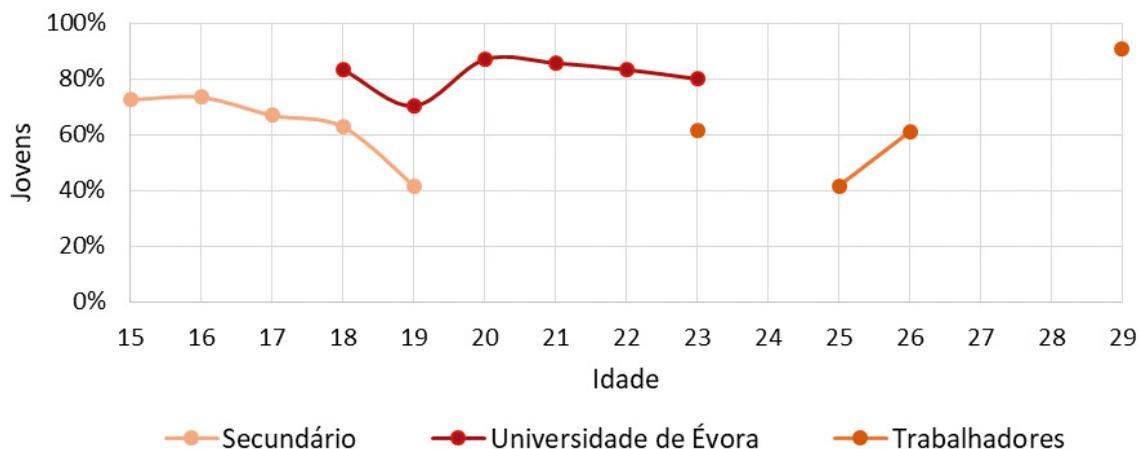


Figura 3.17 Estimativas da percentagem de jovens estudantes e trabalhadores residentes fora do concelho de Évora que equacionam deixar de residir de forma permanente em Évora em função da idade.

Finalmente, se considerarmos apenas os estudantes na Universidade de Évora, entre os 18 e os 23 anos, estima-se que 55,4% dos que residem fora do concelho de Évora equacionam ficar a residir no concelho de Évora, enquanto 81,3% que residem dentro do concelho de Évora equacionam deixar de aí residir. Admitindo como representativas desta população as estimativas obtidas, sabendo que em Junho de 2018 havia 681 alunos na Universidade de Évora com idade entre os 18 e os 23 anos residentes dentro do concelho de Évora e 2909 alunos na mesma faixa etária residentes fora do concelho de Évora, podemos concluir que há uma diferença positiva, no sentido de virem a residir no concelho, de mais de 1000 jovens (Figura 3.18).



Figura 3.18 Estimativas dos jovens estudantes na Universidade de Évora residentes fora do concelho de Évora que equacionam aí residir de forma permanente e dos residentes dentro do concelho de Évora que equacionam deixar de aí residir de forma permanente (n.º respostas válidas: equacionar sair 112; equacionar ficar 56).

II. Os grupos focais

II.1. Sociabilidade, Práticas, Vivências e Comportamentos de Risco

II.1.1. Juventude e juventudes

Os interlocutores do grupo focal “Sociabilidade, Práticas, Vivências e Comportamentos de Risco” reconhecem o quão difícil é falar de juventude no singular. “[S]ão *jovens diferentes, e são mundos diferentes*”, afirma este participante:

[...] de facto, é um atrevimento muito grande nós querermos caracterizar os jovens do concelho. Porque os ‘jovens do concelho’ não existe, esse saco escuro onde queremos meter toda a gente que nasceu entre uma determinada data e outra não existe.

Eu ouvi as palavras do VT, ouvi as palavras do jovem, do FP, e são jovens diferentes, e são mundos diferentes. E eu atravesso a cidade e tenho jovens motivados para sair de casa e ir aprender música. E tenho jovens motivados para ir ao treino do futebol, do basquetebol, do andebol, e tenho jovens motivados para à noite ir ouvir música a uma coletividade. E tenho jovens... cada um destes jovens, cada um destes grupos, cada um destes jovens tem uma motivação especial para qualquer coisa. [EL_FG1]

Olhar a juventude do concelho de Évora obriga, pois, a olhar as diversas realidades que os jovens traduzem e experienciam. Não obstante esta constatação, os participantes deste grupo sublinharam a existência de um conjunto de ideias feitas sobre a juventude, as quais frequentemente redundam numa imagem que não é neutra, antes negativa. A afirmação que se segue constitui um exemplo dessas ideias feitas, simultaneamente generalistas, homogeneizadoras e depreciativas:

[...] os jovens não têm participação cívica, os jovens não obedecem aos velhos, não têm projetos de vida... [PJ_FG1]

Tais ideias apoiam-se quase sempre num “*olhar distante*” [PP_FG1] sobre a juventude. Distante porque perspectivado com base num ponto de partida único, que precisamente oculta ou negligencia pontos de partida múltiplos. Em alternativa, defendem os interlocutores convidados, impõe-se o reconhecimento da pluralização dos perfis, contextos e práticas da juventude. Do que foi discutido fica claro que esta pluralização é tanto mais fácil de reconhecer quando apoiada num conhecimento “a partir de dentro” ou “de muito perto”, empiricamente sustentado e não normativo.

No domínio dos perfis e contextos de ancoragem ou de pertença, afirma-se desde logo a realidade diferenciada dos jovens residentes em freguesias rurais e urbanas. A pluralização estende-se também ao interior de cada uma dessas realidades. O conhecimento a partir de dentro, com base na experiência profissional de alguns, parece decisivo para sustentar o reconhecimento da pluralidade e diversidade. No caso que a seguir se transcreve a afirmação surge a partir do trabalho de perto com jovens oriundos de um bairro social:

Pois, trabalhar na Cruz da Picada, é um território com características muito particulares, porque ao nível da juventude é uma comunidade muito heterogénea. Portanto, já desde logo com a presença de muitos membros de etnia cigana, o que vai fazer com que esse trabalho... nós tenhamos de observar vários contextos para saber o que se passa. Como trabalhávamos antes, como trabalhamos agora, a realidade hoje em dia, quais as expectativas que os jovens têm para o futuro. [HV_FG1]

Neste outro caso, a afirmação apoia-se numa experiência mais episódica com jovens “*problemáticos*”, enquadrados numa medida socioeducativa de integração escolar tendo em vista favorecer o cumprimento da escolaridade obrigatória e a inclusão social (PIEF):

[...] nós temos aqui uma experiência muito interessante, que me marcou a mim, que foi precisamente com jovens problemáticos que nós aceitámos e ainda aceitamos em contexto de estágios aqui na rádio e no jornal, e tivemos jovens da... creio que já não existe, já tem outro nome, dos PIEF [...] Estavam em pânico. Ninguém quer... vieram da Cruz... nem pensar!

Bom, eu olhei para aquilo com algum cuidado e pensei bem. Acho que isto é um grande desafio para nós. [...] E estes jovens quando chegaram, eu percebi logo que eram jovens revoltados, mais irreverentes, que tu pudesses..., e tudo o que nós fazíamos, nada lhes criava atratividade, nada, absolutamente nada. Aquilo era desesperante. [PP_FG1]

A somar ao conjunto de ideias feitas já referidas, um dos participantes sublinhou a afirmação recorrente em torno da fraca participação política por parte dos jovens, questão tida como genericamente problemática e ávida de solução:

O facto de haver pouca aderência dos jovens quer à política, por pouco interesse, quer do ponto de vista social... haver até mais dificuldade de participarem socialmente nas cidades do que nos meios rurais é preocupante e tem de se criar aqui, encontrar aqui uma solução. [PP_FG1]

Mas justamente a este propósito, um outro participante frisou a importância da distinção entre envolvimento partidário e associativismo ou participação política numa aceção ampla do termo. Vista por essa perspectiva, a questão da participação política adquire novos contornos e texturas. Como lembra esse mesmo interveniente:

[...] se nós pensarmos só na política partidária, de facto, é muito pouco inspiradora, convém ver então aí, não recomendo de todo. Mas a outra política, a do cidadão, a política cívica, do dia-a-dia, onde as atividades, as associações podem fazer a diferença, aí não tenho dúvidas nenhuma que ela está a acontecer. [PJ_FG1]

II.1.2.Fronteiras, espelhos e faróis

A tensão entre, por um lado, reconhecer as juventudes, no plural; por outro, falar de juventude no singular, parece ser tributária, pelo menos em parte, da constatação de uma porosidade de fronteiras entre as várias fases da vida que, no caso particular da juventude, torna particularmente difícil identificar, recortar e trabalhar com esta categoria social. Desde logo porque, como demonstram os excertos que se seguem, o espaço da juventude é um espaço reclamado e desejado por muitos outros, não jovens:

[...] há uma tentativa muito grande de resgatar a juventude. Ou seja, há muita gente a reclamar para si o espaço que é deles. Acho que esse é o grande desafio que nós temos enquanto instituições. [PJ_FG1]

[...] acho que as nossas gerações querem-se substituir aos jovens. Ou seja, nós queremos ocupar um espaço que não é nosso. [PP_FG1]

Mas também porque parece difícil aos não jovens encontrar e fixar os tempos e espaços próprios da juventude.

Todos nós queremos ser modernos, todos queremos estar na onda, falar na linguagem que vocês falam e temos que ir para as redes. Nós vamos a correr para o Facebook, vocês fogem para o Instagram. Vamos para o Instagram, vocês vão fugir para outro lado. Essa é a pura de uma verdade, sempre aconteceu assim. Todos sempre fomos irreverentes em jovens. [PP_FG1]

Emerge do discurso dos participantes que a forma de lidar com este desencontro, que não parece exclusivo dos dias de hoje, será então deixar aos jovens o que é dos jovens, isto é, que sejam os jovens a iluminar os caminhos para o futuro.

[...] acho errado que nós assumamos aqui uma tutela sobre os comportamentos dos jovens. Nós não temos que tutelar os comportamentos dos jovens. É olharmos para o nosso espelho retrovisor e perguntar-nos quanto tínhamos quinze, dezasseis, dezassete, dezoito anos, se permitíamos que nos tutelassem naquilo que nós queríamos fazer. Era o que faltava, era o que faltava! [EL_FG1]

O reconhecimento de uma certa “irreverência” como marca da juventude parece aqui ser colocada a favor dos jovens, quer na afirmação de uma cultura de juventude, quer na definição de caminhos únicos e simultaneamente ajustados às suas realidades e expectativas tendo em vista a mudança do *status quo*.

A juventude tem de ser revolucionária, tem de ser contra coisas, tem de ser irreverente, senão, não é juventude, não é? [PP_FG1]

O jovem tem de ser também um fator de mudança, não é? Tem de ter às vezes a iniciativa também para nos indicar como é que havemos de comunicar com ele. [HV_FG1]

II.1.3. Que futuro? Temido, desejado e possível

Como patenteia o excerto que se segue, entre os participantes deste grupo focal consensualizaram-se ideias em torno das qualidades distintivas da atual geração de jovens:

[...] eu acho que esta geração é absolutamente fantástica, extraordinária, tem indicadores absolutamente únicos que nós, nas nossas ansiedades e nas nossas preocupações, enquanto instituições, às vezes, esquecemos. E isso não pode ser esquecido. [PJ_FG1]

Apesar disso, aponta-se também a esta geração a existência de “muitos recursos e poucos projetos”:

[...] nós temos hoje muitos recursos e poucos projetos de vida. Eu acho que é um bocado por isso. Se nós tivermos... se eu souber o que quero... faz-me lembrar um pouco a história da Alice no País das Maravilhas, quando pergunta ao coelho onde é a estrada, e ele pergunta para onde é que tu queres ir. Se eu souber para onde é que eu quero ir, os recursos surgem. E isto leva um bocadinho à ideia também do povo que diz: o fermento vai ser

sempre pouco para o pão, não pode é deixar de ser fermento. Portanto, nós vamo-nos estar sempre a queixar. [PJ_FG1]

Neste contexto, os participantes assinalaram a frequência com que se deparam com situações de ausência de “*expetativas positivas*” dos jovens perante o futuro ou com “*ausência de estratégias para superar momentos difíceis que vão ultrapassando*”, sobretudo entre as categorias sociais mais desfavorecidas. Como descreve um desses participantes:

[...] a maior parte dos jovens [que] estão neste território, principalmente no Bairro Cruz da Picada, têm falta de expetativas positivas relativamente ao futuro. Isto porque, também, a maior parte das famílias presentes são famílias monoparentais, são famílias desestruturadas, de elevado índice de pobreza, muitos beneficiários do RSI, portanto, todo este conjunto que nós observamos neste território faz com que os jovens o reflitam das diversas maneiras, desde logo com esta falta de expetativas, com ausência de estratégias para superar momentos difíceis que vão ultrapassando. Não existe. Ou, se existem, têm de ser trabalhadas na escola, na família e nas instituições de primeira linha que estão presentes.

Ora, na escola existe um elevado índice de abandono escolar. O suporte familiar não é o melhor que se desejaria para conduzir os jovens a ultrapassar esses momentos difíceis e as instituições de primeira linha sofrem também, portanto, com outros problemas. [HV_FG1]

A discussão gerada redundou na necessidade e importância de reforçar as expectativas positivas em torno dos futuros possíveis que se apresentam aos jovens. Este reforço passa por palavras e incentivos mas também por ações dirigidas que ofereçam oportunidades de desenvolvimento aos jovens, que afastem os futuros temidos e que, como no relato de um dos participantes, explorem a coincidência entre os futuros desejados e os possíveis:

[...] o jovem é um indivíduo, mas nós também temos, muitas das vezes, de dizer a este jovem que tem de se juntar, tem de ir à procura. Não sei. Se quiseres vir fazer rádio, há aqui espaço para ti seguramente e para os teus amigos. [PP_FG1]

II.1.4.O que procuras tu? Sons e silêncios

No domínio das sociabilidades e das práticas culturais, extremam-se as posições que opõem abundância e dinâmica à escassez e monotonia da oferta local. A tensão parece surgir de uma dificuldade em responder à questão “o que procuram os jovens?”, inclusive por parte dos pró-

prios, como denuncia o excerto de um diálogo entre o moderador e um dos jovens participantes neste grupo focal, interpelado face à realidade assim antes descrita pelo jovem residente numa freguesia rural:

FP: [...] Não há muitos problemas a nível social, não há grandes problemas também a nível de empregabilidade. [...] A nível de sociabilidade, também não me parece que seja um grande problema. É uma freguesia que é muito acolhedora. Os jovens relacionam-se, geralmente, muito bem uns com os outros. Os mais velhos tendem, de facto, a vir, a transmitir algumas boas práticas para os mais novos. Isto deveu-se também um bocadinho quer por parte de ação dos jovens, quer por termos um pouco de outras associações que trabalham com os jovens.

JC: VT, é assim?

VT: Eu, a meu ver, não vejo muito assim essa vivência, na minha opinião. Eu falo por mim. Eu, por exemplo, tenho de procurar às vezes alguma coisa para fazer, ou coisa assim. Prefiro ficar em casa do que ir fazer, por exemplo, alguma coisa para a rua, porque não vejo nada do meu interesse.

JC: Há poucas coisas de interesse para os jovens em Évora...

VT: Exatamente. Era isso que eu queria dizer. Acho que há demasiada falta disso, porque falo por mim, no meu grupo de amigos, nós às vezes pensamos em fazer alguma coisa e não acabamos por encontrar nada para fazer, e decidimos às vezes ficar em casa.

[...] Talvez para alguns jovens como eu, não encontramos nada para a gente fazer.

Entre os intervenientes no grupo focal parece consensual a constatação de que a resposta à questão “o que procuram os jovens?” é diferente hoje do que era no passado. Em face disto, sugere-se uma alteração dos modos de relação com os jovens. Esta convicção é particularmente notória entre os que trabalham de perto com os jovens e constataam diariamente essa mudança geracional.

[...] eu já fiz essa pergunta, esta pergunta a vários jovens diretamente. Trabalho com eles há tantos anos, já tenho visto ali gerações passando pelos tempos livres, por centros jovens, e quase todos os dias faço essa pergunta: o que procuras tu? E a pergunta, [faço-a] a jovens com dezasseis, dezassete, dezoito, vinte, vinte e dois. A maior parte das vezes dizem: trabalho. E isso muda um bocadinho o objetivo do nosso trabalho ali em sede de ocupação de tempos livres. O paradigma alterou-se. Antigamente, as coisas eram totalmente

diferentes. O tal trabalho que fazíamos com outros jovens. As oficinas que desenvolvíamos tinham determinados objetivos e eles até participavam. E, hoje, eles procuram emprego e para acharem o emprego reúnem-se em grupos, os seus grupos, pares muito específicos, com os mesmos objetivos, portanto, quase que não conseguem entrar ali também para procurarem emprego. [HV_FG1]

Da discussão gerada em torno da necessidade de alterar os modos de relação e de trabalho com os jovens, ajustando-os a essa “mudança de paradigma” entre gerações emergiu a importância de ouvir, discutir e eventualmente atender os jovens, naquilo que são os seus interesses, gostos e expectativas. Muito embora se reconheça parcialmente a persistência estrutural da dificuldade de comunicação intergeracional, parece consensual a necessidade de dar atenção ao que os jovens dizem e reivindicam e que, porventura, não está a ser ouvido ou entendido; mas também aquilo que possam ser necessidades dos jovens, apesar de não ditas. Em face disto, torna-se urgente criar ou aperfeiçoar mecanismos de escuta atenta, mas também de estimular o envolvimento dos jovens em contextos que favoreçam a sua participação ativa.

[...] quando nós, enfim, dessas gerações já mais velhas, eramos jovens, tínhamos os mesmos problemas, sem dúvida alguma. Quer dizer, e é uma coisa que é... repete-se muitas vezes aquilo que nós vimos na nossa juventude, pronto. E eu lembro-me muito bem de todos nos queixarmos que não havia nada para fazer em Évora. Bom, a verdade é que eu, olhando a esta distância, até havia muita coisa para fazer. O que não estávamos era, muitas das vezes, motivados para isso, pronto. E esta preocupação também, enfim, não é preocupação nenhuma, é um olhar distante da juventude, mas que nós, enquanto comunicação social, temos de ir à procura e perceber porque é que os jovens, hoje, nas cidades dizem isto, não é? Dizem isto porque, muitas das vezes, se calhar, a oferta não lhes é feita de uma forma motivadora. Não é? [...]

Se calhar, estamos enganados e têm de ser os jovens a dizer como é que nós os podemos motivar. Se calhar... isto é uma análise superficial de alguém que anda na rua todos os dias, de alguém que vai às escolas... portanto, eu acho que há esta... na minha opinião, há este problema muitas das vezes, de sermos nós, mais velhos, a quereremos resolver e quereremos dizer aos jovens: o caminho é por aqui, não sei quê, vai fazer isto, vai fazer aquilo... quando o jovem diz: eu não estou interessado nisso em nada. Não é? Portanto, os interesses são outros e são legítimos. Portanto, eu entendo perfeitamente aquilo que ele diz, enquanto representante dos jovens. Enquanto representante, entendo, e sinto alguma preocupação de como é que vamos fazer. Mas isso, se calhar, esta preocupação não

tem sentido nenhum de existir, porque isto faz parte das gerações, do meu ponto de vista.
[PP_FG1]

Andamos todos à procura de respostas e esquecemos de fazer a pergunta. No fundo, era aquilo que o Paulo estava ali a dizer, que é: que respostas dar aos jovens. Mas já lhes perguntamos alguma coisa? Não. Eles já se dirigiram a dizer: eu quero isto, eu exijo isto? Não. [EL_FG1]

A experiência retratada nas freguesias rurais, onde um maior encontro entre procura e oferta surge associado ao maior envolvimento dos jovens em associações locais parece lançar pistas para a identificação dos mecanismos ajustados a essa escuta atenta: a escuta é condição da participação.

E os jovens, pelo menos da minha freguesia, preocupam-se um bocadinho com estas questões da oferta. Portanto, gostam de participar um bocadinho na rede de associativismo. Há pouco, estava a falar um bocadinho disto. Portanto, partindo dos escuteiros, que temos um grupo de escuteiros, a Associação de Jovens, que era um [bocadinho?] a Associação Desportiva e Cultural, portanto, os jovens vão ter uma participação ativa um bocadinho aqui na rede de associativismo. [FP_FG1]

II.1.5. Comunicar é dizer e ouvir. Não é anunciar

Os participantes não jovens deste grupo focal reconhecem as dificuldades de comunicação com os jovens. O excerto que se segue é revelador das dificuldades geradas pelos desencontros entre os conceitos de informação, divulgação e comunicação. VT é o jovem que coloca a questão inicial:

VT: Você falou do Festival da Cultura, foi?

EL: Demorou um mês e meio. Aconteceram coisas na cidade todos os dias e, às vezes, ao mesmo tempo.

VT: Eu não sabia sequer da existência... por acaso, eu não sei e de certeza que há mais gente que não sabe. Às vezes, o problema é a divulgação das coisas.

JC: Comunicar bem as coisas, não é?

VT: Isso. Chamar a atenção dos jovens, para ver se eles vão, porque eu, por acaso...

JC: Fazer chegar a informação mais diretamente aos jovens.

Como justificação para os problemas de comunicação é sublinhada com frequência pelos participantes uma dificuldade de “falar esta [uma certa, própria] linguagem”.

Portanto, pode é a mensagem não chegar e aí é que eu acho que há um grande problema, que é: como é que se consegue comunicar com os jovens? Nós temos feito um pouco desse trabalho por preocupação, porque os jovens são os nossos futuros leitores e ouvintes. Portanto, há aqui uma preocupação de esgotarmos os nossos ouvintes e leitores, e não sermos capazes de cativar as novas gerações. Bom, neste nosso trabalho que temos feito, temos ido às escolas. E, de facto, o que temos encontrado é uma dificuldade de estimular. Portanto, ou seja, nós não conseguimos falar uma linguagem mais jovem que [inaudível] e que faz parte da juventude.

E nós temos esta dificuldade, de falar esta linguagem, e de conseguirmos motivá-los.
[PP_ FG1]

Embora sem avançar com soluções concretas, a discussão gerada em torno desta questão redundou na necessidade e urgência de construir formas mais eficazes de comunicar com os jovens. A partir de uma experiência concreta, esse mesmo participante exemplificou como a música se pode constituir nessa linguagem de mútuo entendimento:

[...] esta procura de como é que consegues entender os mais novos, porque se calhar alguém se preocupou quando nós eramos mais novos, quando eu era mais novo, também em entender porque é que nós reagíamos assim.

Descobri que havia ali um clique, e o clique era a música. E no dia em que lhes convidei para irem para estúdio e trazerem uma viola, aquilo mudou radicalmente. E eu vou-lhe só dizer isto. Este estágio, foi de uns meses, eles eram putos, não é, miúdos, e quando saíram daqui sabiam trabalhar em todos os equipamentos eletrónicos que nós tínhamos. E se calhar até mais capacidades que nós, que todos os dias usamos. Portanto, ou seja, é a história da linguagem. [PP_ FG1]

II.1.6.As vozes e os gestos

Foram sobretudo os participantes jovens deste grupo focal quem chamou a atenção para uma certa perceção reinante de que, na sociedade em geral, os jovens “não são ouvidos” e que, por

isso, “não vale a pena mostrarem o que pensam porque não vai adiantar nada”. Como relata um dos jovens:

Pronto, relativamente à sua questão das redes sociais, por acaso, eu faço parte. Às vezes, temos grupos de chatting, pronto, de voz, isso tudo, em que nós não passamos... pronto, só jogar e isso. Por acaso há certas situações em que quando estamos a fazer esses jogos conseguimos falar algumas vezes até de política e isso tudo. E uma das críticas das pessoas com quem falo é pensarem que não são ouvidos, de que ninguém os ouve, e que ninguém quer ouvir a opinião deles, e que não vale a pena mostrarem o que pensam porque não vai adiantar nada. É praticamente isso. É por isso que nós preferimos andar em casa e andar aí... [VT_FG1]

Os caminhos a adotar para fazer face a esta realidade são-nos apontados, entre linhas, por este mesmo jovem: através das palavras e ações há que fazer ver aos jovens a necessidade e relevância do quão importante são as suas vozes e gestos.

VT: Relativamente a mim, acham-me um bocado revolucionário.

JC: Acham-te revolucionário?

VT: Acham-me um bocado revolucionário, porque sou o único que estou sempre a insistir com eles: pensem nisso. Querem fazer estas coisas, pensam daquela maneira... para quê? Porque é que vou pensar...? Não vai adiantar nada, vai ficar tudo igual. É uma questão de... eu insisto com eles, por exemplo, a questão de irem votar. Eles não querem ir votar, porque não vai adiantar nada, vai ficar as coisas todas iguais. Basicamente, é isso.

A este propósito, a discussão gerada enfatizou a limitação ou ausência de espaços, locais ou estruturas que possibilitem a sociabilidade e o reconhecimento dos jovens na comunidade.

[...] às vezes, sem ser a escola, eles não têm mais nada. Hoje em dia, e no nosso tempo não era assim, porque todos brincávamos na rua, todos íamos para rua e íamo-nos encontrar lá, não é? Agora, não. Eles encontram-se onde? Se se quiserem encontrar com os amigos, encontram-se onde? No computador, não é? É aquilo que acho que está a faltar. Falta aqui uma ligação entre a escola e outra coisa qualquer: uma associação, uma academia, desporto...

Algo onde eles se sintam bem sem ser a escola, porque a escola não tem de ser o tempo todo, não é? Acho que a escola não tem de ser aquele momento, eles têm de ter aqueles momentos de diversão, coisa que nós tínhamos na rua. [ED_FG1]

Vários participantes referiram a necessidade de criação de um espaço destinado aos jovens. Nas freguesias rurais este espaço é mais frequentemente identificado com o espaço de uma coletividade ou associação, porém, nas freguesias urbanas estes espaços rarefazem ou são inexistentes.

Os jovens que estão fora de Évora, mais concretamente em freguesias, estão todos juntos numa coletividade, numa associação. [ED_FG1]

[...] penso que aquilo que falta para os jovens é um centro cultural que possa absorver todas essas experiências que existem e muitas deles são, como o HV disse, e muito bem, em espaço de tempo muito curto, mas que sejam permanentes. Porque se tu tiveres uma oferta em que o jovem pode chegar aqui e dizer assim: 'não há nada em Évora'. E depois, a seguir, existem: podes ir fazer fotografia, podes ir aprender a pintar, podes ir fazer... eh, pá, mil coisas, como, aliás... onde podes até fazer a promoção, fazer divulgação, trabalhar as redes, fazer isso tudo, no fundo, para que os jovens possam confluír, encontrando cada um aquilo que lhe interessa... agora, não há esse espaço nas cidades, morreu. [PP_FG1]

II.1.7. Os saltos e as redes

Os participantes não jovens percebem o cenário atual como caracterizado pela dificuldade dos jovens em tomar decisões. Por um lado, esta dificuldade prende-se com a multiplicidade de ofertas disponíveis.

[...] essa ideia tão simples, de tomar a decisão. Tomar uma decisão pressupõe uma estabilidade a todos os níveis: emocional, material, de projeto de vida... voltando à ideia do projeto de vida, eu lembrava-me das pizzas. Eu, se vou comer uma pizza, de repente, vou espreitar um menu, eu entro em angústia face aos milhares de opções que me são... isso gera angústia e permanentemente esta angústia que nos é dada face ao excesso de oferta que muitas vezes nós vivemos tem de ser repensada por nós também. [PJ_FG1]

Por outro lado, a dificuldade em tomar decisões parece apoiar-se na ausência de soluções pré-determinadas que se apresentem de forma linear aos jovens de hoje.

Mas quando o ambiente familiar, quando a própria sociedade civil presente não tem resposta ou não agiu preventivamente, o jovem começa a ter receio. Não tem grandes objetivos, perde-os, isola-se no território, nos seus grupos, e cria problemas. Não é problemas

no sentido negativo, porque ele é um problema em si, mas porque nós lhe demos a base para a existência desse problema. O emprego, nós não temos resposta, efetivamente, não conseguimos dar resposta. Conseguimos dar-lhe instrumentos, para ele começar a elaborar um objetivo, uma metodologia para fazer o seu currículo e conseguir ir àquela instituição ou outra, mas perde-se na burocracia. Se vai, se não vai tão dignamente vestido como outro, nem o aceitam à entrevista. A maior parte acontece isso. Depois, a ausência também de recursos financeiros para alocar a esses adereços para ele conseguir dar o pulo não existem. Depois, nós verificamos que, de facto, este é um trabalho que ainda está no início. Temos muito para fazer com este tipo de territórios. Digo este tipo de territórios porque haverá outros em que os grupos de jovens, as comunidades juvenis têm uma vivência totalmente diferente. Mas onde há miséria, onde há pobreza, onde não há condições mínimas de subsistência, em que a escolaridade praticamente não existe, ficamos às vezes sem saber o que dizer quando a pergunta que eu faço, tu queres a resposta é emprego, e eu não lhe consigo dar isso. [HV_FG1]

Criar e dinamizar estruturas de apoio, inclusive à família de origem ou de pertença atual, é o caminho que se esboça a partir da discussão gerada para ajudar à tomada de decisões e à construção de um futuro por parte dos jovens. Desde logo porque se reconhece a relação inextricável entre o que os jovens (não) são e as suas famílias. Esta ideia é corroborada por vários participantes do grupo focal.

[...] os jovens também refletem é o rosto dos adultos, é o rosto das famílias. E, pegando já nestes dados, nos consumos culturais, temos de pensar naquilo que é o modelo familiar. O que é que as famílias não consomem. O que é que nós também estamos a oferecer às famílias. E isso também é importante ter em linha de conta. [PJ_FG1]

A interação que nós temos tem de ser com as famílias, não é só com os jovens. Se nós trabalhamos a família, tudo o resto se resolve. A família não tem estrutura, tudo o resto não se resolve. É simples. [ED_FG1]

Em complemento, da discussão gerada saiu reforçada a importância de desenvolver um trabalho ao nível das estruturas de apoio que possa oferecer garantias de perenidade e estabilidade, sem que esteja sujeito a ciclos políticos, mandatos ou a programas de financiamento a curto prazo.

O trabalho de prevenção é como plantar carvalhos, e não plantar eucaliptos. Porque o plantar carvalhos pressupõe um elemento fundamental que nós não damos às nossas

intervenções, que é o elemento de tempo. Não é crítica nenhuma à autarquia, não há aqui peso nenhum nessa observação, mas muitas das vezes as nossas expetativas estão ajustadas a ciclos políticos. E quando nós falamos em problemas dessa profundidade, de todo o podem ser... portanto, se nós quisermos aqui, a ideia do compromisso das instituições, a ideia do compromisso dos próprios jovens, a ideia do compromisso do que eles representam, muitas das vezes também é importantes serem envolvidos, mas sobretudo este elemento do dar tempo, para que o elemento do tempo possa depois trazer algo absolutamente excepcional, que é a avaliação. Muitas das nossas iniciativas, às vezes, caem por terra, porque termina o ciclo político, acaba o mandato naquela instituição ou acaba o dinheiro e acabamos por deixar pendurados uma série de projetos giríssimos, com tudo, para resultar, mas onde lhe damos esta coisa absolutamente excepcional e única, rara, que é o [inaudível]. [PJ_FG1]

A questão de qual é o projeto e do que é que se pode fazer, eu acho... primeiro, estes nós da rede que vamos construindo todos os dias têm de ser reforçados. Depois, temos de lhes cortar o tal objetivo temporal que em problemáticas como essas não fazem sentido nenhum, porque a seguir a esta geração de jovens vem outra geração de jovens, vêm outros problemas e, portanto, não faz sentido nenhum. E, portanto, este trabalho em rede é absolutamente essencial. [EL_FG1]

[...] no território da Cruz da Picada, tem de ser uma intervenção mais prolongada, no tempo e no espaço. Não pontual, aqueles, como eu te referi, projetos, que anteriormente a gente fazia por um ano. Isto tem de deixar de existir, porque os problemas voltam outra vez e não resolvemos o mal de fundo. Portanto, a intervenção tem de ser uma intervenção muito melhor planeada do que tem sido feita até hoje, onde todos os atores que intervêm naquele espaço social têm que trabalhar em rede. Depois, também é um problema, trabalhar em rede nem sempre é fácil. Mas têm e devem trabalhar cada vez mais em rede, não cada um isoladamente fazendo os seus projetos, com vista a um objetivo comum, para aquela comunidade, porque nós falamos aqui em duas realidades distintas. [...] Compreende-se que não seja fácil, mas esta articulação, este planeamento preventivo e mais prolongado é fundamental para as medidas e para as respostas encontradas terem um efeito de maior assimilação por parte dos jovens, senão perde-se e ele volta atrás e... [HV_FG1]

Por fim, a discussão gerada permitiu ainda reforçar a convicção que o trabalho em rede é também importante na consolidação de um sentimento de pertença que una os vários elementos

do tripé família – pares – instituições e que reforce junto dos jovens a certeza de que não estão sozinhos na tomada de decisões.

[...] acima de tudo, deve existir um sentimento de pertença por parte dos jovens. E a partir do momento em que nós conseguimos enquadrar os jovens num sentimento de comunidade, seja ele escolar, seja ele comunitário, o importante é haver um sentimento de pertença, para que os jovens se possam sentir integrados e para que, de certa forma, não se sintam sozinhos nem abandonados. Ao fim e ao cabo, nós estamos a entrar aqui num dilema em que estamos talvez, não, estamos na época de informação, onde existe mais informação do que nunca. Mas, de certa forma, estamos também a passar por uma época em que parece que às vezes estamos o mais sozinhos possível. Isto acaba por ser curioso. Às vezes, verificamos que temos... pegando no exemplo das redes sociais, temos muitos amigos, mas depois cá fora às vezes não conseguimos retratar essa mesma realidade do mundo virtual que nós temos. E os jovens podem sentir às vezes aquele sentimento de solidão, de desespero. Acabam por criar expectativas erradas, ao fim e ao cabo, da realidade que se encontra cá fora. E acho que nós temos de ter muito bem os pés assentes na terra para que os jovens saibam aonde é que têm de se dirigir e com quem é que podem contar, e aquilo que devem fazer. E passa tudo um pouco por saberem pertencer à comunidade.
[JG_FG1]

II.1.8. Arriscar o risco?

As palavras dos dois jovens ouvidos neste grupo focal ajudam-nos a compreender um pouco mais por dentro que existem perceções diferentes entre jovens e não jovens sobre as motivações para a adoção de comportamentos considerados de risco, seja os relacionados com o consumo excessivo de drogas, seja com o álcool.

[...] relativamente ao consumo excessivo de drogas, ok [risos], eu tenho conhecimento, pronto, de algumas pessoas que não fazem esse consumo só para parecer, como é que hei de dizer, fixe, e eu [não] consumo nem nada. Algumas é mesmo para tentarem fugir a certos problemas... eu sei que isso não é desculpa, mas é mesmo isso que às vezes acontece. É para tentar fugir um bocado, às vezes, a certos problemas, por exemplo, a nível de casa ou mesmo pessoal, que usam aquilo para benefício de... ou seja, de tranquilidade, e, pronto. Só que, às vezes, pronto, abusam e têm aqueles certos problemas que estava a dizer. Pronto, só queria acrescentar isso. [VT_FG1]

O álcool, muitas vezes, é quase um ponto de encontro também para os jovens, não é? Além daquilo que já referi há pouco do associativismo, se juntarem o associativismo, muitas vezes, também há um encontro no café, onde os jovens trocam alguma conversa, mas, além dessa conversa, muitas vezes, vem um bocadinho desses consumos do álcool. E, portanto, começa a ser, de facto, um bocadinho preocupante, não é? Embora, se calhar, se consuma em maior número quando há um evento de um bocadinho de maior dimensão, não é? [FP_FG1]

Os técnicos concluem sobre uma mudança no que aos comportamentos de risco diz respeito. Isto não significa que “velhos” comportamentos tenham desaparecido por completo; mas sim que “novos” comportamentos surgem num contexto também esse “novo”. A título de exemplo, uma dessas mudanças tem que ver com a feminização do consumo do álcool.

[...] Há graves fenómenos ao nível da feminização do consumo. A ideia da feminização está um bocadinho aqui presente, quer ao nível do número de mulheres que preencheram o inquérito, quer ao nível de uma maior, aparentemente maior ascendente da figura da mulher nas próprias famílias. Mas a feminização do consumo está-se a fazer sentir, nomeadamente ao nível do álcool. Elas estão a consumir... há uma paridade muito grande no consumo do álcool entre o homem e a mulher. E um maior ascendente da mulher no que toca ao consumo do tabaco. Ora, o álcool no homem não é a mesma coisa que na mulher, e vice-versa, e o tabaco também. [PJ_FG1]

Outra mudança digna de nota tem que ver com a necessidade de olhar à atual geração dos adultos-pais, aspeto fundamental para compreender a construção do risco e do (i)lícito entre os mais jovens.

Continuamos com consumidores de ilícitas com idades muito elevadas e houve uma nova faixa, que não estava nas nossas estatísticas, são aquelas faixas etárias, daí aquela questão dos pais, que eu há pouco colocava: 35, 45, 55, 65 anos. São pessoas que estão inseridas no mercado de trabalho e, fruto da pressão que hoje em dia o mercado de trabalho coloca, estão a ter nos antidepressivos, no tabaco, no álcool e noutra tipo de substâncias, alguns handicaps, algumas moletas, para fazer frente a esses desafios. [PJ_FG1]

Perante este contexto, a discussão gerada sublinhou a importância de criar formas de escutar os jovens e que essa escuta possa ser capitalizada para a prevenção, fazendo deles os protagonistas da mudança. Como afirma o coordenador do CRI,

[...] o que nós temos é de criar formas de escutar. Porque a comunicação nessas gerações

mudou por completo, ao qual nós temos que alocar agora a questão do tempo e da intensidade. As coisas ocorrem hoje a uma velocidade absolutamente aterradora, que estão em contraciclo com os nossos ritmos enquanto instituições e os nossos ritmos enquanto técnicos e, até, pais. E a combinação dessas duas variáveis, às vezes, não é fácil.

Em termos de comparação, se nós pensarmos, por exemplo, em termos de consumos, nós hoje temos jovens a consumir estimulantes para procurar ter uma velocidade extra, para ir a todas, e temos as gerações cuidadoras a consumir os tranquilizantes para serenarem face a estas... daí eu dizer, muitas das vezes, nós temos filhos hiperativos, nós temos pais hiperpassivos. E não é fácil esta dialética. Eu acho que a grande questão para mim, é exatamente a questão de escutar, escutar, a ideia da participação, do protagonismo e, sobretudo, do compromisso. [PJ_FG1]

Em conformidade, a base da prevenção deve ser um alerta permanente e informado para os riscos e que apele à moderação e responsabilidade. A título de exemplo, destaca-se o modo como a falta de informação sobre os riscos da aquisição online de substâncias constitui hoje um perigo real entre os jovens.

[...] nós temos uma consulta de adolescente a funcionar há cerca de quatro anos, no IPDJ, e, ultimamente, estão-nos a chegar reportes de consumos de canabinoides sintéticos, derivados da canábis, que não têm qualquer tipo de controlo e que entram no mercado virtual, sem qualquer tipo de controlo. Estão a aparecer jovens a dizer que acabaram de fumar, um vulto charro, e nós com os nossos testes de despiste vamos verificar e não há lá THC. Isto preocupa-nos, porque nós não sabemos a composição química dessas substâncias. Elas circulam livremente. Não sei se se recordam, recordar-se-ão seguramente, não foi assim há tanto tempo, foi em 2013, as smartshops. Évora teve três, e essas mesmas substâncias, neste momento, estão em setecentos pontos online, no mercado virtual. Elas circulam. E os nossos jovens fazem esse tipo de consumos. Infelizmente, nós não temos números. [PJ_FG1]

Num outro exemplo, este relacionado com o consumo de álcool, enfatiza-se o risco associado a comportamentos aparentemente episódicos mas cujos efeitos são potenciadores de dependências a curto prazo.

[...] o fenómeno do chamado binge drinking, que é consumos curtos e intensos num curto espaço de tempo. São as chamadas bebedeiras de quinta, sexta e sábado, pois a malta não bebe durante a semana, voltamos à quinta, sexta e sábado. Os fatores de risco as-

sociados a este tipo de consumos são elevados. Este tipo de comportamento prolongado no tempo é altamente potenciador de uma dependência alcoólica a curto prazo. [PJ_FG1]

No domínio da segurança rodoviária, o representante da GNR reforça a importância da sensibilização para os riscos e exemplifica com a experiência positiva de algumas ações desenvolvidas como o programa ‘Escola Segura’ e outras ações de sensibilização junto dos jovens.

[...] é verdade que temos de encarar o álcool, às vezes, como uma questão mais social, aquela questão de sair à noite com os amigos e de... aquela questão de muitos jovens quererem se afirmar junto de outros através do beber [...] As pessoas às vezes bebem para se afirmarem. Mas só que infelizmente esse álcool, às vezes, traduz... é de uma inconsciência que as pessoas às vezes não têm noção do quão embriagadas andam e, pior ainda, quando as pessoas não têm noção desse estado em que se encontram, acabam por fazer disparates. [...] E nós temos de ter em atenção que beber um copo é permitido. Mas se nós bebermos muitos copos isso, sim, já poderá ultrapassar o nosso bem-estar e o bem-estar dos outros, que é exatamente aí que a GNR também foca. É não só a questão legal, mas também consciencializar os jovens para os próprios problemas que isso pode trazer, não só no aspeto legal, mas também em questão familiar, dos vícios, e do aspeto todo que nós temos de analisar, porque, ao fim e ao cabo, a GNR aqui não está só no sentido de prevenir a condução.

Nós... enquanto noutras vertentes, por exemplo, a ‘Escola Segura’, nós abordamos os jovens. É exatamente essa sensibilização que nós fazemos. E é esses males que nós trazemos, para ver e evitar exatamente que esse tipo de problemas possa surgir neste tipo de gerações mais novas. [JG_FG1]

A ação da GNR neste campo é permanente. A questão, às vezes, de haver... podemos encontrar dados maiores ou menores. Às vezes, não depende só da própria [sociabilização?]. Podemos até intensificar mais a nossa sensibilização e os casos aumentarem. Supostamente, devia ser ao contrário, mas não depende só da nossa própria atuação. Depende também da própria consciência que os jovens adquirem dessa própria consciencialização. Por isso, a nossa ação, neste momento, tem estado a ser positiva. E os dados que nós estamos a ter são positivos. Esperemos que assim se mantenham. No entanto, não depende só de nós. A mensagem para passar depende só das pessoas. [JG_FG1]

Ainda a este propósito, também a representante da PSP corroborou a importância de uma sensibilização de proximidade, aspeto que vem inscrever a prevenção para os comportamentos de

risco no conjunto das ações-chave a desenvolver com os jovens tanto no presente quanto no futuro.

Só queria referir: nas duas ações que fizemos na Universidade de Évora, na Queima das Fitas, com o 'Risca o Risco', todos os jovens que estavam a conduzir foram ter connosco. É fundamental, portanto, a consciência existe. Não digam que não existe, porque eles são conscientes. E quase todos eles vinham ver se, efetivamente, tinham ou não ou se podiam ou não conduzir. Isto é muito importante. Porque aqueles que sabiam que não levavam carro, alguns, é verdade que até tinham abusado um pouco. Aqueles que tinham de voltar... lembro-me de um que ia para o Redondo, e que foi lá e perguntou... 'eh, pá, então, eu daqui a pouco já volto cá outra vez', e voltou lá novamente, para ver se já podia conduzir ou não. Portanto, dá para ver que eles estão conscientes que não podem conduzir com álcool, não é? Não quer dizer que não bebam. [risos] [ED_FG1]

II.2. Ensino e Educação

II.2.1. As escolas são todas iguais? Os alunos são todos diferentes?

Os participantes do grupo focal “Ensino e Educação” confrontaram ideias em torno da escola como um espaço agregador. Como referiu esta participante, “na escola, está lá tudo”:

Eu estive há uns tempos num encontro que tinha a ver com a saúde mental e, portanto, se nós abrimos um livro, um referencial de diagnósticos de saúde mental, na escola, está lá tudo. Está lá gente que encaixa em todas as categorias, não é? Gente feliz, gente infeliz, gente mais ou menos, gente com perturbações ligeiras, gente com perturbações moderadas, gente com perturbações graves. Estão na escola, pronto. [FG_FG2]

A discussão gerada permitiu também destacar o papel da escola na oferta de oportunidades de (aparente) igualdade. Como principais evidências que comprovam a “escola como uma oportunidade para todos” [HF_FG2] foram referidas as conquistas em torno dos níveis de sucesso escolar e a progressiva afirmação da escola inclusiva.

[...] os níveis de sucesso, neste momento, no próprio concelho de Évora, ao nível de primeiro ciclo, segundo e terceiro, e até secundário, são bastante elevados. Só para terem noção, estamos a concluir a carta educativa e temos os melhores níveis de sucesso escolar só no secundário, e estão na casa dos oitenta e tal por cento. Portanto, nós estamos a falar de

níveis de sucesso extremamente elevados. [HF_FG2]

[...] a escola agora quer-se e impõe-se como inclusiva. Não tem de estar no ADN da escola como facultativo, não. Ela é e deve ser, de facto, inclusiva. Isto leva à questão das diferenças, porque, efetivamente, nós, neste momento, e ainda bem, temos nas escolas as crianças com necessidades educativas, mas também temos nas escolas as crianças de etnia, de várias etnias, e muitas de etnia das comunidades ciganas, por exemplo. Temos nas escolas essas situações relacionadas com a saúde mental e temos nas escolas crianças extremamente sofridas porque estão em seios familiares extremamente desestruturados. E esta é a nossa realidade, mas ainda bem que lá estão, certo? Portanto, este é o nosso ponto de partida. [HF_FG2]

Os níveis de sucesso escolar foram também referidos no contexto do ensino secundário e profissional.

Por exemplo, na nossa escola, a maior parte dos alunos tem sucesso no ensino secundário e, por exemplo, nos cursos científico-humanísticos, na candidatura ao ensino superior, também a maioria dos alunos, entre oitenta a noventa por cento, entra na sua primeira escolha. É sucesso? Também é, acho eu [...]. [FG_FG2]

[...] temos resultados medidos em função do número de alunos que iniciou o primeiro ano, de sucesso, produzido aqui só em números da ordem dos setenta e cinco a oitenta por cento, medindo em função dos que iniciaram. As diferenças, as perdas, nós assumimos como perdas, devem-se, sobretudo, à inserção precoce no mercado de trabalho. Porque, de alguma forma, sugere jovens provenientes de meios familiares, com dificuldades em termos de recursos socioeconómicos. São quase sempre situações deste tipo que determinam o abandono precoce, porque é disso que [estamos a falar?]. Chegados ao terceiro ano, portanto, chegados ao final de ciclo formativo, felizmente, os níveis de resultado são sempre superiores a noventa e cinco, noventa e seis por cento. Ou seja, quem chega ao terceiro ano, normalmente, conclui e conclui com sucesso apreciável. E isto, naturalmente, envolvendo aqui uma gama muito variada de qualificações. [JL_FG2]

Não obstante as conquistas enunciadas, os participantes deste grupo focal reconhecem as limitações da escola para lidar com todas as diferenças que os alunos inevitavelmente trazem consigo.

Eu acho que a escola, cada vez mais, trabalha bem com a diferença. Que diferença? Desde a diferença, enfim, clássica, que são as necessidades educativas especiais, até à diferen-

ça de, pronto, na adolescência, a diferença que é inerente a este período de desenvolvimento. Continuam a haver jovens que não se enquadram e que não se sentem bem em nenhum espaço. E, portanto, também não se sentem bem na escola. Aí, a escola às vezes tem algumas dificuldades de intervenção, porque na escola coabita tudo. [FG_FG2]

Para esta psicóloga, preocupa-a sobremaneira o facto de haver “uma franja de jovens, de crianças, para as quais a escola não pode dar resposta”.

Uma estrutura como a escola, uma coisa que com o peso da escola, às vezes, é difícil agilizar respostas para toda a gente. Portanto, enquanto psicóloga, continua-me a preocupar haver uma franja de jovens, de crianças, para as quais a escola não pode dar resposta. [FG_FG2]

À medida que a discussão se aprofunda e os participantes interrogam o alcance da promessa de uma escola que consegue lidar bem com todas as diferenças, constata-se como essa promessa está por cumprir. Mas são justamente os exemplos trazidos à discussão que iluminam os caminhos a adotar em busca de soluções. Voltemos a esta psicóloga, preocupada com essa franja de crianças e jovens para as quais a escola não pode dar resposta. Acrescenta:

E preocupa-me ainda mais, para além da escola, não haver outras respostas, porque preocupa-me, por exemplo, imenso, que no Hospital de Évora não haja um serviço de Pedopsiquiatria, com um pedopsiquiatra a trabalhar. Portanto, nós temos... e, por exemplo, para além de trabalhar como psicóloga, coordeno a equipa multidisciplinar do agrupamento, onde chegam as situações, onde são referenciadas situações limites. A maior parte das situações que chegam à equipa multidisciplinar, são situações de saúde mental, e que começam em crianças do primeiro ciclo, já, do primeiro ano, coisas graves, muito graves mesmo.

E a escola, depois, não tem resposta, mas não tem a escola e não têm os serviços que nos rodeia, não é? O departamento de saúde mental do hospital não consegue dar resposta e, sobretudo, à franja mais nova, neste momento, não tem resposta nenhuma. [FG_FG2]

Tanto este exemplo ao nível da saúde mental, como o do *bullying* no excerto que se segue, vêm colocar a tónica na necessidade de um trabalho em rede, em que a escola necessariamente deve trabalhar em articulação com as instituições e os serviços que a rodeiam, tendo em vista encontrar e agilizar respostas que permitam lidar com a diferença inerente aos alunos. Essa colaboração interinstitucional é fundamental para complementar ou colmatar as limitações da

escola no modo como trata a diferença, pois os alunos não pertencem exclusivamente às escolas e, além disso, têm uma biografia que os liga a pessoas e contextos específicos.

E lidar com as diferenças? Não sei se a gente é capaz de lidar bem com as diferenças. Primeiro, porque não temos [meios?] para isso. Depois, porque eu e uma equipa fizemos estudos sobre bullying e o bullying está aí. Portanto, não sei se lidar com a diferença, saber lidar com isso diminuiria o bullying. Contra mim falo, e disse-o no artigo: o bullying estamos a encará-lo, provavelmente, de uma maneira pouco real. Porque há duas espécies de bullying, no mínimo, que é a de aluno-aluno - há três -, professor-aluno, e a gente não fala disso, e também de aluno-professor. E acho que quando a gente for capaz de pesar essas coisas todas e, sem complexos, e com colaboração, o tal trabalho colaborativo que a gente fala, mas depois também não sei se fazemos, acho que poderíamos resolver algumas coisas. [AM_FG2]

A discussão gerada trouxe também ao de cima a necessidade de um maior investimento ao nível da formação dos recursos humanos no interior das escolas, não apenas docentes. Investir na formação contínua das pessoas, particularmente dos colaboradores não docentes, é prepará-las para lidar com a diversidade, apresentando-lhes as ferramentas ajustadas às diferentes realidades que enfrentam no quotidiano escolar.

[...] passa por reforçar, enfim, com técnicos especializados equipas multidisciplinares a tempo inteiro nos agrupamentos, é fundamental. Passa por reforçar o pessoal não docente. Como disse o NC, é verdade, é quantidade, mas também uma outra coisa que é fundamental: a qualidade. E o investimento contínuo na formação das pessoas. E aí, sim, nós vamos ter de nos socorrer da universidade.

Mas há que criar tempos para isto, para ver se queremos ser, e se temos formação para o pessoal não docente e nós conseguirmos que eles vão, porque são necessários, não conseguimos tirar uma hora sequer do seu contexto de trabalho. Portanto, há que reforçar em quantidade, em qualidade, e há que nunca perder de vista, temos de investir na formação contínua das pessoas. Para quê? Porque as pessoas têm de ter ferramentas para lidar com as diferentes circunstâncias que surgem nas escolas e ali aparece tudo. Aparece lá tudo, porque é, de facto, o espelho da nossa sociedade. A sociedade evolui, é uma metamorfose ali também. As pessoas têm que estar preparadas. Portanto, isso é um desafio muito grande. Para a câmara, sem dúvida nenhuma, para o ministério, também para a universidade, para as escolas, no global. [HF_FG2]

Em suma, como refere uma das intervenientes, há que reforçar a rede social no sentido de garantir uma maior inclusão efetiva das crianças na escola e na sociedade.

Porque, o que é que está a acontecer no nosso concelho e penso que em todo o país? É que aquelas respostas que a escola precisa para aquela criança que é diferente por questões de saúde mental ou de ter uma família extremamente complexa, que a família vai precisar de um apoio continuado, muitas vezes, enfim, várias vezes por semana... nós, a nossa estrutura, a nossa rede social, que comunica com a escola, não dispõe desses meios. [HF_FG2]

II.2.2. Pressão para o sucesso e escassez de tempo. O centro e as margens

No contexto societal atual, pais e professores acusam a pressão imposta pelos ritmos e contextos escolares como inibidora de aprendizagens verdadeiramente significativas. Um dos participantes neste grupo focal descreve a partir do seu papel de pai e professor o cenário de cansaço e falta de diálogo gerado pela multiplicidade de atividades e escassez de tempo que a todos afeta:

[...] vejo os jovens a chegar a casa um bocadinho cansados de tantas atividades que têm, muitas vezes depois das aulas e, muitas vezes, às vezes, ouço que os pais não têm tempo, às vezes, de falar com os filhos ou os filhos com os pais. [...] eu vejo também, quer dizer, eu estou em duas posições. Também já estive um bocado na área da docência, como pai, também vejo que é complicado para o professor, que tem de seguir um programa, diversificar, e deixar que estudem uma garrafa de água, nas suas diferentes formas, que é muito rica, que são muitos cérebros numa sala de aula, mas que não é fácil, quando se tem diretivas para seguir. Por outro lado, o jovem, hoje, é bombardeado com muita informação. Qualquer um de nós, quando mais jovem, ou na infância, não teria tanto. E as solicitações são muitas. Quer dizer... não sei, se calhar, às vezes, é o telemóvel a tocar e isso. Então, os problemas de concentração também são alguns. Em relação àquilo que me perguntava, eu penso que os pais, como pais, estão sempre preocupados com a evolução escolar dos filhos, com a progressão, tudo isso. Isso varia de filho para filho. Eu por experiência falo. Portanto, há uns que são muito atentos e muito dedicados e chegam a casa e querem fazer logo os trabalhos da próxima semana, porque têm que estar logo feitos, há outros que: 'ah, hoje, estive numa prova'. E, pronto, uma pessoa se calhar nem se apercebe. Portanto, segmentar ou unificar esse tipo de conceito, eu diria isso, pronto, o diálogo de pais,

filhos, hoje em dia, se calhar, é pouco, também devido ao excesso de atividades e, às vezes, [tempo escolar?] que têm. [NC_FG2]

Esta descrição é corroborada por outra participante, preocupada sobretudo com a sobrecarga do horário escolar e o “*excessivo centrar, quer da sociedade, quer da família, quer da escola, no sucesso*”:

Às vezes, pergunto-me que espaço haverá, por exemplo, no ensino básico em que os alunos têm treze disciplinas, e um horário de trabalhador, adulto, que entram às 9h da manhã, e saem às 7h da tarde e, depois, ainda vão para mais não sei quantas atividades, explicações, etc., pronto. Também me preocupa um bocadinho enquanto psicóloga, este excessivo centrar, quer da sociedade, quer da família, quer da escola, no sucesso. [FG_FG2]

Causa e/ou consequência disto, parece haver uma “*concentração extremamente elevada no resultado e menos na aprendizagem*” [HF_FG2]. Ao mesmo tempo, o contexto atual de ensino secundário opera uma distinção muito forte entre os estudantes que pretendem prosseguir estudos para o ensino superior e aqueles que não têm essa intenção, ficando assim “*de fora*”.

[...] recentemente, estive numa fase do meu trabalho em que estive com alunos do 9.º ano, que são aqueles que vão fazer a primeira grande escolha, digamos assim, em termos futuros.

E é evidente que não há alternativas para todos, não é? E é evidente que esta dualidade de... ou cursos científico-humanísticos ou cursos profissionais, de três anos, com a possibilidade de irem para o ensino superior, caso queiram, há sempre uns quantos que ficam de fora, pronto. [FG_FG2]

Perante este cenário, a discussão formada entre os participantes do grupo focal redundou na importância de criar uma ligação forte entre os alunos e a escola. Trata-se de consolidar uma cultura de escola que lhes permita “*estar bem*” e ter um “*bom ambiente*” [JR_FG2], o qual ir-se-á refletir nas aprendizagens e consequentemente no sucesso, muito embora esse sucesso seja necessariamente ajustado à motivação, expectativas e aprendizagens de cada um.

Como educador e membro de um órgão de gestão, aquilo que eu acho que é mais importante, tanto para a escola, tanto para a comunidade, neste caso, para o concelho, é que nós facilitemos a integração dos jovens na escola, desde o pré-escolar até ao secundário. E com isso criar... que eles gostem da escola e quanto mais gostarem da escola mais sucesso têm. E isso está intrinsecamente ligado depois à motivação, à aprendizagem e ao conhecimento. [JR_FG2]

Concomitantemente, os intervenientes enfatizaram a necessidade de criar junto de alunos e respetivas famílias representações e expectativas realistas em torno da escola e da condição de aluno, baseadas numa comunicação eficaz e credível. É importante destruir mitos e evitar ações e afirmações que imbricadas num contexto social, político e económico específico possam contribuir para a reprodução de ideias erradas ou demasiado generalistas em torno das reais possibilidades e limites da escola.

[...] uma pessoa adulta diz que não há empregos para a vida, há também, eu acho que isso depende, essa visão não é [inaudível], tem depois um impacto nas famílias, e as pessoas sentem-se um bocado perdidas, e também não sabem aconselhar os filhos. É o que eu acho, acima de tudo, que há... o Ministério da Educação não facilita e a política também... às vezes, não há cuidado com aquilo que se diz. E cria confusão na cabeça das pessoas.
[JR_FG2]

II.2.3. Aprender é uma seca!

A discussão gerada no seio deste grupo focal trouxe ao de cima questões relacionadas com a pressão para o cumprimento do currículo, o que faz com que a escola seja muitas vezes a negação do espaço onde os professores e estudantes gostariam de estar. Este aspeto parece agravar ainda mais o fosso entre a escola como espaço de aprendizagem e de liberdade.

Os estudantes têm muita vontade de ir fazer coisas, de irem aprender num... fora das aulas, mas, lá está, todo aquele horário condensado... também têm que ir às aulas, os professores sentem-se obrigados, lá está, a dar determinadas cadeiras, a dar determinado programa, e a dar determinados conteúdos, e as aulas deles são imprescindíveis e, portanto, os estudantes têm que lá estar e não podem ir... por outro lado. Apesar de, por vezes, se calhar, para eles ser mais proveitoso estar noutra lado, porque é um sítio onde eles vão estar, realmente, com interesse e, realmente, vão aprender, vão estar ali, vão estar atentos, [não estando nas aulas?], é cumprir porque têm de lá estar. Estão com interesse naquilo que está a ser dito. E, depois, também, lá está, há um excesso de informação gigante, para toda a gente, e a forma como as aulas são dadas e a forma como... e para o professor também é difícil lá estar, porque têm de cumprir aquele programa e tem de cumprir aquelas cadeiras, e tem de cumprir aquelas avaliações, mas o facto de haver todas essas limitações, depois, para o estudante perceber a matéria não é estimulante.
[AS_FG2]

Em face disto, a escola apresenta-se, não raro, como um espaço desinteressante para os alunos e a sala de aula um espaço “de seca”.

[...] a grande dificuldade e o grande fator, dizia, de [fastio?], associado àquela ideia de que o espaço da sala de aula é, essencialmente, um espaço de seca. Para os professores também é, não é só para os alunos. Portanto, para o professor também é muito mau. Ter uma turma que é uma seca e transformar o espaço de aprendizagem numa seca... mas o problema é que a seca, de alguma forma, é o resultado também da abordagem desses fenómenos de uma forma tendencialmente árida, pouco desafiante até para o professor e para o aluno. [JL_FG2]

Perante os constrangimentos à concretização da “flexibilização do currículo, para uma maior autonomia do professor” [HF_FG2] e face à “pouca autonomia” [JR_FG2] das escolas, os participantes deste grupo focal sublinharam a importância de criar espaços complementares à aprendizagem em sala de aula, eventualmente não formais, mas que se apresentem aos jovens na contiguidade com a escola.

[...] criação de alguns espaços não formais, a pensar propriamente na juventude, porque o Nuno há bocado dizia que os meninos do primeiro ciclo estão muito tempo nas escolas, porquê? Porque, efetivamente, têm o programa de atividades de enriquecimento curricular, mas porque os pais também não conseguem ir lá buscá-los antes, não é?

Mas a verdade é que a partir do primeiro ciclo, no segundo, e até ao secundário, há estruturas, de facto, desportivas e culturais, mas poderia aqui haver como reforço complementar, algum espaço também municipal para o desenvolvimento criativo e, enfim, de outras áreas, a pensar também num conjunto de jovens que, neste momento, não está a encontrar resposta para os seus tempos livres e ligação à cidade, nas estruturas organizadas que, neste momento, ocorrem. [HF_FG2]

Deste modo, a escola deve criar as condições para que os alunos possam cruzar as portas da sala de aula e abrir janelas à comunidade e à cidade em que estão inseridos. Deve estimular se a curiosidade e tirar partido da cidade como elemento educador, encontrando nos seus múltiplos contextos e organizações os espaços potenciadores de uma aprendizagem diversa e criativa.

A escola é um contexto de aprendizagem formal, mas também é um contexto de aprendizagem não formal e informal. Eu acho que um sinal de inteligência é a curiosidade. E o que nós temos que fazer na escola é que o contexto formal não mate essa curiosidade e permita, depois, que no contexto informal os jovens continuem a aprender. [FG_FG2]

[...] aquilo que é o terceiro elemento educador, e que é um elemento educador em todo o mundo e identificado como tal, para além da família, e da escola, que é a cidade, e daí surge o conceito da cidade educadora, está a ser cada vez menos utilizado, pela própria escola, porque, efetivamente, não há tempo, e há pressão do resultado. [HF_FG2]

[...] a cidade educadora, em rigor, é um contexto informal. Em rigor, é um contexto informal. E tem um potencial para aprendizagem, para promover aprendizagens, fantástico. [JL_FG2]

Isto vale tanto para o ensino secundário quanto para a universidade, havendo também aqui a consciência de que a universidade tem de se aproximar mais da cidade e vice-versa.

[...] a cidade tem de se desenvolver de outra maneira, não é? Acho que, por exemplo, era de extrema importância que as escolas e a universidade fizessem mais coisas na própria cidade, e que permitissem aos jovens experiências diversificadas. [FG_FG2]

II.2.4. Ensinar é uma obrigação?

Questionada sobre os contextos e as formas de aprendizagem, uma participante jovem afirmou que “*muitas vezes [os alunos] aprendem mais quando estão fora, propriamente da aula*” [AS_FG2]. E continuou, explicitando o que considera ser o papel central do professor dentro e fora da sala de aula:

Há professores que conseguem fazê-lo, conseguem transmitir de uma forma cativante e conseguem... talvez aplicar aquilo que estão a dar num contexto real, e é mais fácil, é uma perceção mais fácil, porque informação escrita, e um mais um é dois, pronto, essas coisas assim, nós lemos em todo o lado. Portanto, estar nas aulas a ler e a acompanhar esta linha, acompanhar aquilo, é mais do mesmo, digamos assim, não nos fica retido. Quando nos levam, por exemplo, vá, na minha área, se me levarem a uma exposição, e se me puserem na exposição, no espaço, a falar das coisas, eu aí vou perceber melhor, eu vou estar mais atenta, porque, realmente, aquilo para mim faz sentido. Ou se houver um workshop, pode estar enquadrado na aula, mas se eu disser ao professor: ‘óh professor, vai haver isto’. Eu acho que isto faz sentido, pelo menos no meu percurso faz sentido.

E aquilo é um espaço de aprendizagem tão digno quanto uma aula. Acho que é preciso também haver, lá está, essa liberdade, até dos professores poderem dizer aos alunos ou

de encontrarem esse tipo de programas e dizerem: ‘vamos a isto, e vamos aproveitar isto, porque isto vai-vos dar... ok, não está no programa, não está concretamente no programa, mas isto faz parte da matéria que vocês têm que aprender. E isto vocês vão aplicar’, acho que é um bocadinho isto também. [AS_FG2]

A propósito destas questões, o presidente da direção pedagógica da escola profissional recordou os esforços que estão a ser desenvolvidos na escola que dirige para inverter determinadas práticas docentes, centradas no “trabalho do professor isolado” rumo a uma “cultura de trabalho colaborativo”.

Hoje, tentamos inverter uma tendência de profissionalismo, mais centrada no trabalho do professor isolado, no âmbito da sua disciplina, muito preocupado, em que, dizendo de uma forma quase coloquial, que o aluno, essencialmente, reproduza aquilo que ouviu. Eventualmente, até se sente a escutar, limita-se a ouvir e reproduz, ou seja, não integra saberes e competências e estamos a tentar trabalhar mais numa cultura de trabalho colaborativo, que também remete para o plano da autonomia e da capacidade do próprio professor ou da equipa pedagógica se apropriar dos programas, a partir de objetos comuns e de induzir as abordagens disciplinares. [JL_FG2]

Da discussão gerada sobre este tema emergiram ideias em torno da necessidade de aproximar os contextos educativos da realidade, ora através da exploração de “fenómenos de proximidade” [JL_FG2]; ora por meio da ênfase em “aprendizagens significativas” [HF_FG2].

Estamos a falar da diversificação da oferta educativa e da aproximação, sempre que possível, de forma prática e concreta do objeto de estudo àquilo, à realidade. [HF_FG2]

Esta mudança afigura-se central para facilitar a integração de saberes e competências, aspeto que permite “potenciar fatores de sucesso” entre os alunos.

[...] é fundamental, até por proporcionar ao estudante, ao aluno ou aluna, portanto, ao estudante, uma visão da direção que estão a apreender o seu processo formativo. Isto é fundamental. Se for uma visão partilhada com a equipa pedagógica, tanto melhor. Estamos a potenciar fatores de sucesso [...] [JL_FG2]

II.2.5. Confirmação, estabilidade e previsibilidade

Os participantes desta sessão frisaram com frequência a circunstância da escola atual, que vive numa dualidade entre o que se pode chamar uma visão economicista e humanista. Esta dualidade foi amplamente discutida a partir das elaborações recentemente tornadas públicas em torno do perfil do aluno do século XXI.

[...] saiu recentemente o perfil do aluno do século XXI, um perfil exatamente centrado numa perspetiva humanista, com a qual eu me congratulo e acho muito positiva. Mas, depois, continuamos a ter regras para aberturas de cursos. Só podem abrir X, só podem abrir não sei quantas turmas em cada escola, e só podem ter determinadas alternativas, e só podem abrir se houver determinado número de alunos inscritos. Portanto, como é que nós vamos conjugar uma visão economicista com uma visão humanista? E as duas estão, neste momento... coexistem... isto também é um bocadinho esquizofrenizante, não é? Porque temos uma coisa que nos pede essa... temos um perfil de aluno que nos pede a criatividade, o crescimento, a intervenção cívica, a educação para a cidadania, portanto, um cidadão de um ponto de vista mais global e mais holístico e depois temos políticas educacionais e ministeriais que limitam e cingem e [aperreiam?], digamos assim, a maneira como as pessoas, depois, podem trabalhar. [FG_FG2]

Perante este cenário, adensam-se entre os jovens as dúvidas sobre o valor da escola e das aprendizagens para o futuro.

Algumas experiências apontadas como positivas neste domínio passam por apostar numa maior sensibilização e capacitação dos estudantes para o mundo do trabalho. No exemplo descrito em contexto de escola profissional, isto acontece desde o primeiro ano para que os alunos compreendem como as duas esferas – escola e trabalho – não são estanques, antes indissociáveis.

[...] nós, no âmbito do projeto da autonomia, e flexibilidade curricular, que estamos a... aproveitamos essa oportunidade, para, no fundo, pensarmos melhor aquilo que já fazíamos com alguma, com algum suporte, digamos, de sustentabilidade, e colocamos as turmas de primeiro ano, portanto, os jovens chegam à escola com quinze, dezasseis anos e que daí a um ano vai ser confrontado com a primeira experiência em contexto de trabalho, que significa que vai ser confrontado com o meio empresarial que não está propriamente vocacionado nem para ser um agente pedagógico, digamos, um agente formativo, e não é propriamente muito acolhedor para pessoas de tão jovem idade, e o nosso trabalho

tem sido com os alunos de primeiro ano, justamente, sensibilizá-los, capacitá-los para este confronto, centrando os projetos, digamos assim, nesta problemática do mundo do trabalho, que é mesmo uma problemática. [JL_FG2]

Na discussão gerada os participantes reconheceram transversalmente a importância da escola e defenderam a necessidade de “*preservar uma visão positiva da escola*” [HF_FG2]. Consequentemente, a escola deve ser apresentada aos alunos como um espaço de criatividade e crescimento.

[...] escola, enquanto espaço de criatividade e de possibilitar aos jovens crescer de maneira diferente. [FG_G2]

Neste esforço que deve ser conjunto, o papel desempenhado pelos professores e pelas equipas pedagógicas é fundamental.

E se o fizer a equipa pedagógica, colaborando, dando a possibilidade de os alunos viverem, apalparem, vivenciarem, cheirarem, contactarem, discutirem entre eles, concretizarem aprendizagens, estou a trabalhar não apenas a motivação, mas também estou a trabalhar a dimensão da felicidade. Porque é que nesse aluno, mais esclarecido, mais capacitado, mais empoderado, para se confrontar com o contexto de trabalho, com este projeto de final de curso, que nós estamos a trabalhar agora, no primeiro ano. A técnica e a tecnologia vêm depois, vai-se incorporando. Mas nós estamos a tentar trabalhar, sobretudo, num jovem mais esclarecido, desde logo, para poder responder à pergunta, o que é que eu estou fazendo na escola? O que é que eu levo daqui? Isto passa por ser os próprios professores, cada um per si e a equipa pedagógica a dar a primeira resposta e a justificar a razão pela qual é que estão ali, por exemplo, a aprender a língua materna ou língua estrangeira, a Matemática, etc. [JL_FG2]

Quais os caminhos que se oferecem para preservar uma visão positiva da escola e apresentá-la como espaço de criatividade e crescimento? Foram várias as pistas levantadas a partir da discussão gerada. Desde logo, há que apostar na diversidade dos métodos e da oferta educativa, sob pena de estrangular o potencial de criatividade suscitado pela diversidade pedagógica e disciplinar.

[...] diversidade dos métodos e da oferta educativa e não fechar cursos, porque são poucos, mas até há miúdos que estão interessados, mas fecham, porque não há... há dez, mas deveria haver vinte... [HF_FG2]

Por outro lado, a ênfase na combinação entre aprendizagens formais e informais. Por meio desta combinação a escola estará a ir mais ao encontro de uma visão humanista e, por isso, mais capaz de preparar o jovem em consonância com o perfil desejado para o século XXI.

[...] eu acho que as aprendizagens informais também não substituem as aprendizagens formais. Tem de haver é espaço para as duas. [FG_FG2]

[...] as aprendizagens, sobretudo, as chamadas estimulantes e que estimulam a vontade de aprender mais são sempre formais, são concretizadas no plano da consciência individual da pessoa da apropriação. Os contextos podem ser formais ou informais. É nesse sentido que eu quero dizer: formais na concretização. Os contextos chamados informais da aprendizagem são majoritários do ponto de vista da comparação da inserção da pessoa, e da interação de pessoal do dia-a-dia. Esses são os dominantes. A escola é quase um contexto marginal em termos numéricos e não apenas em termos numéricos, na [relação?...]... sim, fala-se de ocupação, mas isso, falando dos períodos de horário, eu posso estar na escola oito horas e, na verdade, daquelas oito horas resultaram muito pouco, nesse sentido. Os contextos informais são muito importantes, como, por exemplo, a gente pensar na formação em contexto de trabalho, mas na formação em contexto de trabalho o estudante está fora do contexto formal da escola. Está o sistema de acompanhamento, etc., mas é um acompanhamento muito autónomo, digamos assim. Quais são os critérios de formalidade, por exemplo, que eu estabeleço perante um parecer que é uma empresa para garantir o mesmo nível de formalidade, digamos, da educação, das aprendizagens? E estão a esquecer que um aluno que chega com quinze anos a uma escola, em quinze anos, pelo menos, de personalidade jurídica, de experiência, de família, de convivência, de afetos, de expetativas... tem direitos cívicos, políticos, por aí fora, etc., etc., etc.

Ou seja, tem uma bagagem de saber, de saber de experiência, de construção até axiológica, que normalmente a educação formal desperdiça. [JL_FG2]

Foi entendimento generalizado que a combinação de diversos contextos de aprendizagem favorece o desenvolvimento de competências que permitam mais tarde aos jovens devolver à sociedade, “de forma crítica e criativa”, o que aprenderam na escola.

Nós, escola, também temos de investir para o desenvolvimento integral daquele ser humano, numa visão humanista, e é isto que o perfil do aluno do século XXI vem dizer. A visão humanista na escola é fundamental, para que tenhamos jovens que se sintam bem inseridos e bem vistos, eles próprios na sociedade, que estão a devolver aquilo que aprenderam à sociedade, de forma crítica e criativa.

Agora, faz-nos sentido, efetivamente, que existam aprendizagens significativas. E as aprendizagens significativas, muitas vezes, têm a ver com a relação efetiva que a criança estabelece, a criança ou jovem, com aquilo que é o seu objeto de estudo. Por excelência, a cidade pode oferecer essas oportunidades. [HF_FG2]

Por último, ficou claro na discussão que a combinação de *hard* e *soft skills* torna os alunos mais aptos para uma plena integração no mercado de trabalho.

*É que quando o aluno diz que o seu desempenho é muito bom, é de excelente, a que é que ele se refere? E isso é uma resposta que é muito importante, não só para a câmara como também para o trabalho que aqui estamos a fazer com vista a uma resposta. É que se a ideia dos alunos é, de facto, que este muito bom corresponde a aquisições no domínio cognitivo, eu acho que é péssimo. Porquê? Porque fica de fora aquilo a que chamamos de *soft skills*, ou seja, competências socioafetivas de trabalho corporativo e colaborativo, de assertividade, de comunicação. Uma quantidade de qualidades e aptidões deste tipo, que ficam de foram, em desvantagem às chamadas *hard skills*. Ou seja, aos tais domínios cognitivos. [AM_FG2]*

II.2.6. Contradição, imaturidade, criatividade

A discussão gerada neste grupo focal destacou imagens contraditórias sobre a juventude em contexto escolar. Por um lado, os jovens são percecionados como imaturos, dependentes e indecisos, características que funcionam como inibidores a experiências consideradas importantes e gratificantes do ponto de vista dos adultos.

[...] tenho uma grande quantidade de alunos que são da região, ou que são de Évora. Houve uma altura em que eu me interroguei muito, até porque fazia grande esforço que eles pudessem ir fazer ERASMUS ou pudessem sair, de alguma maneira, do seu ambiente e da sua zona de conforto, não só familiar, como também escolar. E preocupei-me muito com isto, mas a verdade é que eu tive a perceção que havia muita imaturidade nestes alunos, muita dependência dos pais, muita aceitação, uma tutoria quase [inaudível] da parte de pais e de família, e de amigos e etc. E que isso os impedia de fazer experiências, que são verdadeiramente decisivas na formação pessoal e social dos indivíduos. [AM_FG2]

Ao mesmo tempo, estes jovens são também representados como extraordinariamente criativos e capazes de reagir a estímulos por fenómenos de proximidade, características que urge promover e disseminar.

[...] os jovens, normalmente, reagem muito bem, quando são estimulados por fenómenos de proximidade. E são muito inteligentes, têm ideias extraordinárias, conseguem desenhar sonhos com algum rigor, entre aspas, aqui referindo-me a esta ideia no sentido de finalidades, estratégia, e são capazes – e aqui o capaz é forçado – de pensar em soluções criativas para problemas que, por vezes, nos ultrapassam. E ajudam, até, a desfazer alguns nós, digamos. [JL_FG2]

A psicóloga presente na sessão afirma mesmo que todos os dias contacta com jovens que “surpreendem”, “pessoas de valor”:

Os jovens surpreendem-me todos os dias. Eu não tenho a veleidade de conhecer, enfim, tudo o que é jovem, juventude, e ser uma especialista sobre o assunto, mas cada vez mais eu tenho, eu contacto... cada vez mais, não, todos os dias eu contacto com jovens, que são, realmente, pessoas muito inteligentes, muito interessantes, e que fazem uma variedade de aprendizagens que, realmente, eu acho muito importantes, e tenho até a felicidade de seguir alguns depois de saírem da escola e até de saírem da universidade e vejo que são pessoas de valor. [FG_FG2]

Não apenas no interior da escola mas também no domínio da formação em contexto de trabalho essa constatação tem lugar.

Nós temos experiências de alunos em formação em contexto de trabalho. E vocês não sabem a quantidade de alunos que nós temos péssima ideia deles a pensar: ah, que horror, são tão maus alunos e tal... e depois vão para a formação em contexto de trabalho e as pessoas à volta deles dizem: ‘são excelentes, são espetaculares, fazem coisas giríssimas, integram-se muito bem...’. Portanto, eu acho que nós também temos de ser flexíveis, não é? A flexibilidade não é só curricular, também tem de ser... a nossa... não termos ideias feitas e pensarmos que quando estamos a falar de um fenómeno de que sabemos a verdade toda, que também não corresponde, não é assim. [FG_FG2]

II.2.7.É da natureza dos jovens querer ir? Os muros e as janelas

“Os jovens têm o direito de irem à procura” [FG_FG2], é assim que uma das participantes do grupo focal introduz a questão da eventual saída dos jovens do concelho, particularmente após a conclusão do ensino secundário. Mas logo de seguida, essa mesma participante refere que para aqueles que querem regressar ou ficar, a cidade devia oferecer “coisas que fossem interessantes”:

[...] os jovens têm o direito de irem à procura, como também não estou preocupada que os jovens de Évora queiram sair de Évora para irem para Lisboa ou para outros sítios estudar. O que eu gostava é que os que gostassem de voltar encontrassem aqui coisas que fossem interessantes. E isso é que eu acho que a cidade de Évora está um bocadinho envelhecida.

Pronto, neste momento, tem alguma dificuldade em manter e preservar os jovens que querem vir para cá. Pronto, porque em termos de diversidade, de oferta de emprego, temos algumas dificuldades. Não temos representatividade em todos os setores e, portanto, também às vezes é difícil eles conseguirem a resposta que queriam, porque sair é positivo. É um sinal de autonomia, é aquilo que o professor AM estava a dizer, não é? Que o preocupava quando os alunos não queriam ter experiências de se irem embora, porque isso, normalmente, estava associado a uma imaturidade e a uma extrema dependência. Eles querem ir embora? Ótimo, que vão. Vão buscar coisas lá fora. Agora, era bom era que os que querem voltar encontrem aqui coisas. [FG_FG2]

Para além de uma certa naturalização do “querer sair” e “ir à procura”, os participantes deste grupo focal foram parcos na sistematização de razões específicas para o desejo de saída por parte dos jovens. Preocuparam-se antes em identificar caminhos para mitigar essa situação.

[...] alguns tendem a querer sair por virtude da conjuntura, da facilidade da comunicação, facilidade da mobilidade. [JR_FG2]

Neste domínio, foi sublinhado o importante papel desempenhado pela autarquia no trabalho que ao longo dos anos tem vindo a fazer com os jovens, ao mesmo tempo que foi lançado um apelo ao enriquecimento e fortalecimento desse mesmo trabalho.

[...] trabalho que tem sido muito interessante, desenvolvido pela câmara, e tem aqui os colegas que o fazem, na aposta na área da juventude, num programa que se pretende diversificado, para tentarmos, no fundo, responder às necessidades de um conjunto grande de jovens. É necessário, obviamente, também enriquecê-lo, fortificá-lo, mas ele tem de continuar a existir. E tem de continuar a existir com esta grande proximidade, ou os diferentes espaços da nossa cidade e do nosso concelho. [HF_FG2]

Trabalhar a cultura da escola foi também apresentado como uma ferramenta para estreitar a ligação dos estudantes ao território e à comunidade envolvente, o que a longo prazo pode ter efeitos ao nível da fixação de alguns.

[...] aquilo que nós, acima de tudo, pretendemos e aquilo que é importante na educação na escola é que os alunos adquiram cultura de escola e que essa cultura de escola tenha

espessura. E como é que isso se consegue? Nós, e com a constituição dos agrupamentos, nós tentamos ganhar embalagem e o know-how dos alunos, que eles permaneçam desde os três anos, até aos dezoito anos connosco. Com tudo isso, o que é que conseguimos? Que eles ganhem afeto, ganhem raízes à sua comunidade escolar e, ao mesmo tempo, à sua comunidade educativa. E isso é importante para que as aprendizagens tenham sucesso. Ao mesmo tempo, nós achamos que essa aprendizagem até tem espessura e tem consequências. Ao mesmo tempo, o que é que nós pretendemos também? Que ao mesmo tempo que houvesse uma cultura que os prendesse ao nível do concelho, que os prendesse ao nível da sua comunidade e que com isso também os aqui fixasse, ajudasse aqui a fixar para sempre. [JR_FG2]

Sobretudo para os jovens que equacionam sair do concelho no final do secundário, ou para os que equacionam ficar ou sair aquando da conclusão do ensino superior, as soluções discutidas no grupo focal redundam na necessidade de comunicar melhor aquilo que somos, tanto enquanto universidade como enquanto cidade para viver ou trabalhar.

Agora, eu penso que qualquer pai não deixará ir de bom grado ou de boa ideia o seu filho aos dezoito anos para fora, se soubesse que, aqui, estaria um bom curso, melhor que lá fora, etc. Pronto, às vezes, há um bocado essa imagem de que lá fora – isso à português – é melhor do que cá. Então, aí, se calhar, é um problema de comunicação das próprias instituições. [NC_FG2]

Uma última pista é avançada no domínio da ligação afetiva à cidade e ao concelho de Évora. Como recorda um dos participantes, recuperando aquando da discussão os dados do sumário executivo que acompanhou a libertação do diagnóstico juvenil dos alunos do secundário, um conjunto de jovens afirmou gostar da cidade e enfatizava como argumentos o sentimento de pertença ao lugar, a qualidade de vida e o bem-estar passível de aqui ser encontrado. Ora, estes valores devem ser trabalhados e comunicados aos jovens no sentido de abrir perspetivas para os futuros que se lhes apresentam como possíveis.

Mas também retivemos felicidade e bem-estar. Enquanto fatores de fixação de residência, de opção, e da atração de jovens para acrescentar, digamos, do ponto de vista de demografia, valor à cidade e ao concelho de Évora. [JL_FG2]

II.3.Trabalho, Emprego e Autonomia

II.3.1.Precariedade, estabilidade e projetos de vida

Da discussão gerada no grupo focal “Trabalho, Emprego e Autonomia” emergiu a ideia que a autonomia dos jovens depende não necessariamente da idade ou da situação familiar mas sim da possibilidade de auferir um rendimento próprio. Como afirma um dos participantes,

[...] a autonomia que nós adquirimos, sejamos jovens ou não, é quando temos um trabalho e um salário. Porque é isso que nos dá autonomia. Tudo o resto não há autonomia. Estamos sempre dependentes de alguém e, quando estamos dependentes de alguém, não somos autónomos. Pronto. [PS_FG3]

Não obstante, a possibilidade de auferir um rendimento que garanta a subsistência em condições consideradas dignas parece estar hoje mais dificultada que no passado. Por um lado, as dificuldades de encontrar trabalho são hoje mais sentidas, particularmente em regiões de interior.

[...] dificuldade que nós encontramos hoje em dia na nossa zona é vista não só na nossa, mas em todas as zonas do interior do país. [MV_FG3]

Por outro lado, parecem ter acabado os “trabalhos para a vida”.

[...] trabalho para toda a vida... o que sabemos hoje em dia é que isso... quando nós entramos numa organização, não estamos a pensar mudar de emprego, mas a probabilidade de isso acontecer é que é grande. É essa a realidade de hoje, não é? E essa realidade é muito diferente do que era há trinta, quarenta anos atrás. O meu pai trabalhou sempre no mesmo sítio, não é? Mas, hoje, isso...

[...] essa garantia que nós tínhamos no passado é algo que desapareceu, ou que é menos visível hoje ou que é menos possível hoje. O que não quer dizer que, mais uma vez, é como eu digo, a gente quando entra não está a pensar logo: agora, vou... passados dois meses [...] [PS_FG3]

Finalmente, o trabalho que existe parece não garantir essa autonomia por estar, frequentemente, associado a contratos precários, de curta duração e baixos salários, situação que para alguns se perpetua no tempo ao longo de vários anos.

[...] nestes últimos quatro anos, digamos assim, as taxas de desemprego desceram, nomeadamente aqui, como também o emprego jovem aqui no concelho de Évora, mas está aqui uma realidade que é assim: o emprego que existe, qual é que é o emprego que existe? Vemos aí à nossa volta contratos a prazo, baixos salários e não é desta forma que os jovens conseguem a sua autonomia. [FC_FG3]

A este propósito foram apresentados alguns exemplos, como o que se segue, apoiado numa experiência de trabalho num *call center*, em Évora:

O trabalho precário, como está a ser utilizado no call center, há muita gente que vai para lá e está lá há cerca de quinze anos. Quando se vai para aquele trabalho, pensa-se que vai, talvez, por três meses, e acabas por lá ficar, por causa do horário, porque tem estabilidade, mas estás num contrato precário, num trabalho definitivo. Ou seja, tens baixos salários, tens de render tal e qual como as pessoas que trabalham diretamente para a empresa. Não tens um contrato com a [####], neste caso, o call center deve ter, não tens os direitos nem regalias que as pessoas que trabalham na [####] têm, mas és tu que dás a voz pela [####], não é um gestor, não é um mediador, não é uma agência; és tu que ali estás, és tu que dás a voz e a cara todos os dias pela [####]. Portanto, podemos ir com a imagem de um trabalho precário, estamos ali com voz de trabalho precário, mas não somos um trabalho precário, somos um trabalho definitivo, porque estamos ali cerca de um, dois, três, quatro, cinco, quem sabe aquele é o único emprego de algumas pessoas que lá estão, desde sempre. [AF_FG3]

Nalguns casos, trabalhos como este podem surgir enquadrados em lógicas de complementaridade com outras situações, nomeadamente com os estudos ou com o desejo de ter algum rendimento de bolso e assim aliviar nas despesas de manutenção em Évora ou na dependência relativamente aos pais.

[...] fiz parte de quando o call center se instalou em Évora, vim de Lisboa, e quase todos eram ou estudantes da universidade ou licenciados à procura do primeiro emprego. A procura de emprego a seguir a um curso universitário era difícil em Évora, e muitos viram o call center como uma inserção no mercado de trabalho, pronto, para fazer face às despesas, continuavam por Évora, para facilitar um bocado a vida aos pais, muitos iam para o call center. Eu, no meu caso, sou de Évora, era mais para ter o meu ordenado ao fim do mês, que me permitisse também aliviar os meus pais de despesa. [RC_FG3]

Aqui chegados, os participantes do grupo focal orientaram a discussão para o confronto de ideias entre os que consideram a precariedade como castradora de um futuro estável e os que veem nela oportunidades na construção desse mesmo futuro. Como conclusão ressalta-se a necessidade de definir claramente o que se entende por precariedade e qual o lugar desta condição naquilo que são as trajetórias de vida dos jovens, no momento ou em retrospectiva.

[...] estas formas de precariedade só estão boas para um lado, é para quem está a usufruir da condição dos trabalhadores que estão em contratos precários. Não é futuro para a vida, com essas questões todas, seja para o salário, seja nas questões de vínculos de horários, não são perspectivas nenhuma para os trabalhadores. Até que a pouca oferta que ainda temos de trabalho, no concelho, no distrito e na região... Já há alguma, já salientei isso, valoriza-se essa questão toda, mas não é com a questão de vínculos precários que os trabalhadores conseguem, que os jovens trabalhadores conseguem a sua independência, a sua habitação própria. [FC_FG3]

“Temos de definir o que é a precariedade”, afirmou uma das participantes, alertando para a necessidade de distinguir a questão do salário da questão que envolve a natureza do vínculo. Se é certo que salários baixos ou desadequados devem ser combatidos, já a questão do vínculo temporário pode ser desejado, sobretudo por jovens que buscam numa determinada fase das suas vidas a sucessão de experiências profissionais diferentes.

[...] primeiro, temos de definir o que é a precariedade. Porque, hoje em dia, na minha opinião a precariedade vai muito, e principalmente aqui, em Évora, para as questões relacionadas com o salário, não é? Com o salário que os jovens recebem, o que é que eles conseguem adquirir, conseguem ter um arrendamento com qualidade? Esse arrendamento existe? Pronto, é uma grande questão.

Em relação aos vínculos precários, hoje em dia um jovem não está a planear passar a sua vida toda na mesma empresa, a trabalhar para a mesma organização. Então, acho que o mundo deve-se ajustar um bocado ao facto, como já disseram anteriormente, nós somos um bocado nómadas. Quando eu digo nómadas, não quero dizer que tenha de sair de Évora, mas eu posso aprender num sítio e chegar à conclusão que não vou aprender mais ali, não vou desenvolver mais ali e posso querer ir para outro sítio. Então, também deve haver um certo ajuste, para que eu consiga fazer isso, que consiga desenvolver, consiga criar valor para todas as instituições onde estou, sem que ninguém saia mal dessa relação laboral, não é? Portanto, acho que é necessário definir o que é que é precário. [AM_FG3]

[...] ninguém, na sociedade portuguesa e também em geral, gosta de viver a sua vida baseada no... sem ver o amanhã. É isso que é a precariedade, quando nós temos baixos salários, é quando nós não sabemos se amanhã estamos, de facto, empregados ou não. Mas eu acho, enquanto jovem, que é uma oportunidade. Também é uma oportunidade, e eu não digo que a precariedade seja uma coisa boa, como é óbvio, a palavra é precariedade e, só por aí, é má.

O que eu digo é que, hoje em dia, nós vivemos num mundo muito mais dinâmico e em que cada pessoa e cada jovem, mais velho e mais novo, tem de ter uma capacidade de trabalho e de adaptar-se ao meio ambiente, muito maior, são opiniões. Eu, por exemplo, para entrar em Engenharia Industrial, tive de ir para Lisboa tirar, se calhar, Évora deveria ter um polo muito mais atrativo de Engenharia, porque é uma indústria mais transformadora, digamos assim, é aquela mais formadora, e aqui nós em Évora não temos. E eu não me vejo metido numa fábrica a vida toda, por exemplo. Não é isso... eu não quero. O meu primeiro emprego ou o meu segundo emprego, eu não quero que seja o último. Porque eu quero fazer mais coisas, quero ter mais experiências, quero dar mais ao mundo e as pessoas, hoje em dia, se calhar, vivem ainda naquela coisa do ir para o emprego e fazer a vida toda naquele emprego, e depois, pronto, é pouco, é pouco, têm de dar mais à sociedade.

Eu não quero isso. Eu tenho professores meus e tenho essa experiência de pessoas que fazem a vida quase como freelancers. Estão nesta empresa, estão naquela empresa, fazem ali aquilo, fazem no outro lado... e isso é muito mais dinâmico para mim, enquanto jovem, é muito mais apetecível. [LS_FG3]

A questão do vínculo tomado de forma isolada não pode, pois, ser vista como sinónimo de precariedade. Por detrás de um vínculo temporário pode haver uma experiência profissional reconhecida e valorizada socialmente, ajustada às competências do trabalhador e gratificante do seu ponto de vista.

[...] não sou de Évora, sou transmontana e vim estudar para a universidade, e comecei a trabalhar muito nova. Portanto, no último ano da universidade, eu comecei a trabalhar na câmara, estava eu a fazer o trabalho de final de curso, não é? Se fui precária, fui, mas tive contratos a termo certo, recibos verdes, e tive duas coisas essenciais: eu era paga como licenciada e estava a fazer um trabalho para o qual eu me formei. Portanto, são questões completamente diferentes quando se fala de precariedade. [SM_FG3]

Deste ponto de vista, aquilo de que muitas vezes se fala como precariedade deve ser antes

visto como um “ajuste” até certo ponto normal de uma condição de vida nova, mais “nómada”, “dinâmica” e “adaptativa” à mudança permanente. Como afirma um dos participantes, “*deve haver também espaço [...] para a precariedade*” [PS_FG3].

Mais do que tratar exclusivamente de precariedade, a discussão gerada enveredou pelos obstáculos à estabilidade, ou seja, a situação ou conjunto de situações inibidoras da concretização de desejos que permitam aos jovens “*ver o amanhã*” [LS_FG3]. Por um lado, foram apontados entendimentos diferentes sobre a estabilidade, nomeadamente ao longo do tempo. Como refere uma das participantes,

[...] a estabilidade é fundamental, no âmbito do projeto de vida dos jovens. Que é diferente aos dezoito, é diferente aos vinte, é diferente aos vinte e cinco [...] [SM_FG3]

Por outro lado, foi enfatizado o modo como a estabilidade é garante de liberdade para tomar novas e diferentes opções no domínio da vida pessoal e profissional, de outro modo difíceis de tomar.

O saber que não tenho de andar a lutar contra o tempo, para saber que daqui a três meses não sei se fico, não sei se saio. Eu tenho objetivos pessoais, não tenho só profissionais. Tenho questões privadas. Como disse, eu vim para cá para constituir, eu voltei para constituir família, porque acho que aqui é o sítio indicado. Mas o poder chegar ao fim do mês e não ter de ficar à espera de quinze dias para saber se a entidade renova ou não, para ir à procura de uma solução, ou não... A precariedade, em resposta um bocadinho aqui ao colega, eu, se quiser sair da minha empresa e procurar um novo desafio, eu posso fazê-lo, nada me impede que o faça. Basta ter vontade, querer, as licenças sem vencimento que conhecem, tanto numa autarquia como em todas as empresas... Hoje em dia, o poder sair, e procurar novos desafios, como eu fiz, como tu fizeste, como tantos colegas que abandonam o curso no primeiro ano, não era isto que eu queria fazer, e mudam. [MV_FG3]

A concluir, a discussão em torno deste tópico chamou a atenção para a necessidade de inculcar nos jovens, eventualmente desde a infância, que as oportunidades de trabalho e de realização pessoal devem ser co-construídas a partir do desenvolvimento de ideias e da reinvenção permanente de projetos de vida.

[...] desde o início, se calhar, não é na juventude, mas ainda mais no início, parte-se um bocadinho da educação e formação que todos temos. Eu acho que deveria ser ensinado às crianças e aos jovens que eles têm oportunidades, que eles não têm só de estudar, de tirar um curso profissional e trabalhar, não têm só de ir para a universidade e trabalhar naque-

la área, que podem pensar noutras coisas. [...] nós trabalhamos muito com o empreendedorismo e, aliás, nós, de há dois anos para cá que temos sempre projetos de apoio ao empreendedorismo, em que damos formação e desenvolvemos as ideias de vários jovens e damos contributos financeiros, para que eles possam estar a desenvolver essas ideias.

E o que nós já percebemos foi que parte um bocadinho da mentalidade do jovem ir e participar nessas formações, e desenvolver as suas ideias. É como, por exemplo, nós tirarmos um curso e pensarmos que vamos ter de trabalhar naquela área a vida toda. Se daqui a dez anos aquela área já não existir, nós temos de nos reinventar, nós temos que estudar outras coisas, aprender outras coisas, inovar, e seguir algo que continuamos a gostar, mas de uma maneira diferente, de uma maneira mais inovadora, portanto.

Eu acho que é um bocadinho a capacidade de pensarmos e nos reinventarmos, e isso tem de ser ensinado desde pequenos, e não só quando somos jovens. [AM_FG3]

II.3.2. Desencontros entre procura e oferta na educação, hoje. E amanhã?

Os participantes neste grupo focal reconhecem o desencontro entre procura e oferta educativa no concelho, visível tanto ao nível da oferta universitária como no domínio da formação profissional. Uns e outros assumem que esse desencontro é até certo ponto inevitável. Do lado da Universidade de Évora argumenta-se, ora com os constrangimentos enfrentados na criação e funcionamento de cursos, os quais obedecem a processos morosos de proposta, avaliação e acreditação, ora com a necessidade de oferecer formações que não sejam reféns do mercado, pois assim estaremos a “fechar o futuro dos jovens”:

[...] num contexto universitário, aqui, temos que separar o que é formação de qualificação profissional, o que é formação para obtenção de um grau académico. E esta separação é importante que a façamos porque não é a mesma coisa. E a capacidade de resposta também é muito diferenciada. A formação para um grau académico, para a universidade, para uma escola profissional, tipo EPRAL, para uma escola secundária, etc., obedece a regras que não se compadecem com a dinâmica de mercado. Para abrir um curso, demoramos dois anos. A necessidade já passou muitas vezes, portanto, não há essa capacidade de... na questão... eu separava as duas, a formação [inaudível], e dentro da formação também haverá separações. Mas separava a formação daquilo que é a oferta formativa do ensino superior, porque ela, de facto, aí, tem dinâmicas próprias e tem dinâmicas muito distintas.

É muito difícil a uma instituição de ensino superior conseguir responder na formação para obtenção de um grau académico, faço sempre esta referência, porque é importante, não se consegue responder a curto e médio prazo. E tenho dúvidas de que o deva fazer, digo já. Até porque estamos a fechar o futuro dos jovens. Se olharmos muito para o curto prazo, e daqui a dez anos... agora, vamos introduzir temas, não é? Indústria 4.0, esqueçam, não é com formação de curto prazo que a gente vai responder a isso. Porque o que está a ser exigido é algo... muitas vezes, nem sequer sabemos o que está a ser exigido, ou o que vai ser exigido, e está a ser requerido um conjunto de valências, de capacidades dos profissionais, daqueles que estão no mercado de trabalho, completamente diferentes daquilo que eram no passado. [PS_FG3]

Do lado do representante do IEFP há o entendimento de que idealmente deveria haver um ajuste perfeito entre aquilo que o mercado precisa e a oferta ao nível da formação profissional. Porém, o desajuste acontece e nesse caso, impõe-se uma “limitação” da oferta sob pena de não causar “desperdício” de recursos:

[...] tem de haver uma limitação. Correríamos o risco de ter dez cursos, com todas as ideias que nós poderíamos ter em termos daqueles que são os intervenientes da formação, ou seja, de quem quer frequentá-la e que no final não iria resultar em nada. Ou seja, resultaria em desperdício. Se o mercado, efetivamente, não quer aquela formação, não sei se a deveríamos fazer. Deveríamos estar perfeitamente adaptados, isto é uma discussão recorrente. Ou seja, na prática, nós deveríamos fazer aquilo que o mercado precisa, quer a nível das nossas empresas, quer a nível dos nossos jovens ou menos jovens. [RE_FG3]

Na tentativa de esboçar caminhos foram identificadas ações diferentes, nomeadamente as que têm que ver com a oferta, por parte da universidade, de cursos breves, não de qualificação mas de certificação, dando assim resposta a exigências muito particulares do mercado de trabalho.

Tem de haver espaço é para outra ação. E nessa as universidades também podem participar ou as instituições de ensino superior: é cursos mais rápidos, mais breves, não de qualificação, de certificação. E, aí, sim, as universidades também têm um papel, porque têm investigação de ponta muito orientada ao mercado ou às necessidades – aqui a palavra de mercado no sentido amplo, não é – da sociedade e das empresas, e aí poderão dar uma resposta mais cabal a isso. E fazer esse trabalho em parceria com o IEFP, com outras instituições que estão no terreno, com as empresas também, como é natural, com as estruturas sindicais, como temos feito, não é novo. Estamos mais no passado do que no presente, é uma verdade, mas estamos a fazer. Neste momento, há trabalho em con-

junto com a Embraer, precisamente, a universidade com a Embraer, precisamente para qualificar os quadros da Embraer. Portanto, esse trabalho está a ser feito. Agora, não é no formato tradicional, nem pode ser, essa é a grande questão. [PS_FG3]

Do lado dos participantes jovens, são avançadas algumas ideias que, no essencial, chamam a atenção para a importância de estar atento à mudança e antecipar prospectivamente o futuro tendo em vista evitar a saída de jovens e garantir, eventualmente, a captação de outros. Por um lado, os desenvolvimentos recentes em torno do turismo e a conseqüente necessidade de assegurar formação na área da hotelaria. Isto mesmo é reconhecido por um dos participantes, atualmente a trabalhar no ramo.

No Plano Estratégico Nacional de Turismo, que é uma das minhas áreas – sou licenciado em Turismo e sou licenciado em Sociologia – no Plano Estratégico Nacional de Turismo 2007 previa-se a criação de uma escola de hotelaria em Évora. No de 2017, que foi apresentado no ano passado, na BTL, já não se fala da escola de hotelaria, e é uma das grandes áreas que é procurada por profissionais, atualmente, na cidade de Évora. Porque temos a Escola de Hotelaria de Portalegre, que em breve, com Elvas, património da humanidade, irá de certeza crescer. Já o Vila Galé se está a instalar, outras unidades irão abrir. Provavelmente, só irá servir o próprio distrito de Portalegre, e é uma das áreas a que muitas pessoas recorrem, por exemplo, para empregos de férias, pessoas que estejam a estudar, licenciados também aparecem.

Sei de um caso, uma pessoa que até tem um mestrado e que está a trabalhar num restaurante há dois anos e meio. E a criação de uma escola de hotelaria... depois, há situações que é a fuga para as grandes cidades, para as outras cidades do litoral, para áreas que cá não temos. [RC_FG3]

A formação vai ser muito importante nos recursos humanos no futuro, aqui, de Évora, principalmente na área de hotelaria, acho que a formação de uma escola de hotelaria no futuro da parte da universidade seria bastante importante aqui para Évora. [MV_FG3]

Por outro lado, a questão da oferta ao nível do curso de medicina, considerada estratégica por associação ao projeto de construção a breve trecho do Hospital Central do Alentejo foi igualmente referida.

Agora, a cidade tem em vista a construção do novo hospital, porque não se pedir a criação de uma faculdade de medicina em Évora? Para que médicos e enfermeiros... eu vejo a quantidade de enfermeiros que só têm acesso a emprego nas clínicas privadas, pequenos

espaços ligados à saúde, e quase a maioria vai tudo para os hospitais da gran-de Lisboa. E porque não uma faculdade de medicina? Temos um hospital que vai precisar de recursos humanos. Se calhar, também é uma forma de atrairmos pessoas do litoral, que não que-riam lá estar, ou pessoas naturais de cá, que tenham ido estudar medicina para fora, de voltar para cá. Mas também de fixarmos os nossos recursos. [RC_FG3]

II.3.3. Desencontros entre oferta e procura no trabalho, agora. Sempre?

Também os desencontros entre oferta e procura no mercado de trabalho atraíram posturas contrastantes entre os participantes do grupo focal. As evidências de que não existem oportu-nidades de trabalho no concelho ou que, existindo, não são devidamente apresentadas foram debatidas com base em diversas propostas. Para fora, foi destacada a ideia de que a autarquia deve tornar a cidade mais atrativa, criando as condições para atrair investimento e fixar empre-sas no concelho.

[...] responsabilidades, quem é que deve fazer e o quê. Em primeira instância, se calhar, co-meço a falar tipo do poder local. E o poder local, que claramente deve ser a pedra de toque principal, de ser, que é a câmara, é [inaudível] da câmara, de ser quem deve trazer para o seu concelho investimento próprio e adequado àquilo que são os objetivos dessa mesma região. Nós podemos debater esses objetivos, claro que sim. Agora, acho que quanto mais atrativa for a cidade, neste caso, a de Évora, para o investimento privado, quando mais... tende a haver, porque depois há mais trabalho, se há mais trabalho, se calhar, também, há uma forma de escolher o trabalho diferente e isso vai dar também salários um boca-dinho mais elevados. Se calhar, porque há aqui todo um... a lei de mercado, pronto, é isso mesmo.

Eu, para mim, na primeira instância, é: o executivo dever tornar o seu concelho mais atra-tivo para o investimento. Mais trabalho, mais empresas, mais dinâmica. [LS_FG3]

Para dentro do concelho, a discussão levada a cabo em torno destas questões concluiu que é fundamental divulgar o que existe, promover a cidade e a região, as suas instituições e a inter-relação entre ambas.

[...] acho que ainda somos parcos em termos de transformar conhecimento em valor acrescentado. E eu uma vez fui aqui a uma fábrica de sopas, que até é conhecida aqui da cidade, e o que eu vi foi: eles, para fazerem aquela [higienização?] técnica, que está im-

pecável, eles tiveram de ir à Universidade da Beira Interior. E não é isso que eu quero. Eu quero que eles venham cá, à Universidade de Évora, e compreendam que o conhecimento e o valor que o conhecimento tem é importante para a região. [LS_FG3]

Neste domínio, a ligação às empresas, desde cedo, inclusive com os ainda estudantes universitários foi apontada como fundamental para uma compreensão mais próxima das reais oportunidades que o concelho oferece.

[...] o que deve ser feito é conseguir fazer essa ligação às empresas que estão cá e aos jovens que estão neste momento a terminar os seus estudos, para que, primeiro, desenvolvam as suas capacidades aqui e depois, se eles quiserem aprofundar noutra sítio, porque não, não é? [AM_FG3]

A experiência de um dos participantes que criou uma página no *Facebook* para divulgar oportunidades de emprego no concelho foi tomada como exemplo de alternativa a uma divulgação que muitas vezes parece não chegar a todos.

Eu criei o ‘Emprego & Biscates’ em Évora pela tristeza de ver gente, colegas, amigos, tudo a ir-se embora. E havia tantos grupos no Facebook, para venda de usados, havia para venda de casas, havia para venda de carros, e eu dizia: ‘então, porque é que não há de haver um para emprego?’

Isto foi depois de ter deixado um currículo à porta do Intermarché, ficam a saber onde é que foi criado esse grupo, foi onde surgiu o clique, foi à porta do Intermarché, na zona industrial, quando entrego um currículo e eu ‘bolas, nem para a reposição precisam de alguém’. Em 2013, a situação era grave em termos de empregabilidade. É certo que acelerou a procura do mercado de trabalho, é verdade, o grupo influenciou. Tenho pessoas que eu nem conheço de lado nenhum, mas que me conhecem do grupo, que me vêm agradecer: ‘olhe, obrigado, porque foi por causa de si’. ‘Eu? Eu não fui a entrevista nenhuma, foi você é que foi, não foi?’ Eu apenas passei foi a informação. ‘Você está de parabéns’, é o que costumo dizer. É verdade, acelerou a procura de trabalho, mesmo os próprios empresários na altura do recrutamento, e é como eu digo, se isto vai passar cá na rádio, quero deixar claro que empresários que não deem contrato de trabalho, não paguem, que sejam muitas vezes acusados de pagar [mal?] aos seus funcionários, no meu grupo, não têm lugar. [RC_FG3]

De modo complementar, foi também referida a necessidade de haver uma maior aproximação entre a autarquia e os jovens, aproximação essa que permita divulgar oportunidades e traba-

lhar de modo colaborativo com outras instituições ou organizações concelhias. Neste contexto, a maior presença nas redes sociais, para facilitar a comunicação e a divulgação de oportunidades, é apontada como importante não apenas entre particulares mas também como sugestão de aproximação entre a autarquia e os jovens.

[...] relativamente à rede, eu acho que a câmara e a autarquia deveriam estar muito mais, muito mais próximas das redes sociais, como Facebook e Instagram, porquê? São uma tendência. Está aqui falado, não abordamos, mas são uma tendência. E não é só uma tendência de conversas paralelas e conversas nas redes públicas, são fóruns, cada vez mais, fóruns interessantes, onde se aprende, onde se evolui, onde apanham oportunidades muitas delas através de blogues, sites, etc. [MV_FG3]

Em alternativa, sugere-se a expansão e aprofundamento, por freguesia, do trabalho já desenvolvido pela autarquia através do Ponto Jovem, possibilitando desse modo uma maior proximidade e consequente auscultação e apoio aos jovens.

[...] o Ponto Jovem, nas freguesias, delegações do Ponto Jovem nas freguesias. Não haver um epicentro do Ponto Jovem só na Câmara Municipal, mas distanciá-los para as freguesias. O meu pai esteve numa situação dessas, com o Centro de Jovens da Cruz da Picada. O HV esteve aqui. Ele faz um trabalho há muitos anos lá. Eu acho que também pode passar por um Ponto Jovem nas freguesias e não só na freguesia da Malagueira, Horta das Figueiras e Cruz da Picada, acho que é muito importante. [MV_FG3]

Por fim, a discussão redundou na importância de promover ações de apoio aos jovens em termos de capacitação para desenvolverem as suas próprias ideias e projetos de emprego.

[...] de há dois anos para cá que temos sempre projetos de apoio ao empreendedorismo, em que damos formação e desenvolvemos as ideias de vários jovens e damos contributos financeiros, para que eles possam estar a desenvolver essas ideias. [AM_FG3]

II.3.4. Alguns jovens querem sair. Alguns não

O desejo ou intenção de saída dos jovens do concelho fez emergir na discussão sentidos diferentes associados a esse movimento. Por exemplo para os jovens licenciados, sair de Évora, pelo menos no passado recente, podia ser visto, ora como necessidade, ora oportunidade até certo ponto normal de enriquecer o curriculum e de crescer profissionalmente.

[...] jovens universitários, quando terminamos a universidade, aquilo que queremos é construir um currículo. E, de algum tempo para cá, Évora não tinha empresas de renome, pelo menos empresas que nos eram apresentadas a nós, durante vários anos, e enquanto estudamos no ensino secundário e ensino universitário. E, então, a maior parte dos jovens acabava por ir para fora, para construir esse currículo. [AM_FG3]

Eu tive de procurar sair daqui, rapidamente. E quando digo isto não é em tom de crítica. Eu consegui fazer certas e determinadas coisas até uma certa altura, mas houve uma altura em que senti, em que cheguei ao fim desta linha e, para evoluir, tenho de ir embora. E isso eu acho que é um problema... [MV_FG3]

No conjunto, a discussão entre os participantes deste grupo focal trouxe ao de cima um consenso em torno da constatação de que o presente oferece um cenário mais positivo que o passado recente em termos de taxa de desemprego no concelho.

[...] o mercado sofre ajustes. Nós tínhamos uma taxa de desemprego há três anos, quatro anos, de 17%, temos 7%. Significa que muitas daquelas pessoas que estavam a trabalhar na Embraer e que até tinham licenciaturas, mestrados, que resolveram passar por um processo de requalificação, que o fizeram e bem, porque era aquilo realmente que o mercado necessitava que eles tinham para fazer na altura, que me arrisco a dizer que 80% das pessoas que estão na Embraer neste momento vieram pelo IEFP, por processos de reconversão. Ou seja, neste momento, o nosso desemprego está em 7%. Significa que aquela dificuldade que possamos vir a ter tem a ver com esse ajuste do mercado. Um licenciado, provavelmente, irá querer explorar todas as hipóteses que tem, e explorar todas na área profissional dele. Nós estamos na mesma em colaboração, o mais difícil, mas estaremos cá, para fazer esses pequenos ajustes. Neste caso, não serão pequenos, serão, até, de alguma dimensão. [RE_FG3]

Por detrás dos números foi enfatizado o alargamento recente do tecido empresarial, o aumento do emprego e de novas oportunidades de trabalho.

[...] de alguns anos para cá, Évora tem vindo a desenvolver também isso e tem vindo a desenvolver o tecido empresarial, e essas novas empresas agora também estão a dar algumas oportunidades aos jovens. [AM_FG3]

O emprego, é certo, e temos visto que nos últimos anos até se desenvolveu muito no nosso concelho esta parte do emprego, dar mais oportunidades de emprego a jovens. [FC_FG3]

O desenvolvimento empresarial recente, aqui apelidado de “pulo” e “grande salto”, em muito deve à atração de um conjunto de empresas de renome e à concretização de projetos de dimensão que criaram vários postos de trabalho e continuam constantemente a recrutar um número considerável de trabalhadores em diversas áreas.

[...] Em relação às sinergias que deverão ser criadas, houve bons entendimentos que fizeram Évora dar este pulo, nestes últimos cinco anos. Falo de, pronto, isto são questões políticas... deixarem-se de importar com o partido que está no governo, com o partido que está na câmara, houve investimentos a vir para Évora, houve postos de trabalho que foram criados e isso foi muito importante. [RC_FG3]

Évora, durante muitos anos, nos últimos cinco anos, deu um grande salto e foi muito bom e não ter sido numa só área, foi em várias áreas, foi na indústria, com a vinda da Embraer, Mecachrome, [inaudível], outras fábricas, depois, que estão planeadas para vir. Foi na área de turismo, com a vinda de unidades hoteleiras. A própria recuperação do centro histórico, unidades de alojamento local, e tudo. E porque foi o próprio shopping, com a área do comércio, não é, de marcas que estavam fora, do qual o ‘Empregos & Biscates’ foi convidado na altura para fazer o recrutamento. Eu fiz, fiz o recrutamento com todo o gosto. Foi um trabalho voluntário, deu... o grupo cresceu de uma forma exponencial. Hoje, qualquer empresário que precise de empregados recorre ao meu grupo, qualquer pessoa que esteja desesperada à procura de trabalho recorre ao meu grupo, licenciados, tudo, o que me fez subdividir o grupo em várias áreas, para tentar especificar um bocadinho mais a procura de cada um. [RC_FG3]

II.3.5. Alguns jovens querem ficar ou regressar. Alguns sim

A par dos jovens que quererão eventualmente sair do concelho, outros quererão ficar ou regressar. Os motivos apresentados podem ser vários, ainda assim, entre os participantes do grupo focal foi particularmente sublinhada a qualidade de vida, distinta de outros centros urbanos, que a cidade de Évora oferece.

[...] esses jovens que foram para fora, depois, a maior parte também quis voltar, porque Évora consegue ter uma qualidade de vida que nos grandes centros urbanos nós não conseguimos encontrar. [AM_FG3]

Esta qualidade de vida permite, na opinião de alguns, a concretização de objetivos pessoais que se aliam aos objetivos profissionais.

Eu tenho objetivos pessoais, não tenho só profissionais. Tenho questões privadas. Como disse, eu vim para cá para constituir, eu voltei para constituir família, porque acho que aqui é o sítio indicado. [MV_FG3]

Este mesmo participante, natural de Évora mas que a determinada altura da sua vida saiu para mais tarde voltar, destaca o sentimento de pertença ao lugar, à “terra mãe”:

A colega também falou no querer voltar, porque as condições cá são condições de vida fantásticas e eu costumo muito utilizar uma expressão, quando me perguntam porque é que voltaste: ‘podem-me tirar o Alentejo, mas não podem tirar o Alentejo de mim’. Eu acho que há uma ligação nossa, à nossa terra mãe, muito marcante e muito pessoal. [MV_FG3]

De modo explícito foram depois enunciados alguns aspetos a melhorar na cidade e que podem ser importantes, tanto para quem já reside, como para quem equaciona vir a residir definitivamente ou regressar a Évora. Apostar nos jovens e nos idosos parecer decisivo para aproximar as pessoas das oportunidades internas e, simultaneamente, da autarquia:

[...] exemplos a melhorar: a decadência de espaços como o skatepark, no bairro Nossa Senhora do Carmo, não pode acontecer. A população é jovem, a envelhecida, aqueles velhotes que reclamam ‘eh, pá, eles vêm para aqui andar de skate’, ok, agora, estão lá carros estacionados. Portanto, há aqui duas franjas que são muito importantes de explorar. Aproximar as pessoas das oportunidades internas, da autarquia, estarmos mais próximos, e responder-lhe a uma questão: eu abdiquei de muito, para poder voltar, muito, a questões financeiras. [MV_FG3]

II.3.6. Alguns jovens quererão cá viver. Talvez

A discussão no grupo focal dedicado ao trabalho, emprego e autonomia desembocou, por fim, nas questões da habitação, nomeadamente com a questão da dependência do acesso à habitação das condições de trabalho.

O emprego, é certo, e temos visto que nos últimos anos até se desenvolveu muito no nosso concelho esta parte do emprego, dar mais oportunidades de emprego a jovens... contudo, está com uma situação que ainda não é o bastante para os jovens garantirem a sua autonomia, ou seja, para não... para serem sustentáveis por eles e conseguirem ter, digamos assim, dinheiro face ao orçamento do que são os problemas do dia-a-dia, começando,

desde logo, pela habitação, é claro. [FC_FG3]

Primeiramente foi apresentado o cenário mais amplo das dificuldades que atravessam a obtenção de crédito e a concretização do direito à habitação por parte dos jovens na atualidade. Este aspeto torna os jovens mais dependentes das famílias de origem e leva a um adiamento de projetos de autonomia, os quais passam, muitas vezes pela aquisição de habitação.

Não tem de ser o jovem que vai ter com o banco. Para já, o banco, vendo um jovem que tem um salário mínimo, não faz qualquer tipo de crédito. É logo uma barreira que ali tem. Posso pôr um exemplo pessoal meu e, se calhar, da maior parte dos jovens deste país, que é isto: o salário mínimo, vamos ao banco, pedimos um empréstimo, e o banco diz 'não, não, para ti não há'. E com esta situação obriga-nos a ser cada vez mais dependentes da questão familiar, como foi aqui colocada. Atrasamos os nossos projetos de independência, digamos assim. E se nós queremos estar nesta sociedade, queremos ser um elemento fundamental para dinamizar esta sociedade, temos que ter a nossa autonomia e a nossa dependência, claro. [FC_FG3]

À escala local, o cenário negativo agudiza-se, em grande medida resultado da coincidência entre a reduzida dimensão do mercado para fazer face à procura, a especulação das rendas e da existência de um mercado paralelo difícil de controlar.

[...] rendas entre os 350 euros e os 450 euros sem condições nenhuma, sem contratos de arrendamento, e com o mercado paralelo que domina a 99% o mercado existente, porque, hoje em dia, o senhorio de uma casa, senhorio q.b., porque se não apresenta contas às Finanças não é um senhorio. Quando ele nos diz: 'não há rendas, pagas até ao fim do mês, não vou reabilitar a casa'; 'queres fazer um investimento, fazes', pagas 350 a 450 por um T1 sem condições nenhuma e, se calhar, depois, nem tens condições para estacionar o carro à porta de casa e teres que ir para fora da cidade e teres dificuldade de transportes, também, a habitação vem relacionar uma questão de transportes, uma questão de ordenados... estamos a falar aqui de mais de metade do ordenado mínimo nacional, que é o que falamos. Hoje em dia, é uma realidade local.

Este mercado paralelo é uma realidade. Mas ontem, pelo que eu tenho de informação, saiu uma notícia na SIC a dizer que o Estado português quer intervir, está a intervir, quer intervir rapidamente nesta questão, porque o arrendamento está demasiado alto. E este mercado paralelo é a grande dificuldade, que nós queremos procurar e não há. Eu, para mudar de casa, estive três meses à procura. Mais uma vez, estou a dizer um caso pessoal,

mas estou a representar talvez a maior franja de pessoas que está à procura de uma casa. Três meses para encontrar uma casa e quando a encontrei ainda não é bem aquilo... eu começo a ponderar, com vinte e sete anos, se será que tenho de fazer um empréstimo e pôr a corda no pescoço e comprar uma casa. [MV_FG3]

A questão coloca-se então ao nível de todos os que residem ou querem vir a residir em Évora: o concelho reúne ou não condições para oferecer habitação de acordo com as expectativas daqueles que nele pretendam viver?

[...] se Évora tem ou não tem capacidade de responder em termos de habitação, quer pela população jovem, que vem para Évora para trabalhar, quer os próprios eborenses, que vivem na casa dos pais e começam o seu projeto de autonomia através do emprego.

Portanto, são questões que me levam a questionar que tipo de modelo de habitação, para poder corresponder aos desejos dos jovens, porque eles têm projetos de vida e se eles querem ficar em Évora, se querem ir embora, e se querem regressar. Portanto, um jovem pode sair aos vinte anos e aos vinte e quatro porque terminou a licenciatura, mas depois quer regressar. E, portanto, que país é que nós vamos ter, que políticas de habitação... portanto, e que autonomia é esta? [SM_FG3]

A discussão gerada no grupo redundou numa resposta negativa à questão antes colocada. De acordo com os participantes, o concelho não está a conseguir responder às necessidades e “*não é esta a habitação que os jovens procuram*”:

[...] os jovens com vencimentos mais baixos é que têm problema em encontrar uma habitação. E, nesse sentido, uma das grandes questões é: Évora está ou não está adaptada à habitação? Bom, eu julgo que o problema, neste momento, é das famílias, geralmente, os pais pagarem os empréstimos bancários. Eu julgo que, quando acabarem estes empréstimos bancários, essas famílias vão herdar as habitações dos pais, não vão precisar de procurar uma habitação. Portanto, eu julgo que a resposta está no âmbito do mercado de arrendamento. Se o arrendamento de Évora corresponde às expectativas dos jovens que vêm para cá estudar e vêm para cá trabalhar ou que são eborenses e que querem fazer o seu projeto de vida em Évora, respondem às necessidades tendo em conta os salários, não. A habitação que existe no mercado é má. Existe um mercado paralelo bastante grande. E julgo que não é esta a habitação que os jovens procuram. [SM_FG3]

Trabalhar alternativas à compra de habitação, nomeadamente uma política de arrendamento direcionada especificamente aos jovens parece ser a solução esboçada entre os participantes do grupo focal a este propósito.

Porque ninguém compra uma casa aos vinte anos. Às vezes, há certas ilusões. Comprar uma casa aos vinte anos é colocar uma força no pescoço. Durante trinta anos não pode fazer mais nada.

Portanto, temos de encontrar outras alternativas e o mercado de arrendamento é muito importante. Agora, que mercado de arrendamento? Essa é outra questão. Essa, para mim, eu colocava mais o foco numa política de arrendamento, muito mais orientada à primeira fase da vida dos jovens. [PS_FG3]

Porventura, mais do que uma política de arrendamento orientada apenas “à primeira fase da vida dos jovens”, essa política deve sim ser ajustada às várias fases e projetos de vida e às muitas juventudes que aí se entrecruzam.

[...] a estabilidade é fundamental, no âmbito do projeto de vida dos jovens. Que é diferente aos dezoito, é diferente aos vinte, é diferente aos vinte e cinco e vais ver quando é que termina ser jovem.

Portanto, julgo que é neste projeto de vida e agora, sim, a minha perspetiva, já que sou a coordenadora do plano local de habitação, que temos de ter um modelo de habitação pensado para várias necessidades dos jovens ao longo das suas vidas. [SM_FG3]

III. Questionários e grupos focais: tensões e contradições no conhecimento sobre os jovens em Évora

A fim de contribuir para uma compreensão mais informada e aprofundada das temáticas em estudo, confrontam-se nesta secção considerações produzidas pelos participantes dos grupos focais com dados obtidos através do questionário. O objetivo primordial deste exercício não é o de avaliar a correção das afirmações proferidas pelos participantes desses grupos, tão pouco o de opor com base em juízos de pretensa superioridade, correção ou veracidade dados “quantitativos” e “qualitativos”. Ao invés, recorreremos à triangulação de informação para dar visibilidade a um conjunto de questões que emergem como particularmente relevantes pelo modo como nas diversas temáticas abordadas acusam tensões e contradições entre modos e formas de conhecimento, do senso comum ao conhecimento científico e da macro à microescala. Em todos os resultados apresentados admite-se que a amostra é representativa da população.

III.1. Participação política e associativismo

- *Pouca adesão dos jovens à política.*

A análise dos resultados do questionário permite concluir que a maioria dos jovens (59%) manifestaram ter pouco ou nenhum interesse pela política e apenas 10% referem ter muito interesse pela política.

- *Pouca participação dos jovens nas eleições porque acham que não vale a pena.*

Entre os jovens com idade para votar apenas 13% referiram que não o fazem, sendo que de entre os restantes que dizem votar, 1 em cada 3 refere que o faz porque quer ter uma palavra a dizer.

- *A grande maioria dos jovens que residem em freguesias rurais pertence a associações e coletividades, estando mais envolvidos em associações que os jovens das freguesias urbanas.*

Entre os jovens residentes em freguesia rurais, a maioria (61%) não pertence a uma associação, organização ou clube. Apesar de a percentagem de jovens envolvidos em associações, organizações ou clubes ser ligeiramente superior entre os que residem em freguesias rurais (39% vs. 34%) esta diferença não é estatisticamente significativa (valor $p=0,23$).

III.2. Aproveitamento dos tempos livres

- *Inexistência de atividades para ocupar os tempos livres.*

Apenas uma fração muito pequena dos jovens (4%) considera que faz um mau ou muito mau aproveitamento dos tempos livres, a contrastar com os 81% de jovens que considera fazer pelo menos um bom aproveitamento dos tempos livres. Entre os jovens que consideram ter um aproveitamento dos tempos livres suficiente ou inferior, os fatores mais referidos para melhorar esse aproveitamento foram o ter um maior rendimento disponível para gastar (56%) e ter mais tempo livre (48%).

- *Falta de espaços para convívio.*

Entre os jovens que consideram ter um aproveitamento dos tempos livres suficiente ou inferior, apenas 18% referem que podiam melhorar esse aproveitamento se houvesse melhores infraestruturas. Por outro lado, entre as atividades que os jovens referiram gostar muito de fazer nos

tempos livres, as que requerem um espaço de convívio representam apenas 18% de entre todas as que foram referidas.

- *Falta de um centro cultural.*

Pelo menos 2 em cada 3 jovens nunca foram ou vão apenas 1 vez por ano a uma exposição, a um museu ou oficina cultural ou a uma sociedade cultural.

- *Sentimento de solidão nos jovens que se traduz na ida para as redes sociais.*

Excluindo atividades de trabalho/estudo, de tudo o que os jovens referiram que fazem nas redes/espços virtuais, o fazer/encontrar amigos, o procurar parceiro(a) e o conviver com pessoas diferentes representam 30%.

- *Excesso de atividades depois das aulas.*

Questionados sobre o que seria necessário para melhorar o aproveitamento que fazem dos tempos livres, mais de metade dos jovens (56%) selecionou a opção “mais tempo livre”.

III.3. Discriminação em contexto escolar

- *Existência de jovens que não se enquadram e não se sentem bem em nenhum espaço.*

Em todos os aspetos indicados no questionário houve jovens que reportaram terem sentido alguma vez ser tratados de forma diferente em contexto escolar. Em particular, 21% dos jovens referiram que se sentiram tratados de forma negativa devido a características físicas, 14% devido aos amigos/pessoas “com quem se dão”, percentagem idêntica aos que referiram a personalidade.

III.4. Abandono escolar

- *O abandono escolar surge fundamentalmente de jovens provenientes de meios familiares com dificuldades económicas.*

Entre os jovens que em algum momento abandonaram os estudos antes da conclusão da formação que pretendiam obter, as razões de natureza económica foram apontadas por menos de 3 em cada 10 jovens: 29% dos jovens selecionaram a razão “ter que começar a trabalhar para

ajudar nas despesas” e 27% dos jovens selecionaram a razão “os pais/família não tinham possibilidades económicas de o manter a estudar”. Estas razões no seu conjunto representam 25% do total das razões apontadas para terem abandonado os estudos. Quando questionados sobre os fatores que seriam fundamentais na sua decisão de finalizar/prosseguir os estudos quase metade (48%) refere uma situação económica favorável.

III.5. Autonomia na tomada de decisão

- *Dificuldade dos jovens em tomar decisões.*

Quando questionados sobre o grau de autonomia que têm na tomada de diversas decisões, mais de metade dos jovens responde que decide sozinho e apenas há 3 decisões em que a percentagem de jovens que diz que decide sozinho é inferior a 3 em cada 4: locais que frequenta (56%), viajar (62%) e comportamento que adota (70%).

III.6. Consumo de drogas lícitas e ilícitas

- *Alguns jovens consomem para fugir aos problemas.*

Quando questionados sobre o que leva um jovem a consumir álcool, tabaco ou outras drogas, quase metade dos jovens (45%) seleciona a categoria “para esquecer os problemas”.

- *Feminização do consumo e maior ascendente da mulher no consumo de tabaco.*

No consumo de bebidas alcoólicas verifica-se associação entre a variável sexo e a frequência de consumo (valor $p < 0,001$), registando-se a maior diferença no consumo diário, onde surgem mais jovens do sexo masculino do que seria de esperar se não houvesse associação (em percentagem tem-se 2% do sexo feminino e 7% do sexo masculino). Contudo, também há uma diferença relevante nos jovens que dizem beber de vez em quando, sendo que neste caso ocorre a situação inversa, com mais jovens do sexo feminino do que seria de esperar se não houvesse associação (em percentagem tem-se 80% do sexo feminino e 74% do sexo masculino).

Também a frequência de consumo de bebidas energéticas regista uma associação significativa com a variável sexo (valor $p < 0,001$), registando-se neste caso mais jovens do sexo masculino do

que seria de esperar a referir ingerirem este tipo de bebidas todos os dias ou de vez em quando (em percentagem tem-se 25% no sexo feminino e 46% no sexo masculino).

Na amostra em estudo a frequência do consumo do tabaco não está associada significativamente ao sexo (valor $p=0,101$).

Verifica-se uma associação significativa entre a variável sexo e a frequência de consumo de ha-xixe (valor $p<0,001$) e a frequência de consumo de *ecstasy* (valor $p<0,001$). A maior diferença com o que seria de esperar no caso de não haver associação surge nos jovens que disseram que nunca consumiram, registando-se um maior número de jovens do sexo feminino (em percentagem 85% do sexo feminino e 73% do sexo masculino), verificando-se o inverso entre os que disseram ter consumido independentemente da frequência com que o fizeram.

Também a frequência de consumo de estimulantes (valor $p=0,012$), de cocaína (valor $p=0,002$) e de heroína (valor $p=0,03$) estão associadas com a variável sexo, sendo que nestes casos se registam mais jovens do sexo feminino do que seria de esperar em caso de não haver associação a referirem que nunca consumiram, registando-se o inverso para quem disse ter experimentado uma vez ou consumido de vez em quando.

A frequência de consumo de drogas sintéticas também tem uma associação significativa com a variável sexo (valor $p=0,033$), registando-se as diferenças mais relevantes entre os jovens que nunca consumiram (mais jovens do sexo feminino do que o esperado se não houvesse associação) e nos que experimentaram uma vez (mais jovens do sexo masculino que o esperado se não houvesse associação).

Finalmente, também existe uma associação significativa entre a variável sexo e a frequência de consumo de canabinoides e derivados (valor $p<0,001$). A maior diferença com o que seria de esperar no caso de não haver associação entre as variáveis surge nos jovens que disseram que nunca consumiram, registando-se um maior número de jovens do sexo feminino, verificando-se o inverso entre os que disseram ter consumido todos os dias ou de vez em quando.

- *Consumos de canabinoides, sintéticos e derivados com alguma relevância.*

Cerca de 92% dos jovens referiram nunca ter consumido drogas sintéticas, 1% diz consumir todos os dias e 3% diz consumir de vez em quando. No caso dos canabinoides e derivados, o consumo é mais relevante, pois apesar de 80% dos jovens referir nunca ter consumido, registaram-se cerca de 3% a referir um consumo diário e 11% a referir um consumo ocasional.

III.7. Comportamentos de risco

- *Os jovens estão conscientes que não podem conduzir se beberem.*

Quando questionados sobre se alguma vez tinham conduzido sob o efeito de álcool, 86% dos jovens referiram nunca o ter feito, 7% referiu que o fez uma vez, 4% que o fez entre 2 a 4 vezes e 3% que tiveram este comportamento pelo menos 5 vezes.

III.8. Tipo de emprego

- *Muitos contratos a prazo e salários baixos.*

Quase metade (48%) dos jovens trabalhadores, que responderam ao tipo de contrato que tinham, referiam que tinham um contrato a termo/por tempo determinado.

Quase metade dos jovens trabalhadores (47%) referiram ter um rendimento mensal líquido que não excede 1 salário mínimo e 94% dos jovens trabalhadores referiram ter um rendimento mensal líquido que não excede o valor de 2 salários mínimos.

III.9. Desejos para o futuro

- *Os jovens desejam estabilidade.*

Questionados sobre as principais experiências pelas quais desejam passar nos próximos 10-15 anos, 97% dos jovens desejam muito ter um trabalho estável e 93% dos jovens desejam muito ter uma relação estável.

- *O projeto de vida dos jovens difere com a idade.*

Na Figura 3.19 podemos observar que há experiências em que o desejo de por elas vir a passar nos próximos 10-15 anos se mantém estável com a idade, são as experiências pelas quais quase todos os jovens desejam muito vir a passar: ser feliz na vida, ter saúde e ter um trabalho estável. Noutras experiências verifica-se que esse desejo varia efetivamente com a idade. A per-

centagem de jovens que deseja muito comprar automóvel, comprar casa, conseguir um grau académico e ganhar muito dinheiro tem tendência a diminuir com a idade. A percentagem de jovens que deseja muito ter filhos, casar e ser reconhecido profissionalmente tende a aumentar gradualmente com a idade, registando uma diminuição na classe etária entre os 26 e os 29 anos. Entre os jovens mais velhos regista-se uma maior percentagem de jovens que desejam muito viver de forma independente e ter uma relação estável, por oposição aos mais novos que é onde o desejo de passar por estas experiências regista uma menor percentagem.

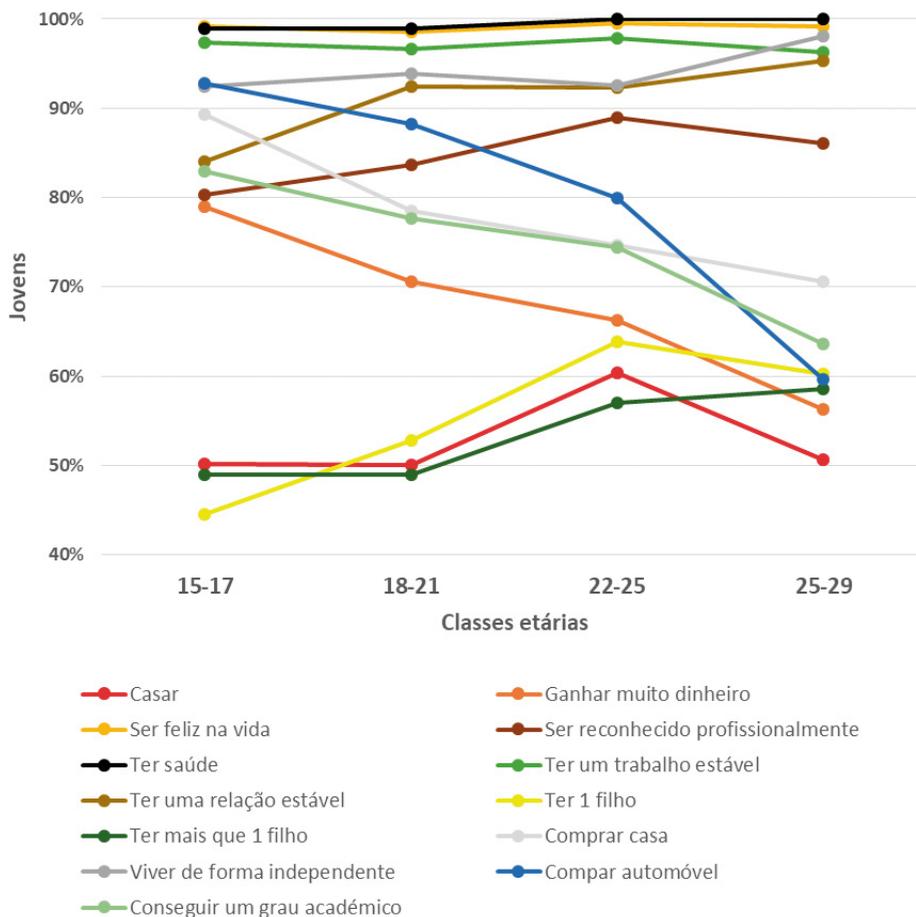


Figura 3.19 Estimativas, por classe etária, para a percentagem de jovens para as principais experiências por que desejam vir a passar nos próximos 10-15 anos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo último deste estudo é o de contribuir de forma cientificamente sustentada para a elaboração do Plano Municipal de Juventude de Évora, nomeadamente para a definição das áreas estratégicas de intervenção e vetores de atuação e, por essa via, contribuir para uma maior promoção, participação e melhoria da qualidade de vida dos jovens do concelho de Évora.

Nesta secção final revisitamos as principais conclusões do trabalho levado a cabo. Por um lado, apoiamo-nos nos dados recolhidos a partir dos questionários aplicados aos jovens para destacar as respostas que neste momento se nos afiguraram mais relevantes face às questões antes levantadas. Por outro lado, inspiramo-nos nas discussões dos grupos focais para sistematizar um conjunto de pontos de chegada e enunciar o que nos parecem ser importantes lugares de partida para o Plano Municipal de Juventude que urge delinear.

I. Para um Plano Municipal de Juventude apoiado nos questionários: questões colocadas, respostas obtidas

A caracterização global dos jovens inquiridos nas 6 dimensões cobertas nos questionários aplicados em contexto escolar e ambiente *web* foi sintetizada na secção 3 deste volume, com o complemento em apêndice das tabelas que agregam de forma minuciosa os resultados obtidos.

Sem querer repetir o que foi já exaustivamente apresentado, destacamos aqui um conjunto de questões particularmente relevantes porque relacionadas com as intenções futuras de residir, permanecer ou sair do concelho de Évora, bem como as características que se revelaram potenciadoras de uma menor satisfação com a vida por parte dos jovens.

No conjunto dos jovens inquiridos com idade compreendida entre os 15 e os 29 anos, metade dos que residem fora do concelho de Évora estão dispostos, num futuro próximo, a residir de forma permanente no concelho. Nestes podemos observar uma maior disposição em residir de forma permanente no concelho entre os jovens com 20 e 21 anos.

Mais de 2 em cada 3 jovens que residem no concelho de Évora equaciona sair, sendo essa intenção superior na faixa etária entre os 20 e os 22 anos, registando-se uma tendência para diminuir

até aos 27 anos e um aumento a partir dessa idade. Nestes jovens são os do sexo feminino que mais equacionam deixar de residir no concelho, registando-se a maior diferença na classe etária dos 20 aos 24 anos.

Com base nas últimas estimativas do INE para o número de jovens entre os 15 e os 29 anos que residem no concelho de Évora, e admitindo a representatividade da amostra considerada nesse estudo, podemos prever que mais de 5000 jovens equacionam deixar de residir de forma permanente no concelho.

Se considerarmos apenas os estudantes na Universidade de Évora, entre os 18 e os 23 anos, e admitindo como representativa a subamostra obtida desta população, podemos prever que serão mais os estudantes a residir fora do concelho que estão dispostos a residir de forma permanente no concelho do que os estudantes que residem no concelho que equacionam sair, estimando-se um saldo positivo de mais de 1000 jovens.

O desejo de nos próximos 10-15 anos ser feliz na vida, ter saúde e ter um trabalho estável, permanece constante com a idade, sendo comum a praticamente todos os jovens. Já o desejo de nos próximos 10-15 anos querer muito comprar automóvel, comprar casa, conseguir um grau académico e ganhar muito dinheiro tem tendência a diminuir com a idade, enquanto o desejo de ter filhos, casar e ser reconhecido profissionalmente tem tendência a aumentar gradualmente com a idade, registando uma diminuição na classe etária entre os 26 e os 29 anos. Finalmente, é entre os jovens mais velhos que há uma maior percentagem dos que desejam muito viver de forma independente e ter uma relação estável, por oposição aos jovens mais novos para os quais é menor o desejo de passar por estas experiências.

Vários são os fatores das diferentes dimensões analisadas no questionário que potenciam que um jovem esteja menos satisfeito com a vida, que um jovem residente no concelho equacione sair de forma permanente e que um jovem que reside fora do concelho esteja disposto a nele residir de forma permanente. Nas páginas anteriores procurámos sintetizar esses diversos fatores com a inclusão de esquemas no corpo do texto, considerando tanto as variáveis comuns quanto as variáveis específicas dos subgrupos de jovens analisados nos volumes I e II: estudantes, trabalhadores e desempregados.

Considerando apenas as variáveis comuns aos jovens entre os 15 e os 29 anos de idade, pudemos definir o perfil que maximiza a probabilidade de um jovem residente no concelho de Évora equacionar deixar de aí residir: sexo feminino, residente numa das freguesias da cidade, cuja mãe tem habilitações ao nível do ensino superior, que no último ano boicotou determinados

produtos, que nos tempos livres gosta muito de ver séries no computador e pouco ou nada de estar com a família, que pelo menos duas vezes já tomou em excesso medicamentos sem receita médica e fez pelo menos duas vezes uma dieta drástica para emagrecer, que já consumiu álcool em excesso ficando incapaz de ir às aulas/trabalho no dia seguinte e que teme muito não ser reconhecido profissionalmente nos próximos 10-15 anos.

Ainda considerando apenas as variáveis comuns, pudemos também definir o perfil que maximiza a probabilidade de um jovem não residente no concelho de Évora estar disposto a aí residir: mais velho, nos tempos livres gosta muito de jogar cartas e de estar com a família, frequenta bibliotecas, decide sozinho(a) a escolha do parceiro(a) e deseja pouco ou nada ganhar muito dinheiro nos próximos 10-15 anos.

Foram analisadas quantitativamente algumas considerações tecidas nos grupos focais, e os resultados apresentados reforçam ainda mais a necessidade da existência deste Diagnóstico que se completa com este terceiro volume, pois não havia até agora um conhecimento tão profundo do que é a realidade dos jovens do concelho de Évora.

II. Para um Plano Municipal de Juventude inspirado nos grupos focais: pontos de chegada, lugares de partida

Sintetizam-se agora os principais contributos que emergiram dos grupos focais (Tabela 4.1, Tabela 4.2, Tabela 4.3). Para isso, fazemos corresponder aos diversos pontos de chegada, lugares de partida, isto é, ao mesmo tempo que se apresentam as principais linhas de diagnóstico enunciadas na discussão gerada entre os participantes; reúnem-se pistas aí fornecidas que, do nosso ponto de vista, podem inspirar o desenvolvimento e implementação de políticas de juventude inovadoras, de carácter global e transversal, que facilitem recursos e serviços e que permitam aos jovens alcançar uma plena cidadania.

Tabela 4.1 Pontos de chegada, lugares de partida: sociabilidade, práticas, vivências e comportamentos de risco.

Pontos de Chegada	Lugares de Partida
<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecimento do quão difícil é falar de juventude no singular. • Olhar a juventude do concelho de Évora é olhar necessariamente às diversas realidades que os jovens traduzem e experienciam. • Existe um conjunto de ideias feitas sobre a juventude, as quais frequentemente redundam numa imagem que não é neutra, antes negativa. • Tais ideias apoiam-se, quase sempre, num “olhar distante” sobre a juventude, perspetivado com base num ponto de partida único, que precisamente oculta ou negligencia pontos de partida múltiplos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecimento da pluralização dos perfis, contextos e práticas da juventude, apoiada num conhecimento “a partir de dentro” ou “de muito perto”, empiricamente sustentado e não normativo. • Reconhecer a realidade diferenciada dos jovens residentes em freguesias rurais e urbanas e no interior de cada uma dessas realidades. • O conhecimento a partir de dentro, com base na experiência profissional, parece decisivo para sustentar o reconhecimento da pluralidade e diversidade.
<ul style="list-style-type: none"> • Tensão entre, por um lado, reconhecer as juventudes, no plural; por outro, falar de juventude, no singular, parece ser tributária, pelo menos em parte, da constatação de uma porosidade de fronteiras entre as várias fases da vida que, no caso particular da juventude torna particularmente difícil identificar, recortar e trabalhar com esta categoria social. • O espaço da juventude é um espaço reclamado e desejado por outros, não jovens. • Parece difícil aos não jovens encontrar e fixar os tempos e espaços próprios da juventude. 	<ul style="list-style-type: none"> • A forma de lidar com este desencontro entre a juventude, no singular, e as juventudes, no plural, passa por deixar aos jovens o que é dos jovens, isto é, que sejam os jovens a iluminar os caminhos para o futuro. • O reconhecimento de uma certa “irreverência” como marca da juventude deve ser colocada a favor dos jovens, quer na afirmação de uma cultura de juventude, quer na definição de caminhos únicos e simultaneamente ajustados às suas realidades e expectativas tendo em vista a mudança do <i>status quo</i>.

Considerações finais

Tabela 4.1 (cont.)

Pontos de Chegada	Lugares de Partida
<ul style="list-style-type: none"> • A atual geração de jovens apresenta qualidades distintivas contraditórias: <i>“muitos recursos e poucos projetos”</i>. • São frequentes as situações de ausência de <i>“expectativas positivas”</i> dos jovens perante o futuro ou com <i>“ausência de estratégias para superar momentos difíceis que vão ultrapassando”</i>, sobretudo entre as categorias sociais mais desfavorecidas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Necessidade de reforçar as expectativas positivas em torno dos futuros possíveis que se apresentam aos jovens. • Este reforço passa por palavras e incentivos mas também por ações dirigidas que ofereçam oportunidades de desenvolvimento aos jovens, que afastem os futuros temidos e que explorem a coincidência entre os futuros desejados e os possíveis.
<ul style="list-style-type: none"> • No domínio das sociabilidades e das práticas culturais, extremam-se as posições que opõem abundância e dinâmica à escassez e monotonia da oferta local. • Dificuldade em responder à questão <i>“o que procuram os jovens?”</i>, inclusive por parte dos próprios. • Persistência estrutural da dificuldade de comunicação intergeracional. • A resposta à questão <i>“o que procuram os jovens?”</i> é diferente hoje do que era no passado. 	<ul style="list-style-type: none"> • É necessário alterar os modos de relação e de trabalho com os jovens, ajustando-os a uma <i>“mudança de paradigma”</i> entre gerações. • Importância de ouvir, discutir e eventualmente atender os jovens, naquilo que são os seus interesses, gostos e expectativas. • Necessidade de dar atenção ao que os jovens dizem e reivindicam e que, porventura, não está a ser ouvido ou entendido; mas também ao que os jovens não dizem. • É urgente criar ou aperfeiçoar mecanismos de escuta atenta, como também de estimular a participação e o envolvimento dos jovens em contextos que favoreçam a sua participação ativa.

Tabela 4.1 (cont.)

Pontos de Chegada	Lugares de Partida
<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecimento das dificuldades de comunicação com os jovens por parte dos não jovens. • Desencontros entre os conceitos de informação, divulgação e comunicação. • Como justificação para os problemas de comunicação é frequentemente sublinhada uma dificuldade de <i>“falar esta [uma certa, própria] linguagem”</i>. 	<ul style="list-style-type: none"> • Necessidade e urgência de construir formas mais eficazes de comunicar com os jovens (e.g. através da música e outras).
<ul style="list-style-type: none"> • Perceção reinante de que, na sociedade em geral, os jovens <i>“não são ouvidos”</i> e que, por isso, <i>“não vale a pena mostrarem o que pensam porque não vai adiantar nada.”</i> • Limitação ou ausência de espaços, locais ou estruturas que possibilitem a sociabilidade e o reconhecimento dos jovens na comunidade. • Nas freguesias rurais encontram-se mais espaços destinado aos jovens (e.g. espaço de uma coletividade ou associação) mas nas freguesias urbanas estes espaços rarefazem ou são inexistentes. 	<ul style="list-style-type: none"> • Através das palavras e ações há que fazer ver aos jovens a necessidade e relevância do quão importante são as suas vozes e gestos. • Necessidade de criação de um espaço destinado aos jovens.

Tabela 4.1 (cont.)

Pontos de Chegada	Lugares de Partida
<ul style="list-style-type: none"> Os participantes não jovens percebem o cenário atual como caracterizado pela dificuldade dos jovens em tomar decisões. Há uma multiplicidade de ofertas disponíveis. Há uma ausência de soluções pré-determinadas que se apresentem de forma linear aos jovens de hoje. Persiste uma relação inextricável entre o que os jovens (não) são e as suas famílias de origem/pertença. 	<ul style="list-style-type: none"> Há que criar e dinamizar estruturas de apoio, inclusive à família de origem ou de pertença atual, para ajudar à tomada de decisões e à construção de um futuro por parte dos jovens. Importância de desenvolver um trabalho ao nível das estruturas de apoio que possa oferecer garantias de perenidade e estabilidade, sem que esteja sujeito a ciclos políticos, mandatos ou a programas de financiamento a curto prazo. É necessário reforçar o trabalho em rede na consolidação de um sentimento de pertença que una os vários elementos do tripé família – pares – instituições e que reforce junto dos jovens a certeza de que não estão sozinhos na tomada de decisões.
<ul style="list-style-type: none"> Existem percepções diferentes entre jovens e não jovens sobre as motivações para a adoção de comportamentos considerados de risco (e.g. consumo excessivo de drogas, álcool). Mudança recente no que aos comportamentos de risco diz respeito. Isto não significa que “velhos” comportamentos tenham desaparecido por completo; mas sim que “novos” comportamentos surgem num contexto também esse “novo” (e.g. feminização do consumo do álcool, consumos ilícitos por parte da atual geração dos adultos-pais). 	<ul style="list-style-type: none"> Importância de criar formas de escutar os jovens e que essa escuta seja capitalizada para a prevenção, onde os jovens possam ser os protagonistas da mudança. A base da prevenção deve ser um alerta permanente e informado para os riscos e que apele à moderação e responsabilidade (e.g. informação sobre os riscos da aquisição <i>online</i> de substâncias, segurança rodoviária, programa “Escola Segura”). Importância de uma sensibilização de proximidade a adotar na prevenção para os comportamentos de risco a desenvolver com os jovens.

Tabela 4.2 Pontos de chegada, lugares de partida: ensino e educação.

Pontos de Chegada	Lugares de Partida
<ul style="list-style-type: none"> • Escola como um espaço agregador, que oferece oportunidades de (aparente) igualdade para todos. • Conquistas em torno do sucesso escolar e progressiva afirmação da escola inclusiva. • Limitações da escola para lidar com todas as diferenças que os alunos inevitavelmente trazem consigo. • Há uma franja de jovens, de crianças, para as quais a escola não pode dar resposta. • A promessa de uma escola que consegue lidar bem com todas as diferenças está por cumprir. 	<ul style="list-style-type: none"> • Necessidade de um trabalho em rede, em que a escola necessariamente deve trabalhar em articulação com as instituições e os serviços que a rodeiam, tendo em vista encontrar e agilizar respostas que permitam lidar com a diferença inerente aos alunos (e.g. saúde mental, <i>bullying</i>). • A colaboração interinstitucional é fundamental para complementar ou colmatar as limitações da escola no modo como trata a diferença, pois os alunos não pertencem exclusivamente às escolas e, além disso, têm uma biografia que os liga a pessoas e contextos específicos. • Necessidade de um maior investimento ao nível da formação dos recursos humanos no interior das escolas, não apenas docentes. Investir na formação contínua das pessoas, particularmente dos colaboradores não docentes, é prepará-las para lidar com a diversidade, apresentando-lhes as ferramentas ajustadas às diferentes realidades que enfrentam no quotidiano escolar.

Tabela 4.2 (cont.)

Pontos de Chegada	Lugares de Partida
<ul style="list-style-type: none"> No contexto societal atual, pais e professores acusam a pressão imposta pelos ritmos e contextos escolares como inibidora de aprendizagens verdadeiramente significativas. Cenário de cansaço e falta de diálogo gerado pela multiplicidade de atividades e escassez de tempo por alunos, pais e professores. Sobrecarga do horário escolar e o <i>“excessivo centrar, quer da sociedade, quer da família, quer da escola, no sucesso”</i>. Causa e/ou consequência disto, parece haver uma <i>“concentração extremamente elevada no resultado e menos na aprendizagem”</i>. O contexto atual de ensino secundário opera uma distinção muito forte entre os estudantes que pretendem prosseguir estudos para o ensino superior e aqueles que não têm essa intenção, ficando assim <i>“de fora”</i>. 	<ul style="list-style-type: none"> Importância de criar uma ligação forte entre os alunos e a escola. Trata-se de consolidar uma cultura de escola que lhes permita <i>“estar bem”</i> e ter um <i>“bom ambiente”</i>, o qual ir-se-á refletir nas aprendizagens e consequentemente no sucesso, muito embora esse sucesso seja necessariamente ajustado à motivação, expectativas e aprendizagens de cada um. Necessidade de criar junto de alunos e respetivas famílias representações e expectativas realistas em torno da escola e da condição de aluno, baseadas numa comunicação eficaz e credível. É importante destruir mitos e evitar ações e afirmações que imbricadas num contexto social, político e económico específico possam contribuir para a reprodução de ideias erradas ou demasiado generalistas em torno das reais possibilidades e limites da escola.

Tabela 4.2 (cont.)

Pontos de Chegada	Lugares de Partida
<ul style="list-style-type: none"> • A pressão para o cumprimento do currículo faz com que a escola seja muitas vezes a negação do espaço onde os professores e estudantes gostariam de estar. • Fosso entre a escola como espaço de aprendizagem e de liberdade. • A escola apresenta-se, não raro, como um espaço desinteressante para os alunos, “<i>de seca</i>”. 	<ul style="list-style-type: none"> • Importância de criar espaços complementares à aprendizagem em sala de aula, eventualmente não formais, mas que se apresentem aos jovens na contiguidade com a escola. • A escola deve criar as condições para que os alunos possam cruzar as portas da sala de aula e abrir janelas à comunidade e à cidade em que estão inseridos. • Deve estimular-se a curiosidade e tirar partido da cidade como elemento educador, encontrando nos seus múltiplos contextos e organizações espaços potenciadores de uma aprendizagem diversa e criativa. • A universidade tem de se aproximar mais da cidade e vice-versa.
<ul style="list-style-type: none"> • O professor continua a desempenhar um papel central dentro e fora da sala de aula. • Há esforços a serem desenvolvidos para inverter determinadas práticas docentes, centradas no “<i>trabalho do professor isolado</i>” rumo a uma “<i>cultura de trabalho colaborativo</i>”. 	<ul style="list-style-type: none"> • Necessidade de aproximar os contextos educativos da realidade, ora através da exploração de “<i>fenómenos de proximidade</i>”; ora por meio da ênfase nas “<i>aprendizagens significativas</i>”. • É necessário mudar para facilitar a integração de saberes e competências, aspeto que permite “<i>potenciar fatores de sucesso</i>” entre os alunos.

Tabela 4.2 (cont.)

Pontos de Chegada	Lugares de Partida
<ul style="list-style-type: none"> • A escola atual vive numa dualidade entre o que se pode chamar uma visão economicista e humanista. • No cenário atual adensam-se entre os jovens as dúvidas sobre o valor da escola e das aprendizagens para o futuro. • Algumas experiências apontadas como positivas neste domínio passam por apostar numa maior sensibilização e capacitação dos estudantes para o mundo do trabalho. • A combinação entre contextos de aprendizagem diferentes favorece o desenvolvimento de competências que permitem mais tarde aos jovens devolver à sociedade, <i>“de forma crítica e criativa”</i> o que aprenderam na escola. • A combinação de <i>hard</i> e <i>soft skills</i> torna os alunos mais aptos para uma plena integração no mercado de trabalho. 	<ul style="list-style-type: none"> • Importância da escola e necessidade de <i>“preservar uma visão positiva da escola”</i>. • A escola deve ser apresentada aos alunos como um espaço de criatividade e crescimento. • O papel desempenhado pelos professores e pelas equipas pedagógicas é fundamental. • Há que apostar na diversidade dos métodos e da oferta educativa, sob pena de estrangular o potencial de criatividade suscitado pela diversidade pedagógica e disciplinar. • Há que encontrar novas/diferentes formas de combinação entre aprendizagens formais e informais, <i>hard</i> e <i>soft skills</i>, indo assim ao encontro de uma visão humanista e, por isso, em consonância com o perfil desejado para o aluno do século XXI.
<ul style="list-style-type: none"> • Imagens contraditórias sobre a juventude em contexto escolar. • Os jovens são percecionados como imaturos, dependentes e indecisos, características que funcionam como inibidores a experiências consideradas importantes e gratificantes do ponto de vista dos adultos. • Ao mesmo tempo, os jovens são também representados como extraordinariamente criativos e capazes de reagir a estímulos por fenómenos de proximidade, características que urge disseminar. 	<ul style="list-style-type: none"> • Promover e apoiar a realização de experiências consideradas importantes e gratificantes para os jovens a partir do seu [deles] ponto de vista. • Incentivar e apoiar a dinamização de ambientes de criatividade, capazes de levar a uma reação positiva e participada dos jovens, estimulada por fenómenos de proximidade.

Tabela 4.2 (cont.)

Pontos de Chegada	Lugares de Partida
<ul style="list-style-type: none"> • <i>“Os jovens têm o direito de irem à procura”.</i> • Para aqueles que querem regressar ou ficar, a cidade deve oferecer mais. • A autarquia tem desempenhado um importante papel ao longo dos anos com os jovens. 	<ul style="list-style-type: none"> • Enriquecer e fortalecer o trabalho que tem vindo a ser desempenhado pela autarquia com os jovens do concelho ao longo dos anos. • Trabalhar a cultura da escola como uma ferramenta para trabalhar a ligação dos estudantes ao território e à comunidade envolvente. • Necessidade de comunicar melhor aquilo que somos, tanto enquanto universidade como enquanto cidade para viver ou trabalhar, sobretudo para os jovens que equacionam sair no final do secundário, ou para os que equacionam ficar ou sair aquando da conclusão do ensino superior. • Trabalhar e comunicar aos jovens os valores de ligação afetiva à cidade e ao concelho de Évora, o sentimento de pertença ao lugar, a qualidade de vida e o bem-estar passível de aqui ser encontrado no sentido de abrir perspetivas para os futuros que se lhes apresentam como possíveis.

Tabela 4.3 Pontos de chegada, lugares de partida: trabalho, emprego e autonomia.

Pontos de Chegada	Lugares de Partida
<ul style="list-style-type: none"> • A autonomia dos jovens depende não necessariamente da idade ou da situação familiar mas principalmente da possibilidade de auferir um rendimento. • A possibilidade de auferir um rendimento que garanta a subsistência em condições consideradas dignas parece estar hoje mais dificultada que no passado. • O trabalho que existe parece não garantir essa autonomia por estar, frequentemente, associado a contratos precários, de curta duração e baixos salários, situação que para alguns se perpetua no tempo ao longo de vários anos e obstaculiza a antecipação de um futuro estável. • Nalguns casos, trabalhos considerados precários surgem enquadrados em lógicas de complementaridade com outras situações, nomeadamente com os estudos ou com o desejo de ter algum rendimento de bolso e assim aliviar nas despesas de manutenção em Évora ou na dependência relativamente aos pais. • A estabilidade é garante de liberdade para tomar novas e diferentes opções no domínio da vida pessoal e profissional, de outro modo difíceis de tomar. 	<ul style="list-style-type: none"> • Necessidade de definir claramente o que se entende por precariedade e qual o lugar desta condição naquilo que são as trajetórias de vida dos jovens, ao momento ou em retrospectiva. • Mais do que falar exclusivamente de precariedade, importa olhar aos obstáculos à estabilidade, isto é, a situação ou conjunto de situações inibidoras da concretização de desejos que permitam aos jovens “<i>ver o amanhã</i>”. • Necessidade de inculcar nos jovens, eventualmente desde a infância, que as oportunidades de trabalho e de realização pessoal devem ser co construídas a partir do desenvolvimento de ideias e da reinvenção permanente de projetos de vida.

Tabela 4.3 (cont.)

Pontos de Chegada	Lugares de Partida
<ul style="list-style-type: none">Desencontro entre procura e oferta educativa no concelho, visível tanto ao nível da oferta universitária como no domínio da formação profissional.	<ul style="list-style-type: none">Oferta por parte da universidade de cursos breves, não de qualificação mas de certificação, dando resposta a exigências muito particulares do mercado de trabalho.Importância de estar atento à mudança e antecipar prospectivamente o futuro tendo em vista evitar a saída de jovens e garantir, eventualmente, a captação de outros (e.g. necessidade de assegurar formação na área da hotelaria ou medicina).

Tabela 4.3 (cont.)

Pontos de Chegada	Lugares de Partida
<ul style="list-style-type: none"> • Desencontros entre oferta e procura no mercado de trabalho. • Generalização de uma falsa ideia de que não existem oportunidades de trabalho no concelho. 	<ul style="list-style-type: none"> • Para fora, a autarquia deve tornar a cidade mais atrativa, criando as condições para atrair investimento e fixar empresas no concelho. • Para dentro, é fundamental divulgar o que existe, promover a cidade e a região, as suas instituições e a inter-relação entre ambas. • Trabalhar e melhorar a ligação às empresas, desde cedo, inclusive com os ainda estudantes universitários, para uma compreensão mais próxima das reais oportunidades que o concelho oferece. • Criar alternativas a uma divulgação que muitas vezes parece não chegar a todos. • Necessidade de haver uma maior aproximação entre a autarquia e os jovens que permita divulgar oportunidades e trabalhar de modo colaborativo com outras instituições ou organizações concelhias (e.g. através de uma maior presença nas redes sociais, expansão e aprofundamento, por freguesia, do trabalho já desenvolvido pela autarquia através do Ponto Jovem). • Importância de desenvolver ações de apoio aos jovens em termos de capacitação para desenvolver as suas próprias ideias e projetos de emprego.

Tabela 4.3 (cont.)

Pontos de Chegada	Lugares de Partida
<ul style="list-style-type: none"> • Diversidade de sentidos associados ao desejo ou intenção de saída dos jovens do concelho. • Para os jovens licenciados, sair de Évora pode ser visto, ora como uma necessidade, ora oportunidade (normal) de enriquecer o curriculum e crescer profissionalmente. • Constatação de que o presente oferece um cenário mais positivo que o passado recente em termos de taxa de desemprego no concelho. 	<ul style="list-style-type: none"> • Divulgar de forma mais ampla e assertiva o alargamento recente do tecido empresarial, o aumento do emprego e de novas oportunidades de trabalho. • Dar a conhecer um conjunto de empresas de renome sediadas no concelho e projetos de dimensão concluídos ou em construção que criaram vários postos de trabalho e continuam constantemente a recrutar um número considerável de trabalhadores em diversas áreas.
<ul style="list-style-type: none"> • Há um conjunto de jovens que quererão eventualmente sair do concelho, outros quererão ficar ou regressar. • A qualidade de vida distinta de outros centros urbanos que a cidade de Évora oferece constitui um dos principais argumentos para não sair, querer ficar ou regressar a Évora. • A qualidade de vida que a cidade oferece permite, na opinião de alguns, a concretização de objetivos pessoais que se aliam aos objetivos profissionais. 	<ul style="list-style-type: none"> • Trabalhar o sentimento de pertença ao lugar, à “terra mãe”. • Melhorar um conjunto de espaços na cidade para que quem está queira ficar ou regressar. • Apostar simultaneamente nos jovens e nos idosos para aproximar as pessoas das oportunidades internas e, simultaneamente da autarquia.

Tabela 4.3 (cont.)

Pontos de Chegada	Lugares de Partida
<ul style="list-style-type: none"> • O acesso à habitação depende sobremaneira das condições de trabalho. • A obtenção de crédito e a concretização do direito à habitação por parte dos jovens enfrenta dificuldades na atualidade, o que torna os jovens mais dependentes da família de origem e leva a um adiamento de projetos de autonomia, os quais passam, muitas vezes pela aquisição de habitação. • À escala local, o cenário negativo agudiza-se, em grande medida resultado da coincidência entre a reduzida dimensão do mercado para fazer face à procura, a especulação das rendas e da existência de um mercado paralelo difícil de controlar. • O concelho não está a conseguir responder às necessidades e <i>“não é esta a habitação que os jovens procuram.”</i> 	<ul style="list-style-type: none"> • Trabalhar alternativas à compra de habitação, nomeadamente uma política de arrendamento, direcionada especificamente aos jovens. • Uma política de arrendamento deve ser ajustada às várias fases e projetos de vida e às muitas juventudes que neles se entrecruzam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Agresti, A. (2013). *Categorical Data Analysis*. 3rd Edition. Wiley, New York.

Infante, P., Pisco Costa, R., Afonso, A., Jacinto, G., Conde, J., Policarpo, L., (2008a). *Diagnóstico Juvenil: Os alunos do Ensino Secundário*. Évora: Câmara Municipal de Évora e Centro de Investigação em Matemática e Aplicações da Universidade de Évora. ISBN: 978-989-8550-63-7;978-972-8509-57-6.

Infante, P., Pisco Costa, R., Afonso, A., Jacinto, G., Conde, J., Policarpo, L. (2018b). *Diagnóstico Juvenil: Jovens Estudantes na Universidade de Évora, Trabalhadores e Desempregados*. Évora: Câmara Municipal de Évora e Centro de Investigação em Matemática e Aplicações da Universidade de Évora. ISBN: 978-989-8550-70-5; 978-972-8509-59-0.

Krueger, R. A., Casey, M. A. (2015). *Focus groups: A practical guide for applied research*. 5th ed. Los Angeles: Sage.

Miles M. B., Huberman, M. A., Saldaña, J. (2014). *Qualitative Data Analysis: a methods sourcebook*. 3rd ed. Los Angeles: Sage.

APÊNDICES

A. Convite-padrão a participar nos Grupos Focais (Focus Group)

De: DJD- Maria Luisa Policarpo
Enviada: segunda-feira, 28 de maio de 2018 12:45
Cc: DJD- José Conde; Rosalina Pisco Costa
Assunto: Focus Group 3 – Trabalho, Emprego, autonomia

Bom dia

Encarrega-me o Drº Jose Conde , Chefe de Divisão de Juventude e Desporto da Câmara Municipal de Évora, de enviar a V.Exª este convite para o qual agradece a melhor atenção .

Exmo. (a) Senhor (a)

No âmbito da elaboração do Plano Municipal da Juventude de Évora, e em particular do processo de Diagnóstico Juvenil Eborense, cujos resultados referentes aos alunos do ensino secundário e equivalente anexamos, gostaríamos de convidar V. Exª a integrar um debate ("Focus Group"), subordinado ao tema " Trabalho, emprego, autonomia", que irá ter lugar na Câmara Municipal de Évora, dia 7 de junho, às 17h00.

O Plano Municipal da Juventude de Évora pretende ser um instrumento de planeamento estratégico que possibilite o desenvolvimento e implementação de políticas locais de juventude mais inovadoras, de carácter global e transversal, e que facilitem recursos e serviços que permitam aos jovens alcançar uma plena cidadania.

Certos de podermos contar com a inestimável participação de VExª , o nosso antecipado agradecimento

Sendo que o Focus Group integrará somente 10 pessoas a confirmação de presença até dia 1 de junho é imprescindível

José Conde

Chefe da Divisão de Juventude e Desporto



Câmara Municipal de Évora
Divisão de Juventude e Desporto
T: +351 266 777 000 | +351 266 777 109/10

Ext: 2551

Telemóvel: 969088685
E: jconde@cm-evora.pt



100 | CENTENÁRIO ARMISTÍCIO | EVORAPELAPAZ

B. Guiões dos grupos focais

B.1. Sessão 1: Sociabilidade, Práticas, Vivências e Comportamentos de Risco

Local – Diário do Sul

5 de junho de 2018 – 17h30

Tempo (minutos)	Assunto/Questão	Interveniente	Observações
00:00	Apresentação do objetivo da sessão. Apresentação dos convidados Texto introdutório de base para a discussão (a definir)	Moderador: José Conde (Chefe DJD- CME)	
02:30	1ª Questão: É visível e reconhecida a presença dos jovens em Évora? Como se afirmam?		Perceção sobre os jovens
12:30	2ª Questão: Qual ou quais os principais problemas e potencialidades que reconhece aos jovens eborenses?		Identificação de problemas e mais-valias
27:30	3ª Questão: Os jovens estudantes universitários (habitantes temporários) são em maior número aos jovens que habitam no concelho. Como sente esta relação entre estes dois grupos? A cidade tem sabido lidar com esta realidade?		Opinião sobre a relação dos jovens universitários versus jovens moradores não universitários

Tempo (minutos)	Assunto/Questão	Interveniente	Observações
35:30	<p>4ª Questão:</p> <p>São frequentes as críticas a atitudes e comportamentos relacionados com consumos sobretudo de álcool, mas também de outras substâncias por parte dos jovens na cidade.</p> <p>Qual a V. opinião sobre este fenómeno. Que medidas consideram que se deveriam tomar?</p>		Opinião sobre comportamentos e consumos dos jovens na cidade
45:30	<p>5ª Questão:</p> <p>Os jovens parecem revelar por vezes alguma apatia face à intervenção cívica. Estão de acordo com esta afirmação?</p> <p>A que se deve tal situação e como poderá ser invertida?</p>		Opinião sobre os jovens e participação cívica
52:30	<p>6ª Questão:</p> <p>Em V. opinião têm os jovens razão para ter confiança nas instituições e no futuro da nossa região e do nosso país? Que medidas práticas devem ser tomadas para “ganhar” essa confiança?</p>		Opinião sobre a confiança dos jovens nas instituições e no futuro?

Participantes:

Capitão João Gaspar (GNR) – JG

Chefe Edite Dinis (Representante da PSP) – ED

Eduardo Luciano (Vereador CME) – EL

Fábio Peixeiro (Jovem de uma freguesia rural/ Associação Juventude Giesteirense) – FP

Henrique Velez (ADBES – Centro de Jovens) – HV

Paulo de Jesus (Coordenador do CRI Alentejo Central) – PJ

Paulo Piçarra (Grupo Diário do Sul) – PP

Vítor Tereso (Representante do CMJE) – VT

Não Identificado – NI

José Conde (Moderador / Chefe DJD) – JC

B.2. Sessão 2: Ensino e Educação

Local – Universidade de Évora, Sala 242 do Colégio do Espírito Santo (Sala do Senado)

6 de junho de 2018 – 17h30

Tempo (minutos)	Assunto/Questão	Interveniente	Observações
00:00	Apresentação do objetivo da sessão Apresentação dos convidados Texto introdutório de base para a discussão (a definir)	Moderadora: Rosalina Costa (UÉvora)	
02:30	1ª Questão: Com base na sua experiência como avalia o desempenho dos estudantes do ensino básico/secundário, profissional do concelho de Évora		Perceção da qualidade da formação na região; e do desempenho dos alunos
12:30	2ª Questão: Que condições à partida poderão ter reflexo na escola e na aprendizagem?		Determinantes e / ou condicionantes
27:30	3ª Questão: São inclusivas as escolas? Estão preparadas para a “diferença “? Reconhece algum tipo de discriminação frequente nas escolas?		Processo inclusivo ou competitivo
35:30	4ª Questão: O que leva os jovens eborenses a procurar outras cidades para a sua formação de nível superior?		Adequação da oferta formativa às necessidades locais e regionais

Tempo (minutos)	Assunto/Questão	Interveniente	Observações
	5ª Questão:		
45:30	Sabendo que muitos dos alunos que fazem a sua formação superior noutras cidades e já não voltam a fixar-se em Évora, o que deve ser feito para inverter esse processo?		Fixação na cidade e na região
	6ª Questão:		
52:30	Qual ou quais os aspetos que alteraria no processo formativo/educativo local (formal e não formal)?		Que políticas? Que medidas? Que estratégias?

Participantes:

Ana Rita Silva (Representante do CMJE no Conselho Municipal de Educação) – AS

António Ricardo Mira (Universidade de Évora) – AM

Fernanda Graça (Escola Secundária Gabriel Pereira, membro do Conselho Pedagógico e técnica dos serviços de Psicologia e Orientação) – FG

Helena Ferro (Chefe de Divisão de Educação e Intervenção Social, CMÉvora) – HF

João Lázaro (Escola Prof. EPRAL, presidente da Direção Pedagógica) – JL

João Romão (Escola Secundária André de Gouveia / Conselho Diretivo) – JR

Nuno Cabral (Presidente da Associação de Pais de Encarregados de Educação Severim de Faria) – NC

Rosalina Pisco (Moderadora / pró-reitora da Universidade de Évora) – RP

B.3. Sessão 3: Trabalho, Emprego e Autonomia

Local – Câmara Municipal de Évora, Salão Nobre

7 de junho de 2018 – 17h30

Tempo (minutos)	Assunto/Questão	Interveniente	Observações
00:00	Apresentação do objetivo da sessão Apresentação dos convidados Texto introdutório de base para a discussão (a definir)	Moderadora: Sara Dimas Fernandes (vereadora da CME)	
02:30	1ª Questão: Sendo o emprego determinante para a definição de projeto de vida autónomo, como sentem esta realidade no nosso concelho.		Empregabilidade no concelho
12:30	2ª Questão: Há relação entre o mundo da formação e do emprego ou são duas realidades que raramente se cruzam e se relacionam?		Relação formação / emprego
27:30	3ª Questão: Há preocupações de articular os processos formativos com o mercado de trabalho e as necessidades locais e regionais?		Relação formação / emprego
35:30	4ª Questão: Muitas vezes os jovens investem numa formação e acabam por conseguir emprego em áreas que nada tem a ver com a natureza da sua formação e de novel formativo. Identifica-se com essa opinião. Como reagir face à mesma?		Relação formação / emprego: Articulação

Tempo (minutos)	Assunto/Questão	Interveniente	Observações
45:30	5ª Questão: A precaridade no emprego é um fator de insegurança para os jovens. Qual é a V. opinião sobre este assunto		Emprego, segurança e autonomia
52:30	6ª Questão: Quem pode intervir nesta matéria? O Estado; as Autarquias; a Escola; os empregadores? Outros? Como?		Políticas / medidas / estratégias

Participantes:

Andreia Morita (Representante ADRAL)- AM

Ana Flámino (Jovem que trabalha em call center) – AF

Frederico Campos (USDE/CGTP-IN) – FC

Luís Santos (Representante do CMJE) – LS

Margarida Marques (Embraer) – MM

Mário Velez (Jovem trabalhador do Évora Plaza) – MV

Paulo Resende da Silva (Universidade de Évora) – PS

Ruben Cramez (Site Emprego e Biscates) – RC

Rui Estriga (Representante do IEFP) – RE

Susana Mourão (Plano local de habitação) – SM

Sara Dimas Fernandes (Moderadora/vereadora da CME) – SF

C. Metodologia estatística

Para todas as metodologias estatísticas que foram apresentadas ao longo do estudo, considerou-se um nível de significância de 5%.

C.1. Análise das associações

Para avaliar a associação entre o sexo, o equacionar residir/deixar de residir de forma permanente no concelho de Évora, condicional à classe etária, realizaram-se o teste de Mantel Haenszel para testar a associação entre as duas variáveis condicionada ao grupo e o de Breslow Day para testar se a associação é homogénea entre os grupos (Agresti 2013).

Para analisar a relação existente entre duas variáveis não condicionada ao grupo foi usado o teste qui-quadrado de independência de Pearson ou o teste de Fisher, no caso de os pressupostos falharem. Para uma descrição mais detalhada sobre a aplicação destes testes ver Infante *et al.* (2018b).

C.2. Comparações entre grupos e correlações

No que diz respeito ao nível de satisfação com a vida, correspondente à resposta do jovem à questão “Tudo somado, qual é o seu grau de satisfação com a vida em geral?”, que permitia uma resposta numérica entre 0 e 10, considerou-se sempre que possível esta variável como uma variável ordinal.

Para se avaliar como a satisfação com a vida difere entre dois grupos nas variáveis dicotómicas foi utilizado o teste de Wilcoxon-Mann-Whitney, versão não-paramétrica do teste T-Student. Um valor significativo neste teste significa que um dos grupos da variável em causa tem um nível de satisfação com a vida significativamente inferior ao outro grupo.

Para avaliar se a satisfação com a vida difere entre os diferentes grupos para variáveis categóricas com mais de 2 categorias, foi utilizado o teste de Kruskal-Wallis, versão não-paramétrica do teste F usado na análise de variância de um fator. Um valor significativo neste teste significa que pelo menos um dos grupos em causa tem um nível de satisfação com a vida inferior. Como o teste não identifica qual dos grupos difere, quando o teste de Kruskal-Wallis foi significativo rea-

lizou-se o teste de comparações múltipla de Dunn, para identificar quais os grupos que diferem entre si e quais dos grupos em causa apresentam um nível de satisfação com a vida inferior. O teste de Dunn também é um teste não paramétrico e é considerado um dos mais conservativos no que respeita a identificar diferenças entre os grupos.

Quando se pretendeu, para além da existência ou não de relação entre duas variáveis, medir o modo e a força dessa relação, foi usado o coeficiente de correlação não paramétrico de Spearman e de Kendall. Para uma descrição mais detalhada sobre a aplicação destes coeficientes ver Infante *et al.* (2018a).

C.3. Regressão logística

Com o objetivo de identificar fatores que aumentam a probabilidade de um jovem, residente no concelho de Évora, equacionar deixar de residir no concelho de forma permanente, ajustou-se um modelo de regressão logística, definindo a variável resposta dicotomizada em função da resposta dada pelo aluno à questão “Equaciona deixar de residir de forma permanente em Évora?”: 0 – “Não”; 1 – “Sim”.

Do mesmo modo, para identificar fatores que aumentam a probabilidade de um jovem, residente fora do concelho de Évora, equacionar residir no concelho de forma permanente, ajustou-se um modelo de regressão logística, definindo a variável resposta dicotomizada em função da resposta dada pelo aluno à questão “Equaciona residir de forma permanente em Évora?”: 0 – “Não”; 1 – “Sim”.

Para se ajustar o modelo foi seguida a estratégia referida em Infante *et al.* (2018a, 2018b), onde também se pode consultar uma pequena explicação de como se deve interpretar a razão de chances ou razão de possibilidades (em inglês: *odds ratio*; abreviatura OR).

D. Tabelas da síntese descritiva dos resultados do inquérito aos jovens em Évora dos 15 aos 29 anos

D.1. Perfil sociodemográfico

Tabela D.1 Distribuição dos jovens pelo sexo (n.º respostas válidas 1409).

Sexo	Masculino	Feminino
% respostas	40,2	59,8

Tabela D.2 Idade dos jovens (n.º respostas válidas 1371).

	Mínimo	Primeiro quartil	Mediana	Média	Terceiro quartil	Máximo	Desvio padrão	Assimetria	Achatamento
Idade	15,0	17,0	19,0	19,6	21,5	29,0	3,6	0,87	-0,04

Tabela D.3 Distribuição dos jovens pela nacionalidade (n.º respostas válidas 1396).

Nacionalidade	% respostas	Nacionalidade	N.º de respostas	Nacionalidade	N.º de respostas
Portuguesa	95,4				
Dupla nacionalidade	2,2	Brasileira	6	Angolana	1
		Helvética	5	Belga	1
		Alemã	3	Búlgara	1
		Francesa	3	Espanhola	1
		Moldava	3	Holandesa	1
		Australiana	2	Russa	1
		Romena	2	Ucraniana	1
Outra	2,4	Brasileira	17	Espanhola	1
		Romena	3	Helvética	1
		Cabo-Verdiana	2	Holandesa	1
		Ucraniana	2	Japonesa	1
		Alemã	1	Moçambicana	1
		Angolana	1	Timorense	1
		Brasileira+Italiana	1		

Tabela D.4 Distribuição dos jovens pela freguesia de residência no concelho de Évora (n.º de respostas válidas 1032).

Freguesia do concelho de Évora	% respostas
União de freguesias de Malagueira e Horta das Figueiras	35,9
União de freguesias do Bacelo e Senhora da Saúde	31,8
União de freguesias de Évora (São Mamede Sé São Pedro e Santo Antão)	17,5
Canaviais	5,6
São Bento do Mato	1,7
União de freguesias de São Sebastião da Giesteira e Nossa Senhora da Boa	1,6
São Miguel de Machede	1,5
União de freguesias de Nossa senhora da Tourega e Nossa Senhora de Guadalupe	1,4
Nossa Senhora da Graça do Divor	1,3
Nossa Senhora de Machede	0,9
Torre dos Coelhoos	0,5
União de freguesias de São Manços e São Vicente do Pigeiro	0,4

Tabela D.5 Distribuição dos jovens pelo concelho de residência (n.º de respostas válidas para a questão sobre se reside dentro ou fora do concelho de Évora 1410; por concelho fora de Évora 252).

Concelho	% respostas	Outro concelho	% respostas	Outro concelho	% respostas
Évora	73,6				
Outro	26,4	Montemor-o-Novo	19,4	Alandroal	6,3
		Portel	15,9	Redondo	6,3
		Arraiolos	10,7	Estremoz	6,0
		Viana do Alentejo	10,7	Vila Viçosa	5,2
		Vendas Novas	7,1	Setúbal	4,4
		Reguengos de Monsaraz	7,1	Mourão	4,0

Outros concelhos	N.º respostas	Outros concelhos	N.º respostas	Outros concelhos	N.º respostas
Lisboa	8	Porto	2	Guarda	1
Elvas	6	Sant. do Cacém	2	Guimarães	1
Santarém	6	Tomar	2	Madeira	1
Mora	5	Açores	1	Moita	1
Portalegre	5	Alcácer do Sal	1	Montijo	1
Alvito	4	Alcáçovas	1	Odemira	1
Leiria	4	Almeirim	1	Oliveira de Azeméis	1
Moura	4	Alter do Chão	1	Ponte de Sor	1
Beja	3	Anadia	1	Portimão	1
Borba	3	Avis	1	Santa Comba Dão	1
Montijo	3	Azeitão	1	Serpa	1
Abrantes	2	Bombarral	1	Silves	1
Aveiro	2	Caldas da Rainha	1	Sousel	1
Benavente	2	Câmara de Lobos	1	St.ª Maria da Feira	1
Coimbra	2	Campo Maior	1	Terceira	1
Faro	2	Coruche	1	Torres Novas	1
Fronteira	2	Covilhã	1	Vila do Conde	1
Ourém	2	Entroncamento	1	Vila Franca de Xira	1
Pegões	2	Grândola	1		

Tabela D.6 Distribuição dos jovens pelo tempo de residência no concelho de Évora (n.º respostas válidas 1024).

	Sempre residiu	Há menos de um ano	Entre 1 e 3 anos	Entre 3 e 5 anos	Entre 5 e 10 anos	Há mais de 10 anos
% respostas	63,4	8,1	10,4	4,9	3,6	9,7

Tabela D.7 Distribuição dos jovens residentes fora do concelho de Évora pelo tempo de estudo/trabalho no concelho (n.º respostas válidas 370).

	Há menos de um ano	Entre 1 e 3 anos	Entre 3 e 5 anos	Entre 5 e 10 anos	Há mais de 10 anos
% respostas	31,9	49,7	8,6	4,9	4,9

Tabela D.8 Distribuição dos jovens residentes fora do concelho de Évora pela periodicidade com que se deslocam a Évora (n.º respostas válidas 191).

	Todas as semanas	De 15 em 15 dias	Uma vez por mês
% respostas	91,1	7,9	1,0

Tabela D.9 Distribuição dos jovens pela dimensão do agregado familiar, incluindo o próprio (n.º respostas válidas 1337).

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
% respostas	7,1	13,2	31,3	36,9	8,2	1,9	1,0	0,3	0,2	7,1

Tabela D.10 Distribuição dos jovens pelo local onde vivem habitualmente (n.º de respostas válidas 1397).

Habitação	% respostas
Casa dos pais	69,9
Casa arrendada	11,9
Quarto arrendado	7,6
Residência de estudante	4,9
Casa de outros familiares	3,5
Casa própria	2,2

Tabela D.11 Distribuição dos jovens pela composição do agregado familiar (n.º de respostas válidas 1405).

Composição do agregado familiar	% respostas
Pai ou padrasto e mãe ou madrasta e irmãos	43,7
Pai ou padrasto e mãe ou madrasta sem irmãos	16,3
Um dos pais e irmãos	10,4
Um dos pais	8,8
Esposo(a)/companheiro(a) e filhos (incluindo enteados/adotados/crianças acolhidas)	1,4
Esposo(a)/companheiro(a)	3,5
Filho(s)	0,3
Mais ninguém (sozinho(a))	4,1
Outras pessoas / noutra situação	11,6

Tabela D.12 Distribuição dos jovens pelas habilitações literárias do pai (n.º de respostas válidas 1344) e da mãe (n.º de respostas válidas 1379).

Habilitações literárias	Pai % respostas	Mãe % respostas
Não sabe ler nem escrever	0,4	0,4
Sabe ler sem possuir o 4º ano de escolaridade	1,3	0,7
4º ano de escolaridade	13,7	8,1
6º ano de escolaridade	12,1	9,1
9º ano de escolaridade	22,5	19,5
Ensino Secundário	24,9	30,0
Ensino médio (inclui outra formação pós-secundário)	5,5	5,9
Bacharelato	1,8	2,4
Licenciatura	10,6	15,3
Mestrado	4,3	4,6
Doutoramento	3,0	3,8

Tabela D.13 Distribuição dos jovens pelas principais fontes de rendimento do agregado familiar (n.º de respostas válidas 1412).

Fonte de rendimento	% respostas
Salário/Trabalho	91,1
Pensão	7,5
Rendimentos próprios (rendas, empresas, juros)	7,3
Ajuda de familiares	4,5
Subsídio de desemprego	4,3
Rendimento social de inserção	1,8
Outras fontes	1,3

Outras fontes de rendimento	N.º de respostas	Outras fontes de rendimento	N.º de respostas
Bolsas de estudo	6	Abono de família	1
Reforma	4	Baixa médica	1
Pensão de alimentos	2	Pré-reforma	1
Abono (SS)	1	Trabalhos temporários	1

Tabela D.14 Distribuição dos jovens por quem contribui para o rendimento do agregado familiar (n.º de respostas válidas 738 para a segunda e quarta categorias e 1412 para as restantes).

Pessoa(s)	% respostas	Outras pessoa(s)	N.º respostas	Outras pessoa(s)	N.º respostas
Pai/Mãe ou Pais	90,4				
O Próprio	25,1				
O/A parceiro/cônjuge	7,3				
Irmãos	3,8				
Outras pessoas	3,3	Avós	28	Mãe do namorado	1
		Tios	5	Inquilinos	1
		Avós e tia	3	Pais e Avós	1
		Amigos	2	Sogros	1
		Avó e mãe	2	Todos	1
		Empregados	1		

Tabela D.15 Distribuição dos jovens pelo sentido de pertença a uma religião (n.º respostas válidas 1323).

	Religioso	Não Religioso	Não sabe
% respostas	49,6	43,4	7,0

Tabela D.16 Distribuição dos jovens que sentem pertencer a uma religião pela religião (n.º de respostas válidas 649).

Religião	% respostas	N.º respostas	Outra religião	N.º respostas
Católica	93,7			
Protestante	1,7			
Ortodoxa		5		
Religiões Orientais		4		
Islâmica/Muçulmana		3		
Judaica		2		
Outras	2,5		Evangélica	7
			Testemunha Jeová	4
			Budista	1
			Católica Ortodoxa	1
			Food Rave	1
			Panteísmo	1
			Wicca	1

Tabela D.17 Distribuição dos jovens pelo grau de religiosidade (n.º respostas válidas 1254).

	% respostas										
	Nada religioso(a)					Muito religioso(a)					
	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
% respostas	19,2	8,2	9,5	9,3	8,9	18,4	8,0	9,3	4,3	2,1	2,9

D.2. Participação escolar/inserção profissional

Tabela D.18 Distribuição dos jovens pelas habilitações literárias (n.º respostas válidas 1412).

Habilitação literária	% respostas
Sabe ler e escrever sem possuir o 4º ano de escolaridade	0,1
4º ano de escolaridade	0,2
6º ano de escolaridade	0,5
9º ano de escolaridade	50,3
Ensino secundário	21,0
Ensino médio (inclui outra formação pós-secundário)	3,3
Bacharelato	0,6
Licenciatura	19,6
Mestrado	4,5
Doutoramento	0,1

Tabela D.19 Distribuição dos jovens pelos locais onde estudam e/ou trabalham (n.º respostas válidas dos locais onde estudam 1217 / trabalham 201).

Locais onde estudam	% respostas	Locais onde trabalham	% respostas
Évora	97,5	Évora	88,0
Lisboa	1,0	Lisboa	6,5
Aveiro	0,2	Aveiro	1,0
Beja	0,2	Beja	1,0
Portalegre	0,2	Faro	1,0
Santarém	0,2	Porto	1,0
Setúbal	0,2	Santarém	0,5
Fora de Portugal	0,2	Vários	0,5
Bragança	0,1	Fora de Portugal	0,5
Castelo Branco	0,1		
Faro	0,1		

Tabela D.20 Distribuição dos jovens pela situação perante os estudos/trabalho (n.º respostas válidas 1412).

Situação perante os estudos/trabalho	% respostas
Estuda a tempo inteiro	80,9
Trabalha a tempo inteiro	8,9
Estuda e trabalha ao mesmo tempo	5,8
Desempregado(a) ou à procura do 1.º emprego	3,6
Bolseiro(a) de investigação científica	0,6
Em situação de baixa médica prolongada	0,1

Tabela D.21 Distribuição dos jovens pela situação perante os estudos (n.º de respostas válidas 1225).

Situação perante os estudos	Estuda no Secundário	Estuda em Escola Profissional	Estuda no Ensino Superior Público	Estuda no Ensino Superior Privado
% respostas	57,9	4,1	37,3	0,7

Tabela D.22 Distribuição dos jovens pela forma como avaliam o seu desempenho como estudantes (n.º de respostas válidas 1221).

Avaliação do desempenho	Excelente	Muito bom	Bom	Suficiente	Mau	Muito Mau
% respostas	4,2	19,2	53,5	21,5	1,1	0,2

Tabela D.23 Distribuição dos jovens pela opinião sobre o que é necessário fazer para melhorar o desempenho como estudante (n.º de respostas válidas 1225).

Opinião		% respostas	
Aumentar a motivação pessoal		56,3	
Professores com maior motivação		40,5	
Instalações de melhor qualidade		28,3	
Melhorar a preparação de base		27,3	
Professores com melhor preparação		21,3	
Não há nada a fazer		6,0	
Outra opinião		6,2	
Outras opiniões	N.º de respostas	Outras opiniões	N.º de respostas
Mais estudo e empenho	13	Diminuir a pressão sobre os alunos	1
Melhores horários	5	Existência de clubes escolares	1
Melhores métodos de ensino	5	Existência de horário pós-laboral	1
Falta de tempo	4	Mais apoio económico	1
Mais aulas práticas	3	Mais locais de estudo	1
Incentivos ao desempenho	2	Mais rapidez na atribuição bolsas de estudo	1
Aumentar o número de docentes	1	Mais tempo para ensinar as matérias	1
Descansar mais	1	Maior dinamismo nas escolas	1

Tabela D.24 Distribuição dos jovens pelo sentimento de discriminação em contexto escolar.

Aspeto	% de respostas			N.º de respostas válidas
	Sim, de forma positiva	Sim, de forma negativa	Não, nunca	
Amigos/ pessoas "com quem se dá"	27,00	14,30	58,70	1126
Características físicas	13,44	21,62	64,94	1138
Condição económica	8,00	8,09	83,91	1137
Cor da pele	4,56	2,19	93,25	1140
Escolaridade	7,22	4,67	88,12	1136
Etnia	4,05	1,85	94,11	1137
Forma de falar	10,41	8,73	80,86	1134
Forma de vestir	13,37	10,20	76,43	1137
Língua	5,79	2,02	92,19	1139
Nacionalidade	5,93	1,66	92,41	1147
Orientação sexual	4,85	3,00	92,14	1133
Origem familiar	5,81	3,00	91,19	1135
Personalidade	23,29	14,22	62,49	1125
Religião	4,80	3,46	91,74	1126
Sexo	5,40	3,54	91,06	1130
Outra característica	3,82	3,13	93,06	288
Altura				1
Empenho				1
Falar muitas línguas				1
Falta de experiência pessoal				1
Hiperatividade				1
Falta de empatia				1
Membro amputado				1
Problemas psicológicos				1

Tabela D.25 Distribuição dos jovens pela situação perante o trabalho (n.º respostas válidas 276).

Situação perante o trabalho	% respostas
A trabalhar no sector privado	57,6
A trabalhar no sector publico	13,8
Desempregado à procura de emprego	9,8
A trabalhar por conta própria/profissional liberal	5,1
Trabalha de vez em quando (faz pequenos serviços, “biscates”, etc.)	5,1
Desempregado à procura do primeiro emprego	5,1
Profissional liberal (situação precária)	3,6
Em situação de baixa médica prolongada	0,7

Tabela D.26 Idade com que começou a trabalhar ou iniciou a procura de emprego pela primeira vez (n.º respostas válidas 276).

	Mínimo	Primeiro quartil	Mediana	Média	Terceiro quartil	Máximo
Idade com que começou a trabalhar ou iniciou a procura de emprego pela 1ª vez	11,0	18,0	20,0	20,1	22,0	28,0

Tabela D.27 Distribuição dos jovens pelo tempo que demorou à procura do primeiro emprego ou há quanto tempo está nessa situação (n.º de respostas válidas 276).

Tempo à procura do primeiro emprego ou que está na situação	Menos de 1 mês	Entre 1 e 3 meses	Entre 3 e 6 meses	Entre 6 e 12 meses	Mais de 1 ano
% respostas	33,3	31,5	15,9	9,8	9,4

Tabela D.28 Distribuição dos jovens pela razão a que se deve o tempo que demorou/a à procura de emprego (n.º de respostas válidas 276).

Razão			% respostas
Falta de emprego na região			48,2
Falta de experiência profissional			40,9
Situação económica do país			24,6
Bons relacionamentos			21,4
Idade			13,4
Excesso de qualificações académicas			10,9
Aparência física			8,3
Falta de preparação pessoal			6,2
Falta de qualificações académicas			3,3
Outra razão			4,3
Outras razões	N.º de respostas	Outras razões	N.º de respostas
Existência de cunhas	3	Empenho	1
Existência de estágios	2	Empresa onde trabalha	1
Apenas finalizou a licenciatura este ano	1	Falta de carta de condução	1
Boa competência profissional e relacional	1	Motivos económicos	1
Bom desempenho escolar	1	Nacionalidade	1
Confiança	1	Procura intensiva	1
Dificuldade de mobilidade	1	Qualificação para bolsa	1

Tabela D.29 Distribuição dos jovens pelo número de empregos que já teve (n.º de respostas válidas 262).

	Número de empregos										
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
% respostas	32,4	21,8	21,0	11,5	5,0	4,2	0,8	1,1	0,4	1,5	0,4

Tabela D.30 Distribuição dos jovens pela atividade profissional principal (n.º de respostas válidas 262).

Atividade profissional	% respostas
Profissões com formação superior ou autonomia criativa	22,9
Comércio e vendas	18,7
Prestação de serviços	16,4
Funções administrativas, burocráticas ou de secretariado	11,1
Operário não-especializado	4,2
Operário especializado	3,1
Funções superiores de administração e direção	2,3
Trabalhador agrícola	2,3
Operário semiespecializado	0,8

Tabela D.31 Distribuição dos jovens pela entidade empregadora (n.º de respostas válidas 225).

Entidade empregadora		% respostas	
Empresa do sector privado		67,1	
Estado/Administração Pública		14,2	
Trabalhador independente		12,4	
Empresa pessoal ou familiar		9,3	
Entidade não-governamental		3,6	
Associação		3,1	
Outra		3,6	
Outras entidades	N.º de respostas	Outras entidades	N.º de respostas
IEFP	4	Mestrado na Universidade de Évora	1
Curso profissional	4	Universidade	1
Licenciatura	1	Universidade de Évora	1
Matrícula bloqueada for falta de condições financeiras	1		

Tabela D.32 Distribuição dos jovens pelo tipo de contrato laboral (n.º respostas válidas 205).

Tipo de contrato	% respostas
A termo/Por tempo determinado	44,0
Sem termo/Por tempo indeterminado	29,8
Prestação de serviços	12,0
Nenhum	5,3

Tabela D.33 Distribuição dos jovens pelo rendimento mensal líquido (n.º de respostas válidas 207).

Entidade empregadora	% respostas
Até 557 euro (1 Salário Mínimo Nacional)	46,9
Entre 557,01 e 1114 euro	46,4
Entre 1114,01 e 2000 euro	5,3
Entre 2000,01 e 3000 euro	-
Entre 3000,01 e 4000 euro	0,5
Entre 4000,01 e 5000 euro	0,5
Superior a 5000,01 euro	0,5

Tabela D.34 Distribuição dos jovens pela avaliação do seu desempenho enquanto trabalhador/profissional (n.º respostas válidas 225).

Avaliação do desempenho	Excelente	Muito bom	Bom	Suficiente	Mau	Muito Mau
% respostas	12,4	53,8	29,8	3,1	0,9	0,0

Tabela D.35 Distribuição dos jovens pela opinião sobre o que é necessário fazer para melhorar o desempenho enquanto trabalhador/profissional (n.º respostas válidas 225).

Opinião	% respostas	Outras opiniões	N.º de respostas
Aumento de salário	60,4		
Aumentar a motivação pessoal para as tarefas que desempenha	36,9		
Chefias com melhor preparação	28,4		
Melhorar a preparação/formação de base	26,7		
Chefias com maior motivação	25,8		
Instalações de melhor qualidade	24,4		
Não há nada a fazer	9,3		
Outra	1,3	Bolseiro de doutoramento	1
		Estágio IEFP	1
		Pensão de invalidez	1

Tabela D.36 Distribuição dos jovens pelo sentimento de discriminação em contexto profissional.

Aspeto	% respostas			N.º de respostas válidas
	Sim, de forma positiva	Sim, de forma negativa	Não, nunca	
Amigos/ pessoas "com quem se dá"	15,8	15,3	68,9	209
Características físicas	10,9	12,8	76,3	211
Condição económica	2,9	9,6	87,5	208
Cor da pele	1,9	1,0	97,6	209
Escolaridade	13,4	11,5	75,1	209
Etnia	1,9	1,0	97,1	210
Forma de falar	11,8	7,6	80,6	211
Forma de vestir	7,6	9,5	82,9	210
Língua	5,3	2,9	91,9	209
Nacionalidade	2,4	1,4	96,2	210
Orientação sexual	1,4	2,4	96,2	209
Origem familiar	4,3	3,4	92,3	207
Personalidade	20,9	13,3	65,9	211
Religião	2,9	1,0	96,1	207
Sexo	3,4	9,6	87,0	208
Outra característica	-	2,5	97,5	119
Idade				1
Antecipar no trabalho				1

Tabela D.37 Distribuição dos jovens pelo abandono escolar (n.º respostas válidas 738).

Em algum momento abandonou os estudos antes de terminar a formação que pretendia obter	Não	Sim
% respostas	86,4	13,6

Tabela D.38 Distribuição dos jovens pelas razões para o abandono escolar e suas razões (n.º respostas 100).

Razões		% respostas	
Não gostava da escola/instituição de ensino		29,0	
Queria começar a trabalhar		29,0	
Tinha de começar a trabalhar para ajudar nas despesas		29,0	
Os pais/família não tinham possibilidades económicas de o manter a estudar		27,0	
A sua vida pessoal na altura não o permitia		23,0	
Não gostava do ambiente com os colegas		18,0	
Baixo/fraco desempenho ao nível do aproveitamento escolar		15,0	
Não gostava dos professores/de alguns professores		14,0	
Incompatibilidade horária entre os estudos e a atividade profissional		13,0	
A sua vida profissional na altura não o permitia		10,0	
Sentia-se discriminado		6,0	
Não gostava de estudar		4,0	
Obstáculos levantados pela entidade patronal		4,0	
Outros motivos		18,0	
Outros motivos	N.º respostas	Outros motivos	N.º respostas
Área de estudo errada	5	Gravidez de risco	1
Não conclusão do ensino secundário	2	Instabilidade emocional	1
Bullying	1	Motivos pessoais	1
Decidi fazer voluntariado	1	Mudança de curso	1
Doença	1	Nascimento de filhos	1
Ensino demasiado fechado e desorganizado	1	Valor das propinas	1
Falta de coerência no ensino	1		

Tabela D.39 Distribuição dos jovens pelo principal sentimento com que deixou os estudos (n.º respostas válidas 100).

Sentimento	Tristeza	Desilusão	Frustração	Alívio	Alegria
% respostas	40,0	37,0	34,0	26,0	6,0

Tabela D.40 Distribuição dos jovens sobre com quem falou e qual o objetivo na altura em que abandonou os estudos (n.º respostas válidas 100).

Com quem falou	% respostas			
	Não falou	Apenas deu conhecimento	Pediu conselho	Pediu ajuda especializada
Pais/educadores	9,0	38,0	31,0	16,0
Namorado (a)/cônjuge/parceiro(a)	19,0	17,0	22,0	2,0
Amigos/colegas de curso/colegas de trabalho	25,0	38,0	17,0	4,0
Professores	46,0	22,0	8,0	5,0
Médico/psicólogo	55,0	3,0	7,0	10,0
Instituição escolar (escola, universidade)	55,0	0,0	1,0	4,0
Outro	25,0	1,0	1,0	1,0

Tabela D.41 Distribuição dos jovens pelos fatores fundamentais na sua decisão de finalizar/prosseguir os estudos (n.º respostas válidas 100).

Fatores		% respostas	
Encontrar motivação individual		48,5	
Situação económica favorável		48,5	
Possibilidade de conciliar trabalho e estudos		44,4	
Possibilidade de conciliar vida pessoal/familiar e estudos		31,3	
Situação profissional favorável		25,3	
Estudar em horário pós-laboral		16,2	
Outros		7,1	
Outros fatores	N.º de respostas	Outros fatores	N.º de respostas
Ensino de melhor qualidade	2	Mudança nas disciplinas e sua duração	1
Acabar a disciplina em falta	1	Propinas mais baixas e apoio social	1
Falta de oferta formativa	1	Qualidade das instituições académicas	1
Já estou a prosseguir e com elevada motivação	1		

D.3. Práticas socioculturais

Tabela D.42 Distribuição dos jovens pelo que mais gosta de fazer nos tempos livres.

Aspeto	% respostas			N.º respostas válidas
	Muito	Pouco	Nada	
Estar com os amigos	90,5	8,7	0,7	1352
Estar com a família	84,2	15,0	0,8	1345
Namorar	75,6	11,7	12,7	1235
Estar sozinho(a)	49,0	39,8	11,1	1328
Ler	33,9	40,5	25,6	1328
Ouvir música	84,5	14,4	1,1	1361
Ver televisão	51,1	40,1	8,9	1343
Ver séries no computador	60,8	28,8	10,4	1346
Fazer compras	45,7	39,0	15,3	1331
Passear	79,2	17,8	3,0	1351
Fazer programas culturais com a família/amigos	54,3	32,8	12,9	1325
Frequentar redes/espços sociais	61,7	32,4	5,9	1320
Navegar na internet	71,9	26,6	1,5	1338
Praticar atividade desportiva	51,2	36,9	11,9	1329
Jogar consola	22,8	29,3	48,0	1305
Jogar no computador ou no tablet	33,7	32,5	33,8	1311
Jogar no telemóvel	33,9	41,0	25,1	1314
Jogar jogos de tabuleiro	17,3	43,8	38,9	1297
Jogar às cartas	34,7	41,5	23,8	1301



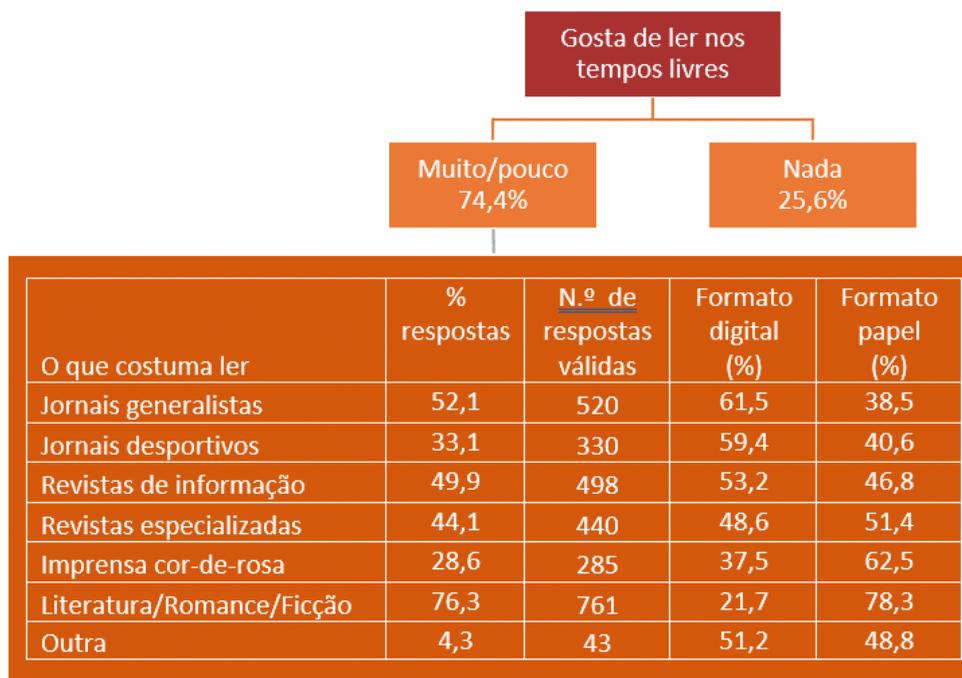
Esquema D.1 Distribuição dos jovens pelo gosto da prática de atividade desportiva nos tempos livres (n.º respostas válidas 1328) e pela atividade desportiva que pratica com mais regularidade (n.º respostas válidas 1171).

Tabela D.43 Distribuição dos jovens que indicaram outras atividades desportivas que praticam com mais regularidade nos tempos livres.

Outra atividade desportiva	N.º de respostas	Outra atividade desportiva	N.º de respostas	Outra atividade desportiva	N.º de respostas
Aikido	1	Escuteiros	1	Padel	6
Andebol	12	Fisioterapia	1	Passear o cão	1
Árbitro de basquetebol	1	Fitness	2	Patinagem	3
Artes marciais	7	Futebol americano	4	Patinagem artística	5
Atletismo	18	Futebol em família	1	Pesca	3
Badminton	7	Futsal	16	Pólo aquático	6
Ballet	5	Ginásio	42	Remo indoor	1
Basebol	1	Ginástica	1	Rugby	7
Basketball	39	Ginástica acrobática	2	Sevilhanas	2

Tabela D.43 (cont.)

Outra atividade desportiva	N.º de respostas	Outra atividade desportiva	N.º de respostas	Outra atividade desportiva	N.º de respostas
Bicicleta	1	Ginástica artística	1	Skate	5
Boccia	1	Hidroginástica	2	Street workout	1
Bush craft	1	Hip hop	1	Taebo	1
Calisténia	2	Hípismo	2	Taekwondo	3
Canoagem	1	Hóquei em patins	1	Teatro	1
Cardio kickboxing	1	Jiu Jitsu	1	Ténis	7
Corrida	31	Kickboxing	15	Ténis de mesa	2
Couch surfing	1	Krav maga	1	Triatlo	4
Crossfit	2	Kung fu	1	Vela	1
Dança	25	Mergulho	1	Voleibol	32
Dança contemporânea	2	Motocross	1	Xadrez	1
Dança de salão	1	Muay thay	1	Yoga	4
Equitação	14	Musculação	7	Zumba	2
Enduro	1	Natação sincronizada	2		



Esquema D.2 Distribuição dos jovens pelo gosto pela leitura nos tempos livres (n.º respostas válidas 1328) e tipo e forma de leitura (n.º respostas válidas 998).

Tabela D.44 Outro tipo de leitura.

Tipo de leitura	N.º de respostas	Tipo de leitura	N.º de respostas
Anime e banda desenhada	6	Foruns online	1
Artigos	1	Legendas	1
Artigos científicos	1	Livros de arquitetura	1
Artigos e documentos universitários	1	Livros de aventura	1
Artigos e livros relacionados com o curso	1	Livros formato papel	1
Artigos online	1	Livros técnicos	1
Bíblia e leitura associada	1	Manga	2
Blogues	1	Manga e webtoon	1
Tipo de leitura	N.º de respostas	Tipo de leitura	N.º de respostas
Coisas interessantes	1	Poesia	1
Diários	1	Poesia e apontamentos	1
Enciclopédias	1	Poesia prosa	1
Fanfic Manga	1	Revistas científicas	1
FanFics	1	Saúde	1

Tabela D.45 Distribuição dos jovens pela avaliação do aproveitamento dos seus tempos livres (n.º respostas válidas 1392).

Avaliação do aproveitamento	Excelente	Muito bom	Bom	Suficiente	Mau	Muito Mau
% respostas	12,6	28,2	39,9	15,4	2,9	0,9

Tabela D.46 Distribuição dos jovens pela opinião sobre o que é necessário fazer para melhorar o desempenho que faz dos seus tempos livres (n.º respostas válidas 1412).

Opinião		% respostas	
Mais tempo livre		55,6	
Mais rendimento disponível		47,2	
Maior oferta		33,7	
Mais diversidade na oferta		32,9	
Melhores acessibilidades		22,2	
Maior divulgação		21,2	
Melhores infraestruturas		18,0	
Não há nada a fazer		9,1	
Outra		1,3	
Outras atividades	N.º de respostas	Outras atividades	N.º de respostas
Maior motivação	2	Mais pessoas com quem estar	1
Melhor gestão do tempo livre	2	Melhor aproveitamento dos espaços	1
Atividades grátis	1	Melhor planificação	1
Dificuldade de mobilidade devido à obesidade	1	Melhores preços	1
Disponibilidade económica	1	Não despender 2h diárias no trajeto casa-trabalho-casa	1
Energia	1	Permitirem bicicletas no complexo desportivo de Évora	1
Esforço próprio	1	Ter vontade de fazer alguma coisa	1
Mais motivação para estudar	1	Trilhos BTT	1

Tabela D.47 Distribuição dos jovens pela utilização de redes/espços virtuais e quais (n.º respostas válidas 1411 relativo à resposta sobre a utilização de redes/espços virtuais e 1298 relativamente a quais usam).

Opinião	% respostas	Quais espaços/redes	% respostas	Quais espaços/redes	% respostas
Não	8,0				
Sim	92,0	Facebook	89,8	Skype	28,5
		Youtube	87,6	Tumblr	13,2
		Instagram	86,8	Linkedin	6,5
		Messenger	83,1	Viber	3,1
		Whatsapp	63,3	Baidu	1,1
		Twitter	36,5	Outros	6,0
		Snapchat	33,0		
Outras redes/espços	N.º de respostas	Outras redes/espços	N.º de respostas	Outras redes/espços	N.º de respostas
Discord	20	Beeg	1	Omegle	1
Pinterest	17	DeviantArt	1	Os meus resultados	1
Steam	10	Diurd	1	Polyvore	1
Teamspeak	9	Facetime	1	Pornbolo	1
Twitch	4	Flickr	1	Quotev	1
Tinder	3	Gmail	1	Spotify	1
Line	2	Goodreads	1	Vapp	1
musical.ly	2	Google	1	We Heart It	1
Reddit	2	Hi5	1	Weibo	1
Sarahah	2	KakaoTalk	1	X9gag	1
Wattpad	2	Letterbox	1		
Amino	1	Odnoklassniki	1		

Tabela D.48 Distribuição dos jovens pelo tempo que passam por dia, em média, nas redes/espacos virtuais (n.º respostas válidas 1295).

Tempo diário nas redes/ espacos virtuais	Menos de 30 minutos	Entre 30 a 60 minutos	Entre 1 a 2 horas	Entre 2 a 4 horas	Mais de 4 horas
% respostas	5,9	18,9	27,4	23,7	24,0

Tabela D.49 Distribuição dos jovens pelo que fazem nas redes/espacos virtuais, excluindo trabalho/estudo (n.º respostas válidas 1412).

Atividade	% respostas
Passa o tempo	70,4
Joga	39,8
Busca informação dirigida	35,4
Faz/encontra amigos	32,2
Convive com pessoas diferentes	23,9
Procura emprego	12,3
Procura parceiro(a)	3,1
Outra	5,5

Tabela D.50 Outras atividades que os jovens fazem nas redes/espacos virtuais, excluindo trabalho/estudo.

Outras atividades	N.º respostas	Outras atividades	N.º respostas
Comunicar com amigos	27	Fazer <i>stream</i>	1
Contactar a família	5	Fazer trabalhos de grupo com colegas de fora	1
Comunicar com família distante	3	Fazer videochamada com a namorada	1
Ler	3	Ler artigos	1
Ouvir música	3	Ler blogues	1
Ver filmes e séries	3	Marcar planos com amigos	1

Tabela D.50 (cont.)

Outras atividades	N.º respostas	Outras atividades	N.º respostas
Negociar no OLX	2	Ouvir música no <i>youtube</i>	1
Pesquisar para estudar ou fazer pequenos trabalhos	2	Postar fotos	1
<i>Youtube</i>	2	Principal meio de comunicação	1
Acompanhar artistas que gosto	1	Procurar ideias para fotografias	1
Aumentar conhecimento cultural	1	Procurar inspiração para projetos <i>Pinterest</i>	1
<i>Boleplay</i>	1	Produzir Música	1
Canto	1	Publicar trabalhos e projetos próprios	1
Chat com amigos	1	Redes sociais	1
Compras <i>online</i>	1	Trabalhar	1
Desenvolver projetos pessoais e profissionais	1	Ver anime e ler manga	1
Divulgar o blogue	1	Ver memes	1
Divulgar o trabalho	1	Ver notícias	1
Escrever	1	Ver vídeos	1
Escrever em <i>blogs</i>	1	Ver vídeos informativos sobre culinária e sobre animais	1
Estabelecer relação com pessoas distantes	1	Ver vídeos motivacionais	1
Estudar	1	Ver vídeos no <i>Instagram</i>	1
Falar com a turma	1		

Tabela D.51 Distribuição dos jovens pelo tempo que admitem ser capaz se estar sem utilizar telemóvel ou computador, exceto para fins de trabalho/estudo (n.º respostas válidas 1376).

Tempo que admite ser capaz	Menos de 30 minutos	Entre 30 a 60 minutos	Entre 1 a 2 horas	Entre 2 a 4 horas	Mais de 4 horas
% respostas	11,2	11,6	15,5	15,3	46,4

Tabela D.52 Distribuição dos jovens pela periodicidade média com que frequentam certos espaços.

Espaço	% respostas					N.º respostas válidas
	1 ou mais vezes por mês	De 3 em 3 meses	2 vezes ao ano	1 vez ao ano	Nunca	
Cinema	20,6	25,9	24,6	19,2	9,7	1366
Teatro	2,6	6,3	8,2	33,1	49,7	1340
Exposições	4,6	11,1	18,2	30,9	35,2	1319
Museus e oficinas culturais	4,0	11,1	19,0	33,5	32,4	1329
Concertos	12,5	22,3	29,7	21,8	13,7	1355
Sociedades culturais	8,3	7,7	10,8	20,0	53,2	1276
Bibliotecas	25,9	17,5	10,1	17,3	29,3	1342

D.4. Práticas de intervenção cívica

Tabela D.53 Distribuição dos jovens pelo tipo de associação/organização/clube a que pertencem (n.º respostas válidas 1398).

Pertence a alguma associação/ organização/clube	% respostas	Tipo de associação/organização/ clube	% respostas
Não	64,7		
Sim	35,3	Clube/grupo desportivo	18,3
		Associação juvenil ou equiparada	7,3
		Associação/núcleo de estudantes	6,3
		Organizações e grupos religiosos	4,1
		Juventude partidária	2,4
		Associação cívica	2,1
		Outra	4,0
Outro tipo de associação/ organização/clube	N.º respostas	Outro tipo de associação/ organização/clube	N.º respostas
Escuteiros	13	Coro	1
Banda	5	Círculo Eborense	1
APCE	3	Deficiência	1
Associação cultural	2	Eborae	1
Cultura	2	Filarmonica	1
Harmonia	2	Fundação Eugénio de Almeida	1
Moto clube	2	Grupo de ajuda animal	1
Rancho Folclórico	2	Grupo de fotografia	1
Ani +	1	Grupo de teatro	1
ARP	1	LGBT	1
Associação de animais	1	Núcleo de Artes Visuais	1
Associação de Artistas Plásticos	1	Núcleo Sportinguista de Grândola	1
Associação de Diabéticos do Alentejo	1	Recreativa	1
Associação de Saúde e Bem-estar	1	Sociedade recreativa	1

Tabela D.53 (cont.)

Outro tipo de associação/ organização/clube	N.º respostas	Outro tipo de associação/ organização/clube	N.º respostas
Associação tradicional de cantores	1	Sociedade harmonia eborense	1
Associação de moradores do bairro	1	Teatro	1
Comissão de festas	1	Tuna académica	1

Tabela D.54 Formas de participação nas associações/organizações/clubes a que os jovens pertencem (n.º respostas válidas 492).

Formas de participação	% respostas	Outra forma de participação	N.º de respostas
Participa só nas atividades	49,8		
Sócio	42,1		
Membro dos corpos sociais	38,4		
Organiza atividades	26,8		
Outra	1,2	Catequista	1
		Desporto	1
		Divulgação de organização	1
		Membro	2

Tabela D.55 Distribuição dos jovens pelo interesse que têm pela política (n.º respostas válidas 1312).

Interesse pela política	Nenhum	Pouco	Algum	Muito
% respostas	22,3	36,7	30,9	10,1

Tabela D.56 Grau de confiança demonstrado pelos jovens em cada uma das instituições.

Instituição	% respostas											N.º de respostas válidas
	(Nenhuma confiança)						(toda confiança)					
	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
Assembleia da República	16,0	5,5	7,6	9,6	11,6	23,4	9,5	8,2	5,9	1,3	1,3	1230
Sistema Jurídico	15,6	5,6	7,9	11,8	14,7	20,4	9,5	7,9	4,1	1,1	1,3	1233
Polícia	10,3	3,2	4,5	7,0	10,7	17,5	9,9	13,4	13,0	6,2	4,4	1254
Políticos	25,5	11,3	11,4	15,3	13,6	13,5	4,9	2,4	1,2	0,4	0,3	1226
Partidos Políticos	23,5	9,8	11,2	16,3	13,0	15,4	4,7	3,6	1,7	0,5	0,5	1235
Parlamento Europeu	14,4	5,5	4,7	8,6	9,4	18,0	11,2	13,3	9,0	4,2	1,7	1228
Nações Unidas	11,5	3,6	3,8	5,9	7,8	15,2	9,6	14,8	13,7	8,7	5,4	1234



Esquema D.3 Comportamento dos jovens nos atos eleitorais e respetiva justificação (n.º respostas válidas 655).

Tabela D.57 Posicionamento político dos jovens numa escala esquerda/direita (n.º respostas válidas 413).

Posicionamento político	(Esquerda)										(Direita)	
	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
% de respostas	9,0	3,1	6,1	17,2	14,3	25,2	8,5	6,8	3,1	1,2	5,6	

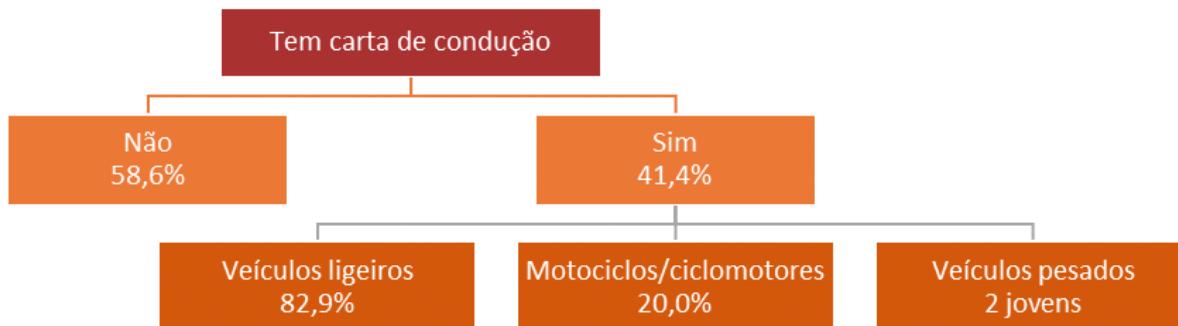
Tabela D.58 Comportamentos adotados pelos jovens durante os últimos 12 meses.

Comportamentos	% respostas	N.º de respostas válidas
Fez voluntariado	41,7	1306
Assinou uma petição	33,7	1298
Usou um emblema autocolante de campanha/movimento	20,0	1288
Trabalhou numa organização ou associação de outro tipo	19,2	1287
Contactou um político, um representante do governo central ou um representante do poder local	13,7	1298
Participou numa manifestação	10,1	1291
Trabalhou para um partido político ou movimento cívico	7,4	1292
Boicotou determinados produtos	6,0	1271

D.5. Comportamentos de risco

Tabela D.59 Comportamentos que os jovens assumem já ter praticado e que consideram de risco.

Comportamentos	% de respostas				N.º de respostas válidas
	Nunca	1 vez	2-4 vezes	5 ou + vezes	
Efetuar <i>download</i> de material protegido por direitos de autor (músicas, filmes, séries, etc.)	25,4	7,5	14,7	52,4	1302
Consumo de álcool em excesso	49,4	9,9	15,6	25,1	1322
Partilhar objetos pessoais (lâmina de barbear, pinça, corta-unhas, etc.)	68,1	9,1	10,8	12,1	1310
Frequentar locais referenciados como inseguros	69,4	10,9	12,6	7,1	1297
Conduzir em excesso de velocidade	71,5	5,0	10,1	13,4	1302
Conduzir a enviar SMS ou falar ao telemóvel	73,9	6,4	10,3	9,4	1312
Consumo de drogas ilícitas	74,9	6,7	6,2	12,1	1313
Praticar relações sexuais desprotegidas de doenças sexualmente transmissíveis	76,8	6,0	5,0	12,2	1309
Dieta drástica para perda de peso	82,3	10,5	4,8	2,3	1320
Conduzir sem licença	82,3	6,8	5,2	5,7	1311
Praticar relações sexuais desprotegidas de gravidez indesejada	82,6	6,0	3,9	7,5	1313
Conduzir sob o efeito de álcool	85,7	7,5	4,0	2,9	1313
Toma em excesso de medicamentos sem receita médica	86,8	5,7	4,7	2,8	1316
Praticar relações sexuais com desconhecidos	87,6	5,9	3,4	3,1	1318
Envolvimento em desacatos com as autoridades	89,8	6,1	2,9	1,1	1323
Corridas ilegais de carros ou motos	93,4	3,0	1,3	2,3	1310
Conduzir sob o efeito de drogas ilegais	95,6	1,1	1,5	1,8	1305



Esquema D.4 Tipo de carta de condução detida pelos jovens (n.º respostas válidas 1312).

Tabela D.60 Idade a que o jovem tirou a primeira carta de condução, entre os jovens com carta (n.º respostas válidas 547).

	Mínimo	Primeiro quartil	Mediana	Média	Terceiro quartil	Máximo
Idade a que tirou a 1ª carta	14,0	18,0	18,0	18,4	19,0	28,0

Tabela D.61 Razão que os jovens consideram ser aquela a que se devem maioritariamente os acidentes que envolvem jovens condutores (n.º respostas válidas 1351).

Razão	% de respostas
Velocidade excessiva	41,8
Conduzir sob o efeito de álcool ou drogas	32,4
Não respeitar as regras de trânsito	12,4
Conduzir a enviar SMS ou falar ao telemóvel	10,7
Outra	2,7

Tabela D.61 (cont.)

Outra razão	N.º respostas	Outra razão	N.º respostas
Falta de experiência	9	Falta de prática e demasiada confiança	1
Excesso de confiança	3	Falta de responsabilidade	1
Falta de respeito da parte dos condutores experientes	2	Falta de senso comum	1
Imaturidade	2	Inexperiência e influência de amigos	1
Azares	1	Nabos	1
Coisas que acontecem (problemas com o carro)	1	Não incide nos jovens condutores mas sim naqueles que não sabem conduzir	1
Conduzir com pressa	1	Não são bem ensinados na prática de conduzir	1
Conduzir de forma irresponsável	1	Não sabem conduzir	1
Despistes	1	Os outros condutores desrespeitam os motociclistas	1
Excesso de confiança que levam a desrespeito do código da estrada	1	Outros condutores de automóveis	1
Falta de concentração	1	Paragens repentinas e acidente ocorre por ter de fazer o mesmo	1
Falta de noção dos possíveis perigos	1	Pessoas sem consciência	1

Tabela D.62 Opinião dos jovens relativamente aos motivos que levam um jovem a consumir álcool, tabaco ou outras drogas (n.º respostas válidas 1390).

Motivos	% de respostas
Por curiosidade/para experimentar sensações novas	64,8
Por influência dos amigos	63,3
Para se divertir/socializar	59,6
Para se sentir integrado	57,8
Para esquecer problemas	45,4
Por gostar	40,8
Para se autoafirmar	24,1
Por dependência	16,8
Outro	1,7

Tabela D.63 Frequência de consumo de substâncias pelos jovens.

Substâncias	% de respostas				N.º de respostas válidas
	Nunca	Experimentou 1 vez	De vez em quando	Todos os dias	
Bebidas alcoólicas	10,2	4,9	81,0	3,9	1350
Tabaco	42,3	16,3	19,1	22,4	1342
Bebidas energéticas	42,8	21,8	33,7	1,7	1334
Canabinoides e derivados	80,3	5,6	11,3	2,7	1331
Haxixe	84,5	5,0	7,9	2,6	1332
Drogas sintéticas	92,5	3,6	2,9	1,1	1331
<i>Ecstasy</i>	95,3	2,6	1,5	0,7	1332
Estimulantes	95,8	1,7	1,5	1,1	1326
Cocaína	96,2	2,0	1,1	0,8	1331
Outras	96,9	1,1	0,3	1,7	350
Heroína	98,3	0,7	0,4	0,7	1326

Tabela D.64 Percentagem de jovens que já consumiu álcool ou drogas de forma a ter ficado incapaz de ir às aulas/trabalho no dia seguinte (n.º de respostas válidas 1380).

% de respostas	Devido ao consumo de drogas			Total	
	Devido ao consumo de álcool	Sim	Não		Não respondeu
Sim		2,3	23,8	0,0	26,1
Não		0,4	73,4	0,1	73,9
Total		2,7	97,2	0,1	100,0

D.6. Satisfação com a vida e ideias de futuro

Tabela D.65 Distribuição dos jovens pelo grau de satisfação com a vida (n.º respostas válidas 1342).

	Extremamente insatisfeito(a)						Extremamente satisfeito(a)				
	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
% respostas	1,0	0,6	1,6	3,4	3,7	12,1	16,0	23,6	21,8	9,3	6,9

Tabela D.66 Distribuição dos jovens pelo grau de autonomia na tomada de decisões.

Decisão	Decide sozinho % respostas	N.º respostas válidas
Seleção de amigos	94,1	1312
Escolha de parceiro(a)	92,5	1291
Forma como se veste	85,8	1318
Tatuagens/ Piercings	84,8	1259
Manter/ deixar de estudar	79,2	644
Gerir o dinheiro que gasta	77,4	1320
Manter/ deixar um emprego	75,9	573
Comportamento que adota	70,4	1314
Viajar	61,7	629
Locais que frequenta	55,8	1310

Tabela D.67 Distribuição dos jovens pelas principais experiências por que deseja vir a passar nos próximos 10-15 anos.

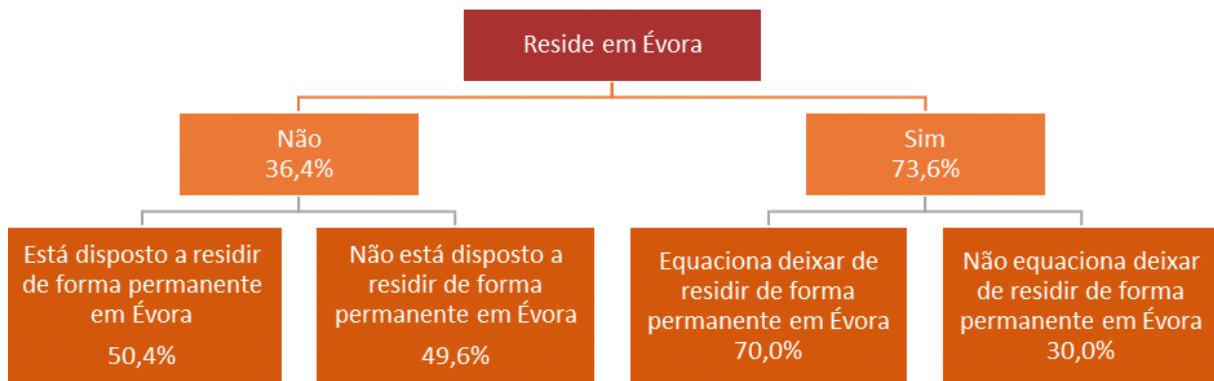
Deseja	% de respostas			N.º respostas válidas
	Muito	Pouco	Nada	
Ter saúde	99,2	0,8	0,0	1320
Ser feliz na vida	98,9	1,0	0,2	1316
Ter um trabalho estável	97,0	2,7	0,2	1317
Viver de forma independente	94,3	4,8	0,9	1301
Ter uma relação estável	93,1	6,1	0,8	1303
Comprar automóvel	86,5	10,4	3,1	1288
Ser reconhecido profissionalmente	83,4	14,9	1,8	1304
Comprar casa	81,6	13,8	4,6	1291
Conseguir um grau académico	78,1	16,3	5,6	1261
Ganhar muito dinheiro	72,1	22,6	5,3	1283
Casar	51,9	32,7	15,5	1280
Ter 1 filho	51,1	33,3	15,5	1185
Ter mais que 1 filho	51,0	30,1	18,9	1259

Tabela D.68 Distribuição dos jovens pelas principais experiências por que teme vir a passar nos próximos 10-15 anos.

Teme	% de respostas			N.º respostas válidas
	Muito	Pouco	Nada	
Morte de alguém que lhe é próximo	82,7	11,4	5,8	1302
Desemprego	77,4	15,4	7,2	1298
Ser infeliz na vida	75,0	15,7	9,3	1291
Falta de dinheiro para levar uma vida digna	72,1	19,8	8,1	1295
Doença	68,5	21,6	9,9	1299
Crise ambiental	63,9	27,2	8,9	1275
Guerra	59,5	26,5	14,0	1282
Fome	59,4	25,2	15,4	1280

Tabela D.68 (cont.)

Teme	% de respostas			N.º respostas válidas
	Muito	Pouco	Nada	
Morte	53,2	25,8	21,0	1278
Instabilidade política	43,6	41,0	15,4	1267
Não ser reconhecido profissionalmente	41,8	43,7	14,5	1279
Divórcio	26,2	38,3	35,6	1231



Esquema D.5 Distribuição dos jovens pela intenção de residir de forma permanente em Évora (n.º respostas válidas para os residentes 716 e para os não residentes 266).

E. Tabelas das características potenciadoras para um menor grau de satisfação com a vida

Tabela E.1 N.º de respostas válidas e mediana de grau de satisfação com a vida nas categorias das variáveis e valor p dos testes de Kruskal-Wallis ou Mann-Whitney-Wilcoxon ao teste da hipótese do grau de satisfação com a vida diferir significativamente entre as categorias das variáveis listadas (a laranja encontram-se as variáveis não comuns a todos os grupos).

Variável	Categorias	N.º de respostas válidas	Mediana	Valor p
Perfil sociodemográfico				
Idade	Entre 15 e 17 anos	444	7	0,009
	Entre 18 e 21 anos	540	7	
	Entre 22 e 25 anos	201	7	
	Entre 25 e 29 anos	118	7	
Freguesia de residência	Urbana	835	7	0,001
	Rural	146	7	
Quando começou a residir no concelho de Évora	Sempre residiu no concelho de Évora	617	7	0,042
	Há menos de 1 ano	77	6	
	Entre 1 e 3 anos	102	7	
	Entre 3 e 5 anos	47	7	
	Entre 5 e 10 anos	37	7	
	Há mais de 10 anos	93	7	
Habilitações literárias	9º ano ou inferior	42	5	0,001
	Secundário, ensino médio ou Bacharelato	321	7	
	Superior	318	7	

Tabela E.1 (cont.)

Variável	Categorias	N.º de respostas válidas	Mediana	Valor p
Composição do agregado familiar para além do(a) próprio(a)	Pai/padrasto e mãe/madrasta e irmãos	582	7	0,005
	Um dos pais ou pai/padrasto e mãe/madrasta	340	7	
	Um dos pais e irmãos	139	7	
	Outra	64	7	
Habitação	Casa dos pais	930	7	0,001
	Casa de outros familiares	48	6	
	Casa própria	27	7	
	Casa arrendada	157	7	
	Quarto arrendado	100	7	
	Residência de estudante	66	7	
Habilitações literárias do pai	Nível secundário ou inferior	964	7	0,046
	Nível superior	344	7	
Quais as principais fontes de rendimento do agregado familiar				
Pensão	Sim	104	7	<0,001
	Não	1238	7	
Rendimento Social de inserção	Sim	24	6	0,022
	Não	1318	7	
Rendimentos próprios (rendas, empresas juros)	Sim	100	8	0,006
	Não	1242	7	
Atualmente sente que pertence a alguma religião	Sim	7	7	<0,001
	Não	7	7	
Participação escolar/inserção profissional				
Local onde trabalha	Distrito de Évora	24	7	0,004
	Fora do distrito de Évora	159	8	

Tabela E.1 (cont.)

Variável	Categorias	N.º de respostas válidas	Mediana	Valor p
Situação perante os estudos/trabalho	Estudante a tempo inteiro	435	7	0,008
	Estuda e trabalha ao mesmo tempo	76	7	
	Trabalha a tempo inteiro	114	7	
	Desempregado(a) ou à procura do 1.º emprego	47	6	
Como avalia o seu desempenho enquanto estudante	Suficiente ou inferior	271	6	<0,001
	Bom	628	7	
	Muito bom ou excelente	270	8	
Para melhorar o desempenho escolar seria necessário				
Aumentar a sua motivação pessoal	Sim	665	7	<0,001
	Não	507	7	
Situação perante o trabalho				
A trabalhar no sector público	Sim	28	7	0,031
	Não	218	7	
A trabalhar por conta própria	Sim	14	8	0,030
	Não	232	7	
Trabalha de vez em quando (faz pequenos serviços, etc.)	Sim	32	6	0,014
	Não	214	7	
Desempregado à procura de emprego	Sim	26	6	0,002
	Não	220	7	
Quanto tempo demorou à procura do primeiro emprego ou há quanto tempo está nessa situação	Menos de 1 mês	80	7	0,458
	Entre 1 e 3 meses	83	7	
	Entre 3 e 6 meses	37	7	
	Entre 6 e 12 meses	22	7	
	Mais de 1 ano	24	6	

Tabela E.1 (cont.)

Variável	Categorias	N.º de respostas válidas	Mediana	Valor p
Situação perante os estudos	Estuda no secundário/escola profissional	730	7	0,011
	Estuda no ensino superior público/privado	430	7	
Na sua opinião, a que se deve esta situação (tempo que demorou à procura do primeiro emprego ou que está na situação atual)				
Bons relacionamentos	Sim	52	7	0,068
	Não	194	7	
Excesso de qualificações académicas	Sim	26	6	0,016
	Não	220	7	
Falta de empregos na região	Sim	120	7	0,005
	Não	126	7	
Falta de experiência profissional	Sim	102	7	0,001
	Não	144	7	
Falta de preparação pessoal	Sim	13	5	0,010
	Não	233	7	
Rendimento mensal líquido	Até 557 Euros (1 salário mínimo nacional)	88	7	0,005
	Superior a 557 Euros	96	7	
Como avalia o seu desempenho enquanto trabalhador/profissional	Bom ou inferior	135	7	0,035
	Muito bom ou excelente	64	7	
Em contexto profissional, alguma vez sentiu que foi tratado de forma diferente devido a um destes aspetos				
Características físicas	Sim, de forma positiva	21	7	0,025
	Sim, de forma negativa	24	6	
	Não, nunca	147	7	

Tabela E.1 (cont.)

Variável	Categorias	N.º de respostas válidas	Mediana	Valor p
Escolaridade	Sim, de forma positiva	22	7	0,033
	Sim, de forma negativa	21	6	
	Não, nunca	146	7	
Forma de vestir	Sim, de forma positiva	14	8	0,016
	Sim, de forma negativa	20	6	
	Não, nunca	158	7	
Razões por que em algum momento abandonou os estudos antes da conclusão da formação que pretendia obter				
Não gostava do ambiente com os colegas	Sim	17	5	0,044
	Não	76	7	
Baixo/fraco desempenho ao nível do aproveitamento escolar	Sim	13	5	0,018
	Não	80	6,5	
A sua vida profissional na altura não o permitira	Sim	10	7,5	0,019
	Não	83	6	
Incompatibilidade horária entre os estudos e a atividade profissional	Sim	13	7	0,050
	Não	80	6	
Na altura em que abandonou os estudos com quem falou e com que objetivo				
Amigos/colegas de curso/ colegas de trabalho	Não falou	23	5	0,040
	Apenas deu conhecimento	36	6,5	
	Pediu conselho	17	6	
Práticas socioculturais				
O que mais gosta de fazer nos tempos livres?				
Estar com amigos	Muito	1165	7	<0,001
	Pouco	116	6	
	Nada	10	5,5	

Tabela E.1 (cont.)

Variável	Categorias	N.º de respostas válidas	Mediana	Valor p
Estar com a família	Muito	434	7	<0,001
	Pouco	512	7	
	Nada	297	7	
Namorar	Muito	893	7	0,007
	Pouco	138	7	
	Nada	150	7	
Estar sozinho(a)	Muito	618	7	<0,001
	Pouco	507	7	
	Nada	144	7,5	
O que mais gosta de fazer nos tempos livres?				
Ouvir música	Muito	1096	7	0,013
	Pouco	186	7	
	Nada	15	6	
Fazer compras	Muito	655	7	<0,001
	Pouco	463	7	
	Nada	152	7	
Se gosta de praticar atividade desportiva nos tempos livres, que tipo de atividade desportiva pratica com mais regularidade				
Caminhada	Sim	368	7	0,014
	Não	750	7	
BTT/ciclismo	Sim	101	7	0,015
	Não	1017	7	
O que seria necessário para melhorar o aproveitamento que faz dos seus tempos livres?				
Mais rendimento disponível para gastar	Sim	633	7	<0,001
	Não	709	7	
Melhores acessibilidades	Sim	304	7	0,001
	Não	1038	7	

Tabela E.1 (cont.)

Variável	Categorias	N.º de respostas válidas	Mediana	Valor p
Se utiliza/frequenta redes/espços virtuais, quais?				
<i>Instagram</i>	Sim	1084	7	0,021
	Não	158	7	
<i>Messenger</i>	Sim	1040	7	<0,001
	Não	202	7	
Se utiliza/frequenta redes/espços virtuais, excluindo atividades de trabalho/estudo, o que faz nas redes/espços virtuais?				
Procura emprego	Sim	163	7	0,012
	Não	1079	7	
Qual a periodicidade média com que vai a:				
Concertos	1 ou mais vezes por mês	163	7	<0,001
	De 3 em 3 meses	292	7	
	2 vezes ao ano	380	7	
	1 vez ao ano	282	7	
	Nunca	177	7	
Práticas de intervenção cívica				
Pertence a alguma associação/organização/clube?	Sim	470	7	<0,001
	Não	862	7	
De um modo geral, qual o seu interesse pela política?	Muito interesse	122	7	0,004
	Algum interesse	391	7	
	Pouco interesse	464	7	
	Nenhum interesse	278	6	

Tabela E.1 (cont.)

Variável	Categorias	N.º de respostas válidas	Mediana	Valor p
Costuma votar nas eleições	Sim, voto porque é um dever cívico	315	7	0,005
	Sim, voto porque quero ter uma palavra a dizer	202	7	
	Não, porque ainda não tenho idade	17	7	
	Não, porque não acredito nos políticos	37	6	
	Não, porque acho que não vale a pena	37	6	
Durante os últimos 12 meses, adotou algum dos seguintes comportamentos:				
Trabalhou numa organização ou associação de outro tipo	Sim	233	7	<0,001
	Não	996	7	
Comportamentos de risco				
Já alguma vez assumiu os seguintes comportamentos, que considere de risco?				
Consumo de drogas ilícitas	Nunca ou 1 vez	1034	7	0,030
	Pelo menos 2 vezes	236	7	
Toma em excesso de medica-mentos sem receita médica	Nunca ou 1 vez	1181	7	0,002
	Pelo menos 2 vezes	93	7	
Na sua opinião, o que leva um jovem a consumir álcool, tabaco ou outras drogas?				
Por dependência	Sim	23	7	0,044
	Não	1119	7	
Para esquecer problemas	Sim	609	7	<0,001
	Não	733	7	

Tabela E.1 (cont.)

Variável	Categorias	N.º de respostas válidas	Mediana	Valor p
Alguma vez consumiu álcool de forma a ter ficado incapaz de ir às aulas/trabalho no dia seguinte?	Sim	351	7	0,042
	Não	977	7	
Satisfação com a vida e ideias de futuro				
Principais experiências por que deseja vir a passar nos próximos 10-15 anos:				
Casar	Muito	655	7	<0,001
	Pouco ou Nada	604	7	
Ser feliz na vida	Muito	1280	7	0,022
	Pouco ou Nada	14	5	
Ter saúde	Muito	1287	7	0,001
	Pouco ou Nada	11	4	
Ter uma relação estável	Muito	1193	7	0,017
	Pouco ou Nada	89	7	
Ter 1 filho	Muito	597	7	0,005
	Pouco ou Nada	570	7	
Ter mais do que 1 filhos	Muito	632	7	<0,001
	Pouco ou Nada	607	7	
Principais experiências por que deseja vir a passar nos próximos 10-15 anos				
Conseguir um grau académico	Muito	1098	7	0,004
	Pouco ou Nada	169	7	
Principais experiências por que teme vir a passar nos próximos 10-15 anos				
Desemprego	Muito	991	7	0,002
	Pouco ou Nada	284	7	
Falta de dinheiro para levar uma vida digna	Muito	919	7	0,010
	Pouco ou Nada	353	7	

Tabela E.2 Correlação de Spearman (r_s), e respetivo valor p , entre o grau de satisfação com a vida e algumas variáveis.

Variável	N.º de respostas válidas	r_s	valor p
Com que idade começou a trabalhar ou iniciou a procura de emprego pela primeira vez?	245	0,194	0,002
Quantos empregos já teve	91	-0,126	0,055
Em política como se posicionaria numa escala de esquerda/direita	389	0,219	<0,001

F. Tabelas para questões relacionadas com residir, permanecer ou sair do concelho de Évora

F.1. Está disposto a residir permanentemente no concelho de Évora

Tabela F.1 Razão de chances (OR), respetivos intervalos de confiança por perfil de verosimilhança a 95% e valor p (Wald) dos coeficientes, para as covariáveis significativas nos modelos de regressão logística univariados para um jovem estar disposto a residir de forma permanente no concelho de Évora (a laranja encontram-se as variáveis que não foram respondidas por todos os jovens, uma vez que umas eram apenas dirigidas a jovens estudantes e outras a jovens trabalhadores).

Covariável	Categorias	OR	IC _{95%}	Valor p
Perfil sociodemográfico				
Idade		1,12	(1,02; 1,24)	0,016
Participação escolar/inserção profissional				
Para melhorar o desempenho escolar seria necessário				
Instalações de melhor qualidade	Sim (referência)			
	Não	1,98	(1,18; 3,37)	0,010

Tabela F.1 (cont.)

Covariável	Categorias	OR	IC _{95%}	Valor p
Práticas socioculturais				
O que mais gosta de fazer nos tempos livres?				
Estar com amigos	Pouco ou nada (referência)			
	Muito	2,43	(1,05; 6,12)	0,046
Estar com a família	Pouco ou nada (referência)			
	Muito	2,30	(1,12; 4,95)	0,027
Ler	Pouco ou nada (referência)			
	Muito	1,84	(1,04; 3,27)	0,036
Se gosta de praticar atividade desportiva nos tempos livres, que tipo de atividade desportiva pratica com mais regularidade				
Fitness/aeróbica	Não (referência)			
	Sim	2,71	(1,26; 5,81)	0,011
Qual a periodicidade média com que vai a:				
Bibliotecas	Nunca (referência)			
	1 ou 2 vezes ao ano	1,50	(0,80; 2,83)	0,208
	Mais frequentemente	2,60	(1,45; 4,74)	0,002
Práticas de intervenção cívica				
Se pertence a uma associação/organização/clube, pertence a:				
Associação/núcleo de estudantes	Não (referência)			
	Sim	3,69	(1,32; 10,32)	0,013
Clube/grupo desportivo	Sim (referência)			
	Não	1,81	(1,00; 3,27)	0,050
Se pertence a uma associação/organização/clube, de que forma participa:				
Membro dos corpos sociais	Não (referência)			
	Sim	2,81	(1,23; 6,45)	0,014

Tabela F.1 (cont.)

Covariável	Categorias	OR	IC _{95%}	Valor p
Durante os últimos 12 meses, adotou algum dos seguintes comportamentos:				
Assinou uma petição	Não (referência)			
	Sim	2,17	(1,24; 3,86)	0,007
Satisfação com a vida e ideias de futuro				
Grau de autonomia na tomada de decisão sobre				
Escolha de parceiro(a)	Tem em consideração a opinião dos outros (referência)			
	Decide sozinho	2,65	(1,09; 7,11)	0,039
Principais experiências por que deseja vir a passar nos próximos 10-15 anos				
Ganhar muito dinheiro	Pouco ou nada (referência)			
	Muito	0,54	(0,30; 0,95)	0,033

Tabela F.2 Coeficientes estimados ($\hat{\beta}$) do modelo de regressão logística para um jovem estar disposto a residir de forma permanente no concelho de Évora, respetivos desvios-padrão estimados ($\hat{\sigma}_{\hat{\beta}}$), valores p (Wald) associados, razão de chances (OR) e respetivos intervalos de confiança a 95%.

Covariável	Categorias	$\hat{\beta}$	$\hat{\sigma}_{\hat{\beta}}$	Valor p	OR	IC _{95%} (OR)
Idade	0,107	0,056	0,055	1,11	(1,00; 1,25)	
Gostar de estar com a família nos tempos livres	Pouco ou nada (referência)					
	Muito	0,778	0,432	0,071	2,18	(0,95; 5,23)
Desejar ganhar muito dinheiro nos próximos 10-15 anos	Pouco ou nada (referência)					
	Muito	0,855	0,343	0,013	2,35	(1,21; 4,69)

Tabela F.2 (cont.)

Covariável	Categorias	$\hat{\beta}$	$\hat{\sigma}_{\hat{\beta}}$	Valor p	OR	IC _{95%} (OR)
Gostar de jogar cartas nos tempos livres	Pouco ou nada (referência)					
	Muito	0,610	0,316	0,053	1,84	(1,00; 3,45)
Escolha de parceiro(a)	Tem em consideração a opinião dos outros (referência)					
	Decide sozinho	1,354	0,570	0,018	3,87	(1,04; 13,03)
Ida a bibliotecas	Nunca (referência)					
	Pelo menos uma vez por ano	0,863	0,309	0,005	2,37	(1,30; 4,38)
Constante		-4,874	1,254	<0,001		

F.2. Equaciona deixar de residir no concelho de Évora

Tabela F.3 Razão de chances (OR), respetivos intervalos de confiança por perfil de verosimilhança a 95% e valor p (Wald) dos coeficientes, para as covariáveis significativas nos modelos de regressão logística univariados para um jovem equacionar deixar de residir de forma permanente no concelho de Évora (a laranja encontram-se as variáveis que não foram respondidas por todos os jovens, uma vez que umas eram apenas dirigidas a jovens estudantes e outras a jovens trabalhadores).

Covariável	Categorias	OR	IC _{95%}	Valor p
Perfil sociodemográfico				
Sexo	Masculino (referência)			
	Feminino	1,67	(1,21; 2,32)	0,002
Freguesia de residência	Rural (referência)			
	Urbana	1,70	(1,11; 2,62)	0,015
Habilitações literárias do pai	Até Ensino Secundário (referência)			
	Ensino Superior	2,58	(1,64; 4,05)	<0,001
Habilitações literárias da mãe	Até Ensino Secundário (referência)			
	Ensino Superior	2,48	(1,69; 3,70)	<0,001

Tabela F.3 (cont.)

Covariável	Categorias	OR	IC _{95%}	Valor p
Quem contribui para o rendimento do agregado familiar				
O próprio	Sim (referência)			
	Não	2,29	(1,31; 3,99)	0,004
Irmãos	Sim (referência)			
	Não	2,84	(1,29; 6,36)	0,009
Atualmente sente que pertence a alguma religião	Sim (referência)			
	Não	1,40	(1,00; 1,96)	0,054
Participação escolar/inserção profissional				
Situação perante os estudos/trabalho	Trabalha a tempo inteiro (referência)			
	Estuda a tempo inteiro	2,78	(1,47; 5,27)	0,002
	Estuda e trabalha ao mesmo tempo	4,85	(1,64; 14,39)	0,004
	Bolseiro(a) de investigação científica	2,60	(0,25; 26,54)	0,420
	Desempregado(a) ou à procura do 1.º emprego	2,89	(1,01; 8,28)	0,048
Situação perante os estudos	Estuda no Ensino Secundário ou Profissional (referência)			
	Estuda no Ensino Superior Público ou Privado	3,86	(1,38; 10,78)	0,010
Para melhorar o desempenho escolar seria necessário				
Professores com melhor preparação	Não (referência)			
	Sim	2,03	(1,27; 3,25)	0,003
Professores com maior motivação	Sim (referência)			
	Não	2,47	(1,15; 5,30)	0,020
Para melhorar o desempenho enquanto trabalhador/profissional seria necessário				
Melhorar a preparação base	Sim (referência)			
	Não	2,47	(1,15; 5,30)	0,020

Tabela F.3 (cont.)

Covariável	Categorias	OR	IC _{95%}	Valor p
Em contexto escolar já sentiu que for tratado de forma diferente devido a				
Língua			Teste Fisher →	0,024
Em contexto profissional já sentiu que for tratado de forma diferente devido a				
Características físicas			Teste Fisher →	0,024
Práticas socioculturais				
O que mais gosta de fazer nos tempos livres?				
Estar com a família	Pouco ou nada (referência)			
	Muito	0,62	(0,38; 0,98)	0,045
Ouvir música	Pouco ou nada (referência)			
	Muito	1,97	(1,41; 2,74)	0,048
Ver séries no computador	Pouco ou nada (referência)			
	Muito	1,58	(1,00; 2,55)	<0,001
Jogar consola	Pouco ou nada (referência)			
	Muito	0,66	(0,46; 0,96)	0,031
Avaliação que faz dos tempos livres	Suficiente, mau ou muito mau (referência)			
	Bom	0,65	(0,38; 1,05)	0,084
	Muito bom ou excelente	0,49	(0,30; 0,80)	0,005
Se utiliza/frequenta redes/espços virtuais, excluindo atividades de trabalho/estudo, o que faz nas redes/espços virtuais				
Busca de informação dirigida	Não (referência)			
	Sim	1,97	(1,38; 2,83)	<0,001
Periodicidade média com que vai a				
Exposições	Nunca (referência)			
	1 ou 2 vezes ao ano	1,28	(0,90; 1,83)	0,172
	Mais frequentemente	1,82	(1,10; 3,08)	0,022

Tabela F.3 (cont.)

Covariável	Categorias	OR	IC _{95%}	Valor p
Museus e oficinas culturais	Nunca (referência)			
	1 ou 2 vezes ao ano	1,27	(0,88; 1,82)	0,196
	Mais frequentemente	1,76	(1,04; 3,04)	0,040
Bibliotecas	Nunca (referência)			
	1 ou 2 vezes ao ano	1,47	(0,96; 2,26)	0,081
	Mais frequentemente	1,59	(1,08; 2,33)	0,018
Práticas de intervenção cívica				
Se pertence a alguma associação/organização/clube, pertence a:				
Associação/núcleo de estudantes	Não (referência)			
	Sim	6,04	(1,40; 26,14)	0,016
Interesse pela política	Pouco ou nenhum (referência)			
	Algum ou muito	1,47	(1,05; 2,06)	0,026
Durante os últimos 12 meses, adotou algum dos seguintes comportamentos:				
Voluntariado	Não (referência)			
	Sim	1,46	(1,05; 2,05)	0,025
Uso de emblema autocolante	Não (referência)			
	Sim	1,72	(1,20; 2,49)	0,004
Boicote a determinados produtos	Não (referência)			
	Sim	4,13	(1,63; 13,95)	0,008
Comportamentos de risco				
Já alguma vez assumiu os comportamentos, que considere de risco:				
Dieta drástica para perda de peso	Nunca ou 1 vez (referência)			
	2 ou mais vezes	2,86	(1,46; 6,30)	0,004
Efetuar <i>downloads</i> de material protegido por direitos de autor	Nunca ou 1 vez (referência)			
	2 ou mais vezes	1,63	(1,16; 2,29)	0,005

Tabela F.3 (cont.)

Covariável	Categorias	OR	IC _{95%}	Valor p
Já alguma vez assumiu os comportamentos, que considere de risco:				
Partilha de objetos pessoais	Nunca ou 1 vez (referência)			
	2 ou mais vezes	1,61	(1,08; 2,45)	0,022
Toma em excesso de medicamentos sem receita médica	Nunca ou 1 vez (referência)			
	2 ou mais vezes	2,35	(1,14; 5,48)	0,031
Já consumiu álcool em excesso ficando incapaz de aulas/trabalho no dia seguinte	Não (referência)			
	Sim	2,00	(1,30; 3,16)	0,002
Satisfação com a vida e ideias de futuro				
Principais experiências por que deseja vir a passar nos próximos 10-15 anos				
Ser reconhecido profissionalmente	Pouco ou nada (referência)			
	Muito	1,59	(1,06; 2,36)	0,022
Ter uma relação estável	Pouco ou nada (referência)			
	Muito	0,36	(0,14; 0,76)	0,013
Conseguir um grau académico	Pouco ou nada (referência)			
	Muito	1,91	(1,30; 2,80)	0,001
Principais experiências por que teme vir a passar nos próximos 10-15 anos				
A morte	Pouco ou nada (referência)			
	Muito	0,72	(0,52; 1,00)	0,051
Não ser reconhecido profissionalmente	Pouco ou nada (referência)			
	Muito	1,62	(1,16; 2,30)	0,006

Tabela F.4 Coeficientes estimados ($\hat{\beta}$) do modelo de regressão logística multivariado para um jovem equacionar deixar de residir de forma permanente no concelho de Évora, respetivos desvios-padrão estimados ($\hat{\sigma}_{\hat{\beta}}$), valores p (Wald) associados, razão de chances (OR) e respetivos intervalos de confiança a 95%.

Covariável	Categorias	$\hat{\beta}$	$\hat{\sigma}_{\hat{\beta}}$	Valor p	OR	IC _{95%} (OR)
Sexo	Masculino (referência)					
	Feminino	0,570	0,202	0,005	1,77	(1,19; 2,63)
Freguesia de residência	Rural (referência)					
	Urbana	0,524	0,253	0,039	1,69	(1,02; 2,77)
Habilitações literárias da mãe	Até Ensino Secundário (referência)					
	Ensino Superior	1,058	0,228	<0,001	2,88	(1,86; 4,56)
Gostar de estar com a família nos tempos livres	Muito (referência)					
	Pouco ou nada	0,760	0,286	0,008	2,14	(1,24; 3,83)
Gostar de ver séries no computador nos tempos livres	Pouco ou nada (referência)					
	Muito	0,474	0,193	0,014	1,61	(1,10; 2,35)
Boicotou determinados produtos durante os últimos 12 meses	Não (referência)					
	Sim	1,418	0,561	0,012	4,13	(1,52; 14,51)
Já fez dieta drástica para perda de peso	Nunca ou 1 vez (referência)					
	2 ou mais vezes	0,794	0,414	0,056	2,21	(1,03; 5,32)
Tomou em excesso de medicamentos sem receita médica	Nunca ou 1 vez (referência)					
	2 ou mais vezes	1,075	0,516	0,037	2,93	(1,15; 9,05)
Já consumiu álcool em excesso ficando incapaz de aulas/trabalho no dia seguinte	Não (referência)					
	Sim	0,811	0,268	0,002	2,25	(1,35; 3,88)

Tabela F.4 (cont.)

Covariável	Categorias	$\hat{\beta}$	$\hat{\sigma}_{\hat{\beta}}$	Valor p	OR	IC _{95%} (OR)
Temer não ser reconhecido profissionalmente nos próximos 10-15 anos	Pouco ou nada (referência)					
	Muito	0,433	0,204	0,034	1,54	(1,04; 2,31)
Constante		-1,072				
		0,299		<0,001		

F.3. Perspetiva “longitudinal”

Tabela F.5 Número de respostas válidas por idade nas estimativas para a percentagem de jovens, residentes fora do concelho de Évora, que equacionam residir de forma permanente no concelho.

Idade	15	16	17	18	19	20	21
N.º de respostas	22	19	41	60	37	28	12

Tabela F.6 Número de respostas válidas por idade nas estimativas para a percentagem de jovens, residentes dentro do concelho de Évora, que equacionam deixar de residir de forma permanente no concelho.

Idade	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29
N.º de respostas	102	109	123	73	57	33	41	27	28	16	19	25	16	11	13

Tabela F.7 Número de respostas válidas por classe etária e sexo nas estimativas para a percentagem de jovens, residentes dentro do concelho de Évora, que equacionam deixar de residir de forma permanente no concelho.

N.º de respostas	Classe etária		
	15-19	20-24	25-29
Masculino	194	44	39
Feminino	270	101	45

Tabela F.8 Número de respostas válidas por idade e grupo nas estimativas para a percentagem de jovens, residentes dentro do concelho de Évora, que equacionam deixar de residir de forma permanente no concelho.

Idade	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29
Estudantes no Ensino Secundário	102	109	124	43	24	8	2	1	1	1					
Estudantes na Universidade de Évora				12	27	23	28	12	10	6	3	3	4	1	1
Trabalhadores				1	3	1	5	8	13	5	12	18	9	7	11



UNIVERSIDADE
DE ÉVORA



CiMA



UNIVERSIDADE da MADEIRA



CICS.NOVA
INTERDISCIPLINARY CENTRE
OF SOCIAL SCIENCES

FCT Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia



REPÚBLICA
PORTUGUESA